CHRISTIANE ISABELLE COUVE DE MURVILLE CAMPS

**A HORA DO BEIJO: TEATRO
ESPONTÂNEO COM ADOLESCENTES
NUMA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA**

*Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São
Paulo, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em
Psicologia.*

Área de concentração: *Psicologia
Clínica*

Orientador: *Profa. Dra. Tânia Maria
José Aiello Vaisberg*

São Paulo

2003

A HORA DO BEIJO: TEATRO ESPONTÂNEO COM ADOLESCENTES NUMA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA

**CHRISTIANE ISABELLE COUVE DE
MURVILLE CAMPS**

BANCA EXAMINADORA

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/____

Dedico este trabalho à Florisbela, ao Mão Preta, à Perua, ao Mendigo, ao Mascarado, às Prostitutas e às Damas finas, ao Mão Boba, às Noivas, aos Noivos, às Mães, aos Pais, às Madrinhas e aos Padrinhos, aos Padres, aos Gays, aos Travestis... e à tantos outros jovens que participaram das dramatizações.

Agradecimentos

Ao meu marido Roberto e aos meus filhos Marcelo e Ricardo pelo apoio e o incentivo constantes ao longo desta minha caminhada.

À Dra. Tânia Maria José Aiello Vaisberg, minha orientadora, que me acolheu com muito respeito e generosidade, oferecendo um campo fértil à realização deste trabalho, possibilitando que ele pudesse acontecer enriquecendo o meu viver.

Às amigas Lélia Souza da Silva, Lígia Masagão Vitali e Marina Martins Bialer pela leitura cuidadosa e crítica de meus textos, contribuindo na elaboração deste trabalho.

À Gina Khafif Levinzon, minha analista, pela sua presença em minha vida nos momentos mais difíceis desta minha trajetória.

Sumário

Apresentando uma experiência clínica não convencional.....	01
Adolescendo: transformações, desafios e sofrimento.....	05
Chegando à escola: minha aproximação institucional.....	14
Criando um enquadre psicoprofilático diferenciado.....	23
Apresentando as peças.....	47
Assassinato de um casal de namorados na praça.....	50
Traição e vingança.....	54
Casamento de Florisbela e Mão Preta: a cópula mortal.....	61
Sofrimento e desamparo.....	67
O casamento da perua.....	74
O casamento das prostitutas.....	77
O casamento do mendigo.....	83
A hora do beijo.....	88
O casamento dos gays.....	94
Pintando, pensando, buscando novos sentidos.....	97
Revisitando o teatro da espontaneidade como possibilidade de Presentificação do <i>self</i>	123
Referências.....	129

Resumo

CAMPS, Christiane Isabelle Couve de Murville. **A hora do beijo: teatro espontâneo com adolescentes numa perspectiva winnicottiana**. 2003. 132 f. Dissertação de Mestrado - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.

O presente trabalho, que se insere num conjunto de pesquisas voltadas à busca e fundamentação teórica de enquadres clínicos diferenciados capazes de responder a necessidades emocionais e existenciais geradas pela vida contemporânea, apresenta a narrativa de uma experiência clínica não convencional bem como reflexões que esta suscita, numa interlocução muito próxima com o pensamento de Winnicott. A estrutura do texto busca manter-se fiel, enquanto narrativa e reflexão, ao modo concreto como foi realizado o trabalho, na medida em que consistiu numa sucessão de encontros: com os adolescentes, com a memória do acontecido que foi registrado por escrito pela psicanalista após cada encontro, com os textos finalizados de cada peça, com demais psicanalistas do “Ser e Fazer”: Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social e com a obra winnicottiana. Inspirando-se no jogo de rabiscos, o enquadre diferenciado pesquisado caracteriza-se pelo emprego do teatro da espontaneidade como procedimento “apresentativo-expressivo” de maneira a estabelecer um campo lúdico capaz de sustentar o acontecer adolescente. Tendo à disposição uma mala contendo objetos variados adequados à confecção de fantasias, é oferecida aos jovens a oportunidade de um brincar que consiste na possibilidade de produção coletiva de dramatizações. No intuito de oferecer ao leitor uma noção do tipo de experiência clínica estudada, são apresentados relatos de nove peças que abordam os temas do casamento e da morte. Pode-se constatar que esses encontros favorecem o estabelecimento de um diálogo lúdico entre os jovens, oferecendo-lhes a oportunidade de expressar alguns dos dramas que os preocupam no momento e de experimentar novas formas de ser e de agir perante as questões levantadas. Uma vez que não se tratou de produzir

conhecimento sobre psicologia da adolescência, mas de estudar a fecundidade clínica de um enquadre diferenciado, não há pretensão de trazer conclusões sobre a adolescência ainda que o teatro da espontaneidade tenha permitido vislumbrar os dramas enfrentados pelos jovens. É legítima a conclusão de que se trata de enquadre de trabalho adequado e poderoso, porque, por meio do brincar, permite expressão, surpresa e articulação simbólica de aspectos de *self*.

Abstract

CAMPS, Christiane Isabelle Couve de Murville. **Time for a kiss: theatre of spontaneity with teenagers adopting a Winnicott's point of view.** 2003. 132 f. Master Thesis - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.

This work is part of researches interested in developing different clinic features of work based on theory, and capable to attend emotional and existential necessities created by contemporary life. It presents the narrative of a non-conventional clinic experience, and the reflections that came up during that experience, in a very close interaction with Winnicott's thoughts. The structure of the text, in what it concerns the narrative and the reflections, tries to follow very closely, the way this work has been accomplished, consisting of a succession of different meetings: with the teenagers, with the memories of what happened during the plays while writing down the experience after each play, with other psychoanalysts from: "Ser e Fazer": Laboratory of Mental Health and Social Clinic Psychology, and with Winnicott's thoughts. Inspired in the squiggle game, this different kind of work that has been developed, is characterized by the use of the Theatre of Spontaneity as a "Presentation-Expression" procedure in order to establish a playful atmosphere capable of supporting the teenager happening. Using a suitcase full of several different objects available for the creation of costumes, the teenagers have the opportunity of acting some plays in group. Nine narratives of plays about weddings and death are presented in order to give the reader a better idea of the clinic experience we have been studying. It is possible to observe that these meetings provide the establishment of a playful dialogue among the teenagers, offering them the opportunity for expressing some of the dramas that worry them, and for trying new ways of being and of behaving in front of the situations brought up in the group. Since the focus of this study is not to produce psychological know-how about adolescence, but to study the acceptance of this different clinical feature of work, there aren't any intentions of bringing any conclusion about adolescence,

even though the theatre of spontaneity has permitted observing some of the dramas those teenagers have been facing. It's correct to conclude that it refers to a very powerful and suitable clinical proposal of work, since, by playing, it permits expression, surprise and symbolic articulation of self-aspects.

**Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca
e Documentação do Instituto de Psicologia da USP**

Camps, C. I. C. de M.

A hora do beijo: teatro espontâneo com adolescentes numa
perspectiva winnicottiana / Christiane Isabelle Couve de Murville
Camps. – São Paulo: s.n., 2003. – 132p.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade
de São Paulo. Departamento de Psicologia Clínica.

Orientadora: Tânia Maria José Aiello Vaisberg.

1. Psicanálise 2. Adolescência 3. Winnicott, Donald-Woods, 1896-
1971 4. Teatro espontâneo 5. Psicoprofilaxia I. Título.

APRESENTANDO UMA EXPERIÊNCIA CLÍNICA

NÃO CONVENCIONAL

Considero as “Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil” de D.W.Winnicott (1971b) uma obra fundamental quando se pensa a prática e a pesquisa clínica como encontros inter-humanos. O livro é organizado como uma coleção de narrativas que se articulam às reflexões do autor, que generosamente nos apresenta seu modo sensível de estabelecer comunicação emocional com seus pacientes, fazendo uso do Jogo de Rabiscos que concebeu, oferecendo a seus leitores a possibilidade de examinar e discutir o material produzido pela dupla analista-paciente¹.

Portanto, as “Consultas terapêuticas” articulam vários encontros que acontecem em momentos diversos. O autor nos fala do encontro do terapeuta com o paciente, do encontro do terapeuta com o material produzido na sessão, durante a sessão e após o seu término, do encontro do paciente também com o material produzido na consulta terapêutica causando, eventualmente, surpresa ao superar cisões, dissociações. Num momento posterior, acontece também um encontro entre o terapeuta e a sua própria narrativa acerca do acontecer experienciado por ele na consulta terapêutica em questão. Winnicott ainda se refere ao encontro do psicanalista com o seu leitor, encontro capaz de favorecer novas reflexões a respeito do caso, contribuindo na produção de conhecimento. Esses diversos encontros, contemplados na apresentação de Winnicott das

¹ Creio que é importante ressaltar que o material gerado no encontro pela dupla analítica não é considerado como mero fruto do psiquismo do paciente, como emanção da interioridade do paciente, mas, decorrente do encontro inter-humano experienciado na sessão. É o que fica bem claro na medida em que o rabisco é uma produção conjunta, ainda que seja objetivo do terapeuta cuidar do paciente e não de si mesmo, estando livre para ser ele mesmo, entretanto sem distorcer o curso dos acontecimentos em função de sua própria ansiedade. Observa Winnicott (1965/1994) que cabe ao terapeuta comportar-se bem, lembrando que “o piquenique é do paciente”.

“Consultas terapêuticas”, a meu ver, também estão presentes numa pesquisa clínica² psicanalítica.

Tendo em vista o interesse em desenvolver enquadres diferenciados de trabalho em resposta a demandas de sofrimento gerado pela vida contemporânea, propus, em encontros com adolescentes de uma escola municipal, o teatro da espontaneidade³ como atividade capaz de favorecer a expressão dos jovens e o estabelecimento de um diálogo entre todos os participantes. Essa pesquisa clínica, que faz parte de um projeto amplo de pesquisa que vem sendo desenvolvido no “Ser e Fazer”: Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social⁴, procurou, portanto, investigar uma modalidade de atendimento clínico, para adolescentes, pautada pelo uso do conhecimento psicanalítico fora do contexto tradicional de consultório e fazendo uso do teatro de espontaneidade. A intenção é verificar se esse tipo de atendimento se revela clinicamente fecundo quando temos a atenção voltada aos adolescentes. Nesse sentido, realizei um atendimento que consistia de oficinas de teatro espontâneo e outras brincadeiras para os alunos de sexta a oitava série de uma escola da rede municipal⁵, com idades entre doze e dezessete anos. Essa investigação de uma nova forma de trabalho em instituição, foi acompanhada de reflexão e interlocução com o pensamento de

² Concordando com Bleger (1989) quanto à necessidade de se levar em conta o contexto social, econômico, histórico, cultural etc., em que se encontram as pessoas, essa visão clínica considera o ser humano em situação, inserido num acontecer humano muito mais amplo, que o transcende enquanto individualidade.

³ Em comunicação pessoal, Vaisberg relata sua experiência no uso do teatro da espontaneidade com adolescentes no contexto do atendimento de demandas de escolas interessadas em oferecer palestras sobre escolha profissional, abuso de drogas e sexualidade a alunos adolescentes. Trata-se de prática que vem desenvolvendo desde meados da década de setenta.

⁴ O “Ser e Fazer”: Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social, coordenado pela Profa. Dra. Tânia Maria José Aiello Vaisberg, foi criado em 1992 e oferece um serviço clínico no qual crianças, adolescentes e adultos recebem atendimento individual ou grupal mediante a disponibilização de materialidades expressivas de caráter mediador.

⁵ Meu ingresso na instituição, como voluntária, aconteceu dois anos antes à realização do presente estudo, quando, então, eu participava de um projeto que atendia individualmente, na própria escola, meninos de 3^a. e 4^a série. Esses atendimentos eram semanais de modo que eu já estava familiarizada com o ambiente em questão, bem como os funcionários e alunos estavam acostumados a me ver por ali.

Winnicott, de modo que a ação do pesquisador e a investigação científica encontravam-se imbricadas e aconteciam num ambiente próprio dos adolescentes. Concordo com Bleger (1984) para quem é fundamental que o psicólogo aproxime-se do dia-a-dia dos seres humanos propondo intervenções que favoreçam a saúde pública. Ao invés de esperar que as pessoas adoecem e procurem tratamento para suas aflições, o trabalho de investigação, que acontece conjuntamente com a ação interventiva, procura evitar a doença ajudando a melhorar o nível de saúde social e a condição de vida da população⁶.

Inspirando-me, portanto, nos escritos de D.W.Winnicott, entendo que, num primeiro momento, a pesquisa-intervenção que apresento a seguir esteve pautada nesses meus encontros com os adolescentes na escola onde foi realizado este estudo clínico de caráter interventivo. Várias peças foram, portanto, encenadas, sendo que todos os presentes, inclusive eu mesma, contribuímos na produção dramática vivida no grupo, como se a peça resultante fosse um “rabisco” coletivo. Entendo que esta proposta de atendimento voltada aos adolescentes caracterizou-se pela sustentação de um acontecer, às vezes, aparentemente, caótico, que propiciou o surgimento das peças, favorecendo a emergência de sentido para o fenômeno vivido em grupo. Nesses atendimentos, havia também o meu encontro e o dos próprios adolescentes com o material produzido nas sessões de teatro espontâneo, levando os jovens e também a mim mesma a, eventualmente, nos surpreendermos face aos dramas encenados, às personagens criadas, às soluções encontradas pelo grupo para nossas vivências conjuntas, face ao destino dado ao drama representado.

⁶ Barus-Michel e Giust-Desprairies (2001) propõem uma psicologia social clínica baseada no atendimento de uma demanda de constituição de significado por parte do sujeito social (indivíduo coletivo) face ao sofrimento vivido. No entanto, no caso dos adolescentes na escola, penso que existia uma demanda não explícita, muda, mas que podia ser apreendida pelo clínico sensível.

Numa etapa seguinte do trabalho de pesquisa, apresento minha narrativa de algumas peças produzidas nesses encontros na escola com os adolescentes. Estes textos, elaborados num momento posterior aos atendimentos, apresentam uma visão pessoal dentre outras possíveis dos encontros, cabendo igualmente observar que também faço parte dessas narrativas, visto que participei com os jovens na constituição do material gerado na sessão. Em diversos momentos nas dramatizações assumi papéis de personagens, contracenando com os jovens, por exemplo, como namorada, padre, ou mesmo, sendo degolada em cena.

O terceiro e último momento dessa pesquisa clínica inclui o meu encontro com a minha própria narrativa. Ao relacionar-me com meus escritos e retomando também o que aconteceu no passado, nos encontros com os adolescentes, trago minhas reflexões, à luz do pensamento de D.W.Winnicott, acerca dos dramas apresentados pelos jovens naquele momento e na minha presença, na busca de um sentido para o material produzido em grupo.

Para finalizar o trabalho, ofereço ao leitor, a oportunidade também de um encontro com o material das peças que apresento a seguir, propiciando novas leituras dos acontecimentos na escola, estabelecendo um novo campo de interlocução, no qual eu me apresento como narradora, e como alguém que já tratou psicanaliticamente, a partir da atenção equiflutuante, a minha própria narrativa. Essa superposição de planos de encontros e interlocução inter-humana me parece a forma mais rigorosa de construção de conhecimento nas ciências humanas, porque deste modo o conhecer se harmoniza com o existir humano, que é sempre coexistência. Escapa-se assim aos enganos do positivismo, segundo o qual o alcance mais puro da verdade bane, em última análise, a presença humana.

ADOLESCENDO: TRANSFORMAÇÕES, DESAFIOS E SOFRIMENTOS

Há poucos dias, tomei conhecimento do caso de um jovem que se atirou do décimo oitavo andar do prédio em que morava em Santana, São Paulo. Levei um choque ao receber essa notícia. Pensei nos pais desesperados que o criaram, viram-no crescer, e que, agora, presenciavam inconsoláveis a morte do próprio filho. Fiquei perguntando-me o que poderia ter acontecido a esse jovem de dezoito anos, o que o teria levado a cometer tal ato suicida. Teria ele usado drogas, discutido com a família, brigado com a namorada, com os amigos? Seria falta de perspectiva para o futuro, sentimento de inadequação, insatisfação, dificuldade nos estudos? Quem sabe, o rapaz sentia-se pressionado por algum motivo ou, talvez, se achasse pouco querido, rejeitado... Diversas hipóteses passaram pela minha mente e, por mais que eu buscasse alguma explicação que pudesse circunscrever o acontecimento dentro de uma lógica conhecida, eu sabia que não seria possível discriminar ou eleger um motivo específico para a atitude do rapaz. Havia, certamente, todo um histórico de vida e um contexto a serem considerados que, no momento, tornavam-se demasiadamente dolorosos de serem lembrados por suscitarem sentimentos de culpa, arrependimentos, dúvidas, ressentimentos. Tragédias como essas colocam em evidência as incertezas, preocupações, dificuldades, que acometem os adolescentes e seus pais, ou responsáveis, durante a adolescência, incentivando-nos a examinar com mais cuidado o que acontece com os jovens nessa fase da vida.

Podemos nos referir à adolescência como sendo um processo que marca a transição do estado infantil ao adulto e que vem acompanhado de grandes mudanças na vida dos jovens. O início da puberdade e do processo adolescente vêm marcados por transformações biológicas que se iniciam com a alteração da produção hormonal, contribuindo para o desenvolvimento físico e a

maturação sexual. Concomitantemente a esses acontecimentos no plano físico, que levam o jovem a ter que rever a imagem que formou de si mesmo e de seu corpo, acompanham modificações também do ponto de vista psíquico e social. Torna-se necessário repensar as relações estabelecidas até então, a posição ocupada na sociedade, os interesses, a participação no mundo de um modo geral. De acordo com Winnicott (1967/1999, p. 7) cabe aos adolescentes:

A tarefa de tolerar a interação de muitos fenômenos disparatados – sua própria imaturidade, suas próprias mudanças relativas à puberdade, suas próprias idéias do que é vida e seus próprios ideais e aspirações; acrescente-se a isso sua desilusão pessoal a respeito do mundo dos adultos, que lhes parece essencialmente um mundo de compromissos, de falsos valores...

A adolescência pode também ser pensada como passagem da dependência para a independência. Observamos que, no início da vida, a dependência do bebê é quase que absoluta e que, gradualmente, esse estado vai modificando-se ao longo do desenvolvimento da criança, passando para uma dependência relativa, até atingir a independência, a maturidade. A independência, no entanto, também é relativa, visto que não existe, de fato, indivíduo totalmente isolado e independente do meio em que vive e das pessoas que o circundam. Winnicott (1967/1999) enfatiza a importância do meio ambiente e entende a pessoa inserida num contexto do qual depende para viver. Conforme ele mesmo observou, não existe um bebê sem a sua mãe. Há, portanto, que se considerar o contexto social do qual o indivíduo faz parte, as situações concretas do acontecer humano (Bleger, 1989). Não se trata, desde essa perspectiva, de lidar com abstrações tais como a mente, o aparelho psíquico, mas de focalizar o adolescente, o homem concreto, em sua conduta⁷ em termos de experiência de vida, de acontecimento humano (Bleger, 1988).

⁷ Para Bleger (1989) a conduta compreende toda e qualquer manifestação humana, por mais estranha que possa parecer, e acontece concomitantemente nos planos mental, corporal e do mundo externo.

O processo adolescente, que devemos distinguir do fenômeno físico da puberdade, acontece num contexto sociocultural que o determina. A sociedade com suas regras e leis, as tradições, os costumes da comunidade onde está inserido o jovem adolescente, estabelecem os critérios que marcam a entrada para o mundo adulto. Poderíamos pensar um desses critérios como sendo a aquisição de condições para se encarregar de seu próprio destino, o que subentenderia poder cuidar de seu sustento e do de seus dependentes, assumir compromissos e responsabilidades, cumprir seus deveres enquanto membro ativo da comunidade.

No entanto, nos dias de hoje, parece que certos critérios que definem a entrada para a idade adulta tornaram-se mais difíceis de serem alcançados, prolongando, então, esse processo de transição, e favorecendo a permanência de jovens numa situação de dependência do ambiente familiar. Penso que essa dependência, que pode ser financeira e/ou afetiva, acaba mantendo-se muito em função das condições concretas de vida encontradas pelos jovens, mas, também em função da dificuldade dos adolescentes elaborarem, no contexto em que vivem, as ansiedades próprias da idade, ligadas à perda da condição infantil e à entrada no mundo novo dos adultos.

Através do relato de um adolescente, Tsu (1986) ilustra bem essa situação em que se encontra grande parte da população jovem. A autora aponta a exacerbação das dificuldades próprias da idade em condições de vida hostis, gerando muito sofrimento e favorecendo, inclusive, em alguns casos, a emergência de distúrbios mentais. Considero importante distinguir bem o meio social em que vive o jovem ou o grupo de jovens em questão. É bem diferente ser um adolescente que vai fazer uma escolha vocacional, que sabe que vai cursar uma universidade, ou ser um adolescente que estuda em escola pública, mora na favela, ou ainda, um adolescente que vive num abrigo ou mesmo nas ruas. Existe, de um lado, o adolescente de classe média que, por cursar o nível superior, pode demorar muito para poder bancar o próprio sustento,

permanecendo, então, por mais tempo, sob os cuidados da família. De outro lado, existe o adolescente de classe baixa, que não vai à universidade, e, em função da necessidade, dos problemas econômicos e sociais sofridos, logo cedo tem que ajudar nas despesas da casa. Por conta das desigualdades sociais, em cada uma dessas situações o processo adolescente acontece de forma diversa, com necessidades, angústias, e preocupações diferentes, levando alguns jovens, eventualmente, a terem que assumir responsabilidades de adulto antes mesmo de poderem elaborar os sentimentos, as angústias, as fantasias vividas na infância e reavivadas na adolescência.

De acordo com Winnicott (1968a/1975), na adolescência, os sucessos e os fracassos do bebê e da criança retornam para se acomodar e mesmo as pessoas que tiveram um início de vida muito bom, que se beneficiaram de um ambiente adequado ao desenvolvimento infantil, podem também sofrer muito na adolescência em decorrência das condições encontradas no mundo externo, da existência ou não de projetos, das expectativas. Na adolescência, quando ocorre esta reedição de situações emocionais análogas às da infância, o jovem encontra-se com uma possibilidade de agir no mundo compartilhado absolutamente diversa da criança que ele já foi. Ele é, então, capaz de realizar, de fato, suas fantasias inconscientes. Se antes, crescer, ocupar o lugar dos pais, ter uma vida sexual ativa, usar drogas, etc., eram fantasias e desejos difíceis de serem atingidos ou mesmo impossíveis de serem realizados, na adolescência, estes últimos tornam-se passíveis de se concretizar. O jovem adolescente desenvolve-se fisicamente, adquire força física que lhe permite atos agressivos, violentos. Ele atinge uma maturidade sexual que lhe possibilita ter filhos, satisfazer seus instintos e desejos mais antigos. Winnicott (1968a/1975) afirma que, se na infância, a fantasia de crescer vinha acompanhada da idéia de ocupar o lugar dos pais, matar o rival, ser agressivo, na adolescência, o jovem percebe-se suficientemente capacitado para poder realizar, de fato, suas fantasias eliminando seus rivais. Nas palavras do autor, (Winnicott, 1968a/1975, p. 195):

Se, na fantasia do crescimento primitivo estiver contida a morte, então, na adolescência, ver-se-á contido o assassinato. Mesmo quando o crescimento, no período de puberdade, progride sem maiores crises, é possível que nos defrontemos com agudos problemas de manejo, porque crescer significa ocupar o lugar do genitor. E realmente o é. Na fantasia inconsciente, crescer é, inerentemente, um ato agressivo. E a criança agora já não é mais pequena.

Considero muito importante o destaque que Winnicott (1968a/1975) faz acerca das mudanças que o crescimento físico pode introduzir na vida da fantasia, alterando o modo da pessoa perceber as coisas à sua volta e agir no ambiente em que vive. Winnicott (1969/1999) observa que o que, a princípio, é sentido pela criança como fazendo parte de seu mundo subjetivo, como pertencendo à fantasia, e sob seu domínio onipotente, aos poucos, com o desenvolvimento da capacidade de usar um objeto, ganha características independentes e passa a ser um elemento da realidade externa. Essa possibilidade de perceber o objeto, desvinculado da subjetividade do próprio sujeito que o percebe, subentende a destruição desse objeto na fantasia e sua sobrevivência no mundo exterior, colocando-o para fora da esfera subjetiva no mundo fora do controle onipotente do sujeito.

Esse fenômeno acontece na adolescência na destruição na fantasia dos rivais e no conseqüente triunfo do jovem (Winnicott, 1968a/1975). Para que o jovem atinja a maturidade tão almejada, esse confronto é necessário bem como a sobrevivência do adulto ao desafio adolescente. É natural que o adolescente discorde do mundo adulto, proponha novas idéias, busque soluções pessoais, que façam sentido em sua vida, para as questões que enfrenta. Em contrapartida, cabe ao adulto ser capaz de acolher essa manifestação do jovem, permitindo-lhe perceber-se autor de sua própria existência.

No pensamento de Winnicott, o processo de apropriação subjetiva⁸ do mundo subentende a criação, pelo indivíduo, do mundo que ele encontra ao seu redor, evidenciando a capacidade criativa inata do ser humano e sua possibilidade de realização enquanto ser criativo (Roussillon, 1999). Winnicott (1952/2000) aborda esse tema descrevendo o modo como a criança apropria-se do ambiente à sua volta, criando ilusoriamente, e de forma onipotente, o seio materno, criando o que já estava lá para ser encontrado. Winnicott (1970/1999, p. 24) entende a criatividade como:

A manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo. Para o bebê, isso não é difícil; se a mãe for capaz de se adaptar às necessidades do bebê, ele não vai perceber o fato de que o mundo estava lá antes que ele tivesse sido concebido ou concebesse o mundo.

Esse processo de apropriação subjetiva do mundo, que no caso do bebê, Winnicott (1952/2000) afirma ser fundamental para que a criança, mais adiante, possa vir a enfrentar a desilusão e aceitar a realidade tal qual ela se apresenta, torna possível ao indivíduo a descoberta de si mesmo e de suas potencialidades, bem como o desenvolvimento de um viver criativo. Para o autor, é no viver criativo que a pessoa experimenta o sentimento de estar viva, de ser (Winnicott, 1970/1999).

Ao propor o seu entendimento acerca do desenvolvimento infantil, Winnicott nos oferece uma nova forma de conceber as relações do indivíduo com a vida, com a realidade, ele fornece um modelo de maior alcance que, a meu ver, pode ser produtivo se usado para entender a adolescência. Entendo que a experiência de criação e apropriação do mundo pode estender-se a outros momentos, inclusive na adolescência, no relacionamento com as

⁸ Roussillon (1999) propõe a expressão “apropriação subjetiva” que se aplicaria a diferentes situações, desde o bebê até o processo de formação de um bom psicanalista. Ele observa como o próprio Winnicott, em seu movimento de apropriação da Psicanálise, viveu um processo semelhante ao transformá-la e reinventá-la ao seu modo.

peessoas, quando apreciamos uma obra de arte, ouvimos uma música no rádio, o noticiário, quando entramos em contato com o mundo que nos circunda e com as pessoas de um modo geral. Observa Safra (1999b) que o *self*⁹ vai se realizando em ciclos, no encontro com outros seres humanos, promovendo a evolução de aspectos do *self* que ainda não tiveram a oportunidade de acontecer, mas que existem enquanto potencial a ser desenvolvido, à espera de um ambiente adequado, para que possam vir a se constituir como elementos de *self*.

Penso que, na adolescência, essa experiência de criação e apropriação do mundo vivida pelo jovem não raramente desafia o adulto e o que já está dado, assumindo o contorno de um confronto. Nesses momentos de contestação e desafio, cabe ao adulto manter-se firme e reivindicar o direito de ter seu ponto de vista pessoal (Winnicott, 1968a/1975). Essa sobrevivência do adulto às investidas adolescentes torna-se fundamental para que o jovem possa se sentir vivo e criando a sua própria existência, para que possa chegar ao triunfo, à aquisição da maturidade através do processo de crescimento.

Winnicott (1968b/1999) observa que a imaturidade faz parte da adolescência e é um elemento sagrado e essencial que favorece a liberdade de expressão do pensamento criador. Nas palavras do autor, (Winnicott, 1968b/1999, p. 158):

A imaturidade é uma parte preciosa da adolescência. Ela contém as características mais fascinantes do pensamento criativo, sentimentos novos e

⁹ Safra (1999a) faz um esforço no sentido de esclarecer o termo *self*, explicando que este diz respeito a uma organização dinâmica que acontece no processo de maturação do indivíduo com a facilitação de um meio ambiente humano, e que permite ao indivíduo ser uma pessoa, ser ele mesmo. Como Bleger (1988), não estamos interessados numa teorização abstrata do modo como aparece, por exemplo, no conceito de ego, uma instância intrapsíquica de caráter funcional, articuladora das demandas do id, do superego e da realidade, ou no termo “eu” remetendo a uma auto representação, mas com a experiência emocional de “ser-se” que é melhor contemplada pela idéia de *self*.

desconhecidos, idéias para um modo de vida diferente... Um conselho à sociedade, para o bem dos adolescentes e de sua imaturidade: não permitir que eles queimem etapas e adquiram uma falsa maturidade através da transferência de responsabilidade que não são deles, ainda que lutem por elas.

O jovem, sem o peso da responsabilidade do adulto, lança suas idéias e propostas inovadoras que abalam o mundo, promovem o desenvolvimento da humanidade e o surgimento do novo. Esse aspecto do adolescente deve ser preservado cuidando-se para não lhe roubar essa irresponsabilidade própria da idade. Jovens, cujas vidas os obrigam a assumir responsabilidades antes do tempo, antes que possam atingir a idade adulta, passam a ocupar o lugar do pré-estabelecido e ficam à espera de serem, eles, desbancados pelo novo das próximas gerações. Nesses casos, não há confronto, desafio, e o jovem perde a oportunidade de sentir que conquistou o seu espaço, que construiu a sua identidade pessoal¹⁰. Ele perde a satisfação de se sentir fazedor de sua própria vida.

Ao longo da caminhada, rumo à condição adulta, e em meio a todas essas transformações próprias da adolescência, importantes escolhas de vida são feitas, entre elas a escolha de uma profissão e a escolha de um objeto amoroso fora do ambiente familiar. Tendo em vista a importância e a repercussão dessas escolhas na vida das pessoas, geralmente, os cuidados voltados aos adolescentes estão associados à orientação profissional, uso de drogas e sexualidade.

¹⁰ O conceito de identidade é importante, mas, conforme o modo como é empregado, pode aludir apenas ao representacional. A psicologia esteve durante muito tempo envolvida com o registro representacional, contudo, a clínica mostra e a fenomenologia fundamenta, que não basta considerar apenas o registro representacional se descuidamos do vivencial, da experiência pessoal, que se dá sempre em condições concretas de vida (Bleger, 1989).

Todos esses trabalhos dirigidos aos jovens podem ser valiosos¹¹ e, a meu ver, ganharam especial atenção nos últimos tempos em função da sociedade em que vivemos e do momento histórico pelo qual passa a humanidade. Entramos na era da comunicação, do mundo globalizado. O volume de informação disponível é enorme e sua divulgação extremamente rápida e abrangente. Tudo acontece de modo muito dinâmico, de um dia para o outro, surgem novas idéias enquanto outras se tornam rapidamente obsoletas. A agilidade do sistema financeiro, a instabilidade do mercado de trabalho, o desenvolvimento acelerado da pesquisa científica, até o surgimento da AIDS, como doença altamente transmissível, são alguns exemplos que ilustram a super atividade na qual estamos todos mergulhados.

Nesse ambiente extremamente agitado parece que o processo adolescente tornou-se ainda mais complexo, e a passagem para a condição adulta ainda mais sofrida. Fazer uma escolha, seja ela profissional ou na busca de um parceiro(a), aparentemente, transformou-se numa tarefa árdua. Antigamente, alguns povos realizavam rituais de passagem durante a adolescência no intuito de ajudar rapazes e moças a se desvincularem do mundo infantil e a se inserirem na comunidade adulta. Esses rituais praticamente desapareceram, contudo, ainda persistem alguns costumes tais como os bailes de debutantes, festas de 15 anos celebradas pelas famílias para apresentar a jovem moça, o Bar-Mitzva e o Bat-Mitzva na comunidade judaica. Frente a essas considerações, pergunto-me até se os trabalhos contemporâneos direcionados ao cuidado do adolescente não surgiram para, de certa forma, suprir uma necessidade de amparo e orientação antes desempenhada por esses rituais na adolescência, como uma forma de ajudar o jovem em sua inserção no mundo adulto.

¹¹ É importante observar que trabalhos, eventualmente, com denominações semelhantes, ou destinados a uma mesma população, podem seguir perspectivas teóricas e éticas muito diversas. A contribuição de Andrade (2000) abordando o tema da arteterapia ilustra bem essa pluralidade de perspectivas que leva a diferentes estilos de trabalho.

CHEGANDO À ESCOLA: MINHA APROXIMAÇÃO

INSTITUCIONAL

É válido dizer que o trabalho se desenvolveu a partir de uma dupla demanda: aquela explícita, de ordem institucional, e outra implícita, mas absolutamente fundamental, que derivava do sofrimento do próprio adolescente. Havia interesse da Instituição em que se desenvolvesse um trabalho junto aos jovens que ajudasse a melhorar as relações estabelecidas entre professores e alunos adolescentes considerados “problema” na escola. Esse interesse da instituição e a importância de se esclarecer o que os professores entendiam como “adolescente problema” deram, então, origem a esse atendimento de caráter psicoprofilático direcionado aos adolescentes da escola, e também possibilitaram uma pesquisa-intervenção realizada por Vaisberg e Camps (2002) a respeito das representações sociais de professores sobre o “adolescente problema”¹².

Considerando-se que, desde o início, meu interesse esteve voltado para o sofrimento adolescente, reconheci na Instituição escola um lugar social freqüentado pelos jovens, um local onde eles sofrem e onde eles podem,

¹² Nesta pesquisa-intervenção, empregamos o procedimento de Desenho-Estória com Tema como mediação lúdica na aproximação do imaginário grupal do coletivo “professor de segundo grau”. Este atendimento voltado aos professores da Instituição em questão permitiu que, em encontro terapêutico, no contato com o material produzido no grupo, se refletisse a respeito das relações estabelecidas entre professores e adolescentes no ambiente escolar, favorecendo o compartilhamento de problemas. Num ambiente descontraído, foram abordados temas do interesse dos professores, como por exemplo, as difíceis condições enfrentadas por eles no dia-a-dia do trabalho, as incertezas quanto ao papel do professor em sala de aula, dúvidas a respeito da distância que devem estabelecer no contato com os jovens. Surgiram também discussões sobre drogas na escola, tema freqüentemente trazido por professores e pais de alunos como algo que preocupa muito. De fato, a questão das drogas tem despertado a atenção e o interesse das pessoas, e, em particular, dos profissionais desta escola e da comunidade local. Não raro, aparecem na escola, casos de jovens fazendo uso de drogas ou convivendo de perto com traficantes e usuários de drogas. Vale também notar que esta escola situa-se num bairro de periferia da cidade de São Paulo e que, ao lado dela, estabeleceram-se duas favelas de onde vem a maioria dos alunos que freqüentam a instituição.

eventualmente, encontrar caminhos para o seus devires. Entendo que a escola é um local onde os jovens podem ser encontrados, preservando-se minimamente certas condições de vida social, uma certa organização familiar, visto que não são adolescentes institucionalizados, vivendo em abrigos, Febem, etc., ou vivendo nas ruas. Portanto, no contexto de um atendimento que leva em conta a proposta psicoprofilática de Bleger (1984), ficou combinado que semanalmente, às quartas-feiras, eu iria à escola e entraria em sala de aula, nas classes de 6^a a 8^a série, quando houvesse algum horário vago, aproveitando eventuais ausências e faltas dos professores regulares. Essas faltas eram freqüentes, praticamente toda semana havia algum professor ausente abrindo janelas na grade de horários da agenda escolar do dia. Em algumas ocasiões, geralmente em véspera de feriados, acontecia até de várias classes ficarem sem professor. Nesses dias, eu entrava em mais de uma sala, em horários diferentes, ou juntávamos os jovens de duas turmas da mesma série numa mesma classe.

Essa estratégia de aproximação institucional adotada em relação à escola, incluía contato telefônico, às quartas de manhã cedo, com a supervisora da escola que informava a respeito das faltas de professores, das classes com horário vago. A supervisora procurava sempre que possível remanejar os horários, preenchendo as primeiras aulas com os professores presentes e liberando as aulas de depois do recreio para as oficinas de teatro espontâneo com os adolescentes. Às quartas-feiras, portanto, em função das faltas do dia, eu entrava em uma ou mais salas de aula, nem sempre nas mesmas da semana anterior, geralmente, logo após o recreio. Acontecia, no entanto, de algumas turmas me verem com mais freqüência do que outras pelo fato de quase sempre coincidir a falta de um determinado professor com o dia em que eu costumava ir à escola.

Conforme minhas idas à escola foram se tornando regulares, e, embora os funcionários da instituição me conhecessem como a psicóloga que entrava

em sala de aula para fazer algumas atividades com os jovens, em alguns momentos parecia transparecer que havia algum interesse em que eu funcionasse como uma espécie de professora substituta. Isso, no entanto, não atrapalhou o trabalho realizado na escola nem tampouco afetou meu vínculo com os adolescentes. Nesses casos, Bleger (1984) adverte que convém ao psicólogo não pertencer ao quadro de funcionários da Instituição, de modo a evitar assumir papéis que eventualmente tentem projetar nele.

Ao entrar em sala de aula pela primeira vez, eu costumava me apresentar dando o meu nome e dizendo que eu era psicóloga e que estaria com eles durante aquele próximo horário propondo algumas atividades, brincadeiras. Eu explicava que todos estavam convidados a participar e também deixava claro que ninguém era obrigado a ficar, que tinham a liberdade de apenas olhar, ficar por perto, ou mesmo de se retirar se assim o desejassem. Nunca alguém saiu durante o primeiro encontro. Mais adiante, quando já me conheciam, alguns preferiam não participar e davam desculpas dizendo que tinham que ir embora, cuidar do irmão, ir mais cedo para casa, trabalhar, etc., prometiam vir na semana seguinte... Alguns de fato apareciam para os encontros na semana seguinte, outros participavam esporadicamente, mas havia um grupo que quase sempre estava presente, a não ser que houvesse algum passeio organizado pela escola, reunião de professores, dispensa geral por falta de professores, toque de recolher no bairro¹³, e, portanto, suspensão das aulas e do nosso encontro. Considero fundamental proporcionar ao adolescente a liberdade de escolher participar ou não da atividade oferecida, respeitando assim, o tempo e a necessidade de cada um, deixando espaço para que possa emergir um movimento próprio do jovem, seja no sentido de permanecer em sala de aula ou de não participar da oficina em questão.

¹³ Em função de brigas de gangues no bairro, envolvendo traficantes, aconteceu, durante um breve período, da circulação pelas ruas nos arredores da escola ser veementemente desaconselhada em alguns horários do dia.

Conforme os adolescentes foram se acostumando com a minha presença na escola às quartas-feiras, alguns dentre eles, e mais especificamente aqueles das turmas que já tinham tido mais contato comigo, começaram a requisitar minha presença em sala de aula quando me viam indo para a classe ao lado. Também notei que acontecia de alunos de outras classes virem para a classe onde eu me encontrava para participarem das atividades. Combinei, então, com os jovens de todas as turmas, que toda quarta-feira eu estaria na escola depois do horário regular, numa sexta aula. Criou-se, portanto, o hábito de nos reunirmos nesse horário extra todas as semanas, além de eventuais entradas minhas em salas de aula após o recreio. Mesmo quando a escola agendava alguma atividade para depois do horário normal de aulas, tal como, por exemplo, o ensaio da quadrilha para a festa junina, reuníamos-nos em uma das salas da escola, às vezes só para conversar. O número de participantes e os próprios adolescentes presentes nos encontros eram, portanto, bem variáveis embora houvesse um mesmo grupinho participando sempre dos encontros da sexta aula.

Nesses encontros com menor número de participantes, costumávamos nos sentar em roda e conversar. Os assuntos abordados nesses dias eram trazidos pelos próprios adolescentes e surgiam espontaneamente a partir de uma conversa inicial bem informal, corriqueira. Os temas dessas conversas versavam sobre: namorados, a primeira transa, o primeiro beijo, a primeira menstruação, o relacionamento com os pais, o medo de engravidar aos dezesseis anos, a morte de um dos pais, a escolha de uma profissão... Não raro acontecia também de algum aluno se demorar um pouco mais para ir embora de modo a conseguir um momento em particular comigo. Entendo que ajustes foram sendo necessários, em função da minha presença na escola e do maior envolvimento de alguns jovens, a fim de atender a uma demanda que aos poucos deixava de ser apenas institucional, configurando-se também como dos próprios adolescentes. Observa Bleger (1984) que a investigação clínica

modifica ao mesmo tempo o pesquisador e o objeto pesquisado levando a novas formas de agir e de perceber no ambiente em questão. Esse autor também aponta para o fato de que a simples presença do psicólogo já é um agente de mudanças, um catalizador ou depositário de conflitos.

No primeiro encontro, para cativar a atenção da turma e favorecer um ambiente mais relaxado e propício à expressão dos jovens, eu gostava de propor enigmas¹⁴. Depois disso, eu trazia outras brincadeiras, jogos de grupo, tais como, “siga o chefe”¹⁵, “perguntas indiscretas”¹⁶, dramatizações... Antes de entrar em sala de aula, eu já pensava em algumas brincadeiras que eu poderia propor ao grupo. Contudo, eu nunca sabia ao certo o que iríamos de fato fazer, como seria o encontro, qual a atividade que se desenrolaria. Muitas vezes, os próprios alunos acabavam sugerindo brincadeiras de que eles gostavam como, por exemplo, “telefone sem fio”¹⁷, “verdade ou desafio”¹⁸. Penso que em momentos como esses é importante estar aberto às diferentes possibilidades

¹⁴ Essa brincadeira consiste em contar uma história meio estranha para os jovens, cabendo a eles tentar descobrir do que se trata, qual o contexto da história. Às perguntas investigadoras dos adolescentes, o coordenador da atividade pode apenas responder sim, não, ou talvez.

¹⁵ Um dos participantes fica do lado de fora da sala enquanto que os demais colegas, sentados em círculo, combinam quem será o chefe na próxima rodada. A partir daí, todos no círculo devem imitar os gestos do chefe e cabe ao participante que ficou fora da sala descobrir o chefe. Na rodada seguinte, quem foi chefe sai da sala e escolhe-se um novo chefe.

¹⁶ Distribui-se uma folha de papel para cada participante. Os jovens são, então, convidados a escrever em seus papéis uma pergunta qualquer, versando sobre qualquer assunto. Esses papéis são em seguida dobrados e colocados em uma sacolinha de modo a garantir o anonimato dos participantes. Isso feito, um a um, os papéis são então retirados da sacolinha e lidos para a turma pela pessoa que coordena a atividade. Ao grupo como um todo cabe tentar responder às perguntas formuladas no grupo.

¹⁷ Nessa atividade os participantes sentam-se em roda e um deles fala na orelha de seu colega da direita uma frase ou palavra que deverá ser repetida de um para o outro, sucessivamente, até completar a roda. O último a receber a fala do colega deverá falar em voz alta o que ouviu, entendeu.

¹⁸ Gira-se uma caneta, um sapato, ou uma garrafa, etc., no centro de um círculo formado pelos participantes. Um dos lados do objeto girado indica a pessoa que fará uma pergunta e o outro lado do objeto aponta para a pessoa que deverá respondê-la. Aquele a quem cabe fazer a pergunta, pergunta: ‘verdade ou desafio?’. Se a resposta do colega à frente for ‘verdade’ o colega a quem cabe perguntar poderá fazer uma pergunta qualquer que deverá ser respondida com a verdade. Se a resposta for ‘desafio’, ao invés de responder a uma pergunta, o jovem colega a quem cabe responder deverá realizar uma prova estabelecida pelo primeiro.

que possam eventualmente surgir no grupo, acreditando na capacidade dos próprios adolescentes de criarem e encontrarem uma atividade que os agrade.

Houve épocas em que se repetiu, durante vários encontros, uma mesma brincadeira como, por exemplo, “siga o chefe”. Num outro momento “pichamos” um lençol enorme que ficou pendurado no fundo de uma das classes semanas a fio. O lençol virou sensação, todos queriam deixar sua marca nele. Também aconteceu de resolverem inventar uma peça para apresentar para a escola no final do semestre. Nesse dia, sentamo-nos em círculo e juntos criamos uma peça com personagens. Cada um dizia que papel faria, sugeria o que poderia acontecer. Conforme conversávamos, eu, sentada sobre uma das carteiras da sala de aula, senti uns dedinhos me explorando pelas costas, tocando-me de leve, mexendo delicadamente em meus cabelos, ombros. Notei esse movimento de alguns jovens atrás de mim e deixei acontecer. Entendo que havia aí um movimento que, além de demonstrar uma certa curiosidade em relação à minha pessoa, parecia sugerir uma tentativa de exploração, talvez uma forma de se certificar da real possibilidade de se expressar e se experimentar oferecida no encontro. Fiquei tranqüila ao perceber esse movimento dos jovens, podendo acolher naturalmente essa exploração ao reconhecer uma necessidade desses adolescentes de uma aproximação comigo, de um ambiente como o que estávamos criando juntos.

Acredito também que cabe ao psicólogo, nesses momentos, acolher o movimento genuíno do adolescente de modo que ele se sinta confiante na possibilidade de exploração e de ação no mundo que o circunda. De outra forma, mas também investigando as possibilidades oferecidas no encontro, um jovem repetidamente me perguntava se poderia ser o apresentador da peça o que considerei boa idéia. Um pouco mais tarde, esse mesmo menino também quis ser padre, sugestão que também foi acatada pelo grupo. Sucederam-se, assim, várias semanas em que se encenou essa mesma peça criada pelo grupo, e, a cada vez que ela era ensaiada, modificava-se. Nesse contexto,

observei que o teatro da espontaneidade surgia como algo que os jovens apreciavam, levando-os a encenarem diversas peças abordando temas como drogas, violência, casamento, traição, gravidez na adolescência...

Nos momentos em que acontecia a dramatização, costumava-se formar uma roda em cujo centro encenávamos as peças. Assim como assinala Moreno (1984), o local onde se desenrola o drama espontâneo, onde se deve estabelecer o palco, é o centro do espaço disponível para a atividade, dissolvendo, assim, o contraste entre palco, atores, e platéia, espectadores, existente no teatro convencional. Ficava, então, combinado que todos poderiam participar da dramatização do modo como achassem melhor, no papel que desejassem. No entanto, não era para definir o que o colega deveria fazer ou representar. Àquele que não estivesse satisfeito com o desenrolar do drama encenado caberia apenas entrar em cena para tentar modificar o drama encenado, e não apontar eventuais modificações que considerasse oportunas. Essas consignas, embora de tempo em tempo lembradas, eram freqüentemente desrespeitadas. Sempre havia algum jovem sugerindo personagem para o colega, dando palpites sobre a atuação do outro, dizendo o que era para o outro fazer em vez de entrar e participar.

Logo que os encontros depois do horário normal de aula foram se tornando regulares, começaram a aparecer “jovens penetras” na escola, interessados em participar dos nossos grupos semanais. A princípio pensei que fossem alunos da escola, de outras classes, que eu ainda não conhecia. Eles participavam bem das atividades, entrosavam-se bem no grupo, mas logo fiquei sabendo que eles costumavam invadir a escola pelos fundos para se juntar ao grupo e às suas namoradas, alunas da escola. Essa situação causou um certo incômodo na escola, visto que esses meninos eram bem conhecidos no bairro como bagunceiros. Segundo a direção da Instituição, eles viviam invadindo a escola e depredando suas dependências, haviam sido convidados a estudar, mas preferiam ficar nas ruas, trabalhando na confecção de balões. Depois

desse incidente, a escola passou a controlar mais acirradamente a entrada desses meninos às quartas-feiras. Ainda assim, alguns deles continuaram invadindo a escola por mais algum tempo, tentando participar dos grupos da sexta aula.

Conforme salienta Bleger (1984), não cabe ao psicólogo, que presta serviços a uma Instituição, tomar qualquer partido de um grupo específico, como no caso, dos alunos ou da direção da escola, nem tentar resolver por si o problema que se apresenta. A participação do psicólogo deve ser no sentido de ajudar na compreensão dos impasses, das variáveis envolvidas, de modo a capacitar a própria Instituição a refletir sobre a situação conflituosa e enfrentá-la. Havia vários aspectos a serem considerados. Os jovens “penetras” apresentavam-se de maneira adequada em nossos grupos, contudo, era fato que em algumas ocasiões danificavam as dependências da escola, os móveis. Certa vez um deles saiu carregando um extintor da escola. Por um lado, a direção da escola insistia que só poderiam freqüentar nossos grupos os alunos regulares, por outro, as meninas, principalmente, defendiam a presença de seus colegas. Nesse contexto, ainda notei um certo acanhamento de alguns meninos da escola frente à presença desses jovens que em média eram mais velhos. A possibilidade encontrada pela Instituição para lidar com esse episódio foi impedir a entrada desses adolescentes que acabaram sumindo, deixando de invadir a escola e de participar de nossos encontros. Creio que estavam em jogo, nesse episódio, importantes questões relativas à inserção do jovem no mundo da escola e do trabalho, no momento atual de nosso país. Havia uma tendência da escola em considerar esses adolescentes “penetras” como maus elementos. No entanto, a minha experiência com eles parecia dizer que respondiam construtivamente a uma proposta que lhes fazia sentido.

Em função do sucesso que o teatro de espontaneidade fazia na escola, resolvi levar uma mala cheia de objetos variados apropriados à confecção de fantasias. Eram véus, chapéus, bolsas, gravatas, cintos, cortes de tecido, luvas,

bijuteria, saiotes, peruca, gorro, óculos, cintos... No primeiro dia em que fui à escola, carregando a mala, notei os olhares curiosos dos adolescentes. Não faltou gente para me ajudar a carregar a mala, alguns se aboletavam ao meu lado, prontos para abrir a tal mala que por sua cor laranja já chamava muita atenção. Convidei, então, os jovens a explorarem o conteúdo da mala e a criarem suas fantasias. Naturalmente foram surgindo personagens e criou-se um ambiente propício à dramatização. No primeiro dia em que levei a mala à escola, coincidiu de vários professores faltarem. Em função disso, apresentei a mala a duas turmas diferentes, além da turma do encontro na sexta aula. Foram, portanto, três encontros com grupos diferentes e, curiosamente, todos esses jovens trouxeram um mesmo tema em suas dramatizações. Todos encenaram um casamento.

A mala ficou logo conhecida na escola e quando os adolescentes a viam no corredor já me perguntavam em que classe eu iria entrar. Sempre havia um ou outro da classe ao lado aparecendo para ver o que estava acontecendo na sala onde eu estava ou para se fantasiar também. Aconteceu de faltar roupa na mala, ou mesmo da própria mala ser usada nas dramatizações. Presenciei brigas por um mesmo saiote, negociações para se trocar um xale por outro objeto disponível. Nessas ocasiões, era necessário colocar para o grupo, de forma clara, a situação em questão no intuito de promover uma reflexão sobre o que estava acontecendo, estimulando um entendimento. Também notei, ao longo dos encontros com a mala, que alguns objetos sumiram e que outros se rasgaram, estragaram. No final dos encontros, era comum algumas meninas se divertirem arrumando a mala, dobrando as roupas, ajeitando as coisas para que nada ficasse amassado, mal guardado, ou de fora. De modo geral, costumavam ajudar a arrumar as coisas e carregavam a mala no corredor até a saída da escola ou até meu carro.

CRIANDO UM ENQUADRE PSICOPROFILÁTICO

DIFERENCIADO

Ao longo do desenvolvimento desse trabalho da Ser e Fazer na Instituição, e conforme foi sendo possível pensar essa prática clínica à luz do pensamento winnicottiano, pareceu-me que a mala e os objetos nela contidos surgiam como um convite ao brincar levando naturalmente os adolescentes à dramatização. A disponibilização destes objetos próprios à confecção de fantasias favorecia a instalação de um campo lúdico, estimulando os participantes a criarem personagens e experimentarem diferentes papéis. De acordo com Vaisberg, Correa e Ambrósio (2000), o oferecimento de uma visibilidade mais imediata da dimensão lúdica propicia o estabelecimento de um campo inter-humano lúdico que estimula a expressão dos participantes e promove o encontro humano. Nas palavras das autoras (Vaisberg; Correa; Ambrósio, 2000, p. 4):

Quando, no trabalho com grupos, são propostas atividades que têm potencial expressivo, ensejando o brincar, um diálogo se estabelece a partir de manifestações, verbais ou gestuais, que fazem uso da imaginação simbólica. Ou seja, um diálogo lúdico possibilita o encontro intersubjetivo, a partir do qual a experiência de atribuição partilhada de novos sentidos ao material aí produzido pode liberar novas formas de pensar e de agir.

Nesse sentido, o desenvolvimento de procedimentos que disponibilizam materiais mediadores tais como o tricô, o papel artesanal, os arranjos florais, e também a mala e seus objetos, tem ajudado a promover a participação dos pacientes aumentando a possibilidade de elaboração das questões trazidas no grupo. Esses procedimentos, entendidos como “apresentativo-expressivos” (Vaisberg; Correa; Ambrósio, 2000), buscam favorecer o encontro inter-humano que pode surgir quando um diálogo lúdico se estabelece a partir da

apresentação do objeto mediador. Modelos winnicottianos, como o de apresentação de objeto¹⁹, que aparentemente, foram cunhados para explicar a vida do bebê, podem ser usados para se pensar os complexos caminhos pelos quais o ser humano estabelece relação com a realidade²⁰. Conforme assinala Roussillon (1999), esse fenômeno de criação/encontro de um objeto pode ser transposto para outras situações da vida, acontecendo não apenas na relação mãe bebê, mas também, por exemplo, na relação analítica, sendo tarefa do psicanalista se oferecer, e oferecer um *setting* analítico passíveis de serem recriados/encontrados sob medida pelo paciente.

Nas oficinas psicoterapêuticas de criação do Laboratório Ser e Fazer, os trabalhos desenvolvidos em arteterapia baseiam-se na idéia de que o fenômeno de apresentação de objeto descrito por Winnicott aplica-se aos materiais mediadores bem como às intervenções do terapeuta que acontecem na forma de verbalizações ou atos que expressam compreensão do que está se passando (Vaisberg, Correa e Ambrósio, 2000). Os objetos oferecidos, sejam eles materiais mediadores ou intervenções do analista, são apresentados de modo a poderem ser criados/encontrados pelos pacientes respondendo às suas necessidades expressivas.

Conforme os adolescentes foram se acostumando à constância de nossos encontros e conforme eles foram experienciando as brincadeiras e dramatizações, também foram se sentindo mais à vontade para participar das atividades, das dramatizações, e arriscar experimentar novas personagens,

¹⁹ Para Winnicott (1949/2000), constitui tarefa da mãe fornecer ao bebê o objeto de que ele necessita exatamente no momento em que ele está pronto para encontrá-lo. Essa aparição do objeto no momento oportuno permite à criança criar o que já estava lá para ser encontrado. Essa experiência ilusória de um objeto existindo dentro da área onipotente do bebê permite à criança acreditar que ela poderá encontrar no mundo ao seu redor o que ela deseja, necessita. De acordo com o mesmo autor, se tudo correr bem ao longo de seu desenvolvimento, a criança poderá mais adiante perceber os objetos à sua volta existindo independentemente de sua vontade e de seu domínio onipotente.

novas formas de ser e de agir. Era interessante observar como alguns jovens se transformavam em função do grupo e da atividade desenvolvida. Jovens que ora tinham se apresentado de forma tímida ou desajeitada, em determinadas brincadeiras, mudavam de atitude surpreendendo a mim, ao grupo e acredito que a eles mesmos. Lembro-me de uma jovem que geralmente falava em tom de gritaria, com uma voz estridente, e que, de modo geral, apresentava-se com um jeito afoito, estabanado. Quando brincamos de “siga o chefe”, essa moça transformou-se, foi impecável participando da atividade de forma séria, com descrição e compenetração, confundindo seus colegas. Também presenciei ocasiões em que jovens assumiam personagens de forma tão adequada, representando cenas e proferindo falas com tanta perfeição que conferiam à encenação um toque de realidade especial. Lembro-me do delegado autoritário, mandando revirarem os colchões na cadeia, do traficante negociando drogas com um companheiro, dos policiais maltratando bandidos, do delegado competente na apuração de um crime.

Winnicott (1971a/1975) postula a existência de uma terceira área do viver humano que não está nem fora - na realidade compartilhada - nem dentro do indivíduo. Essa área que ele denominou de espaço potencial, e que se estabelece a partir das experiências vividas e da confiança experimentada ao longo dessas vivências, situa-se entre a realidade interna e o mundo externo compartilhado. Segundo o autor, é no espaço potencial que acontece o brincar vinculando passado, presente, futuro, realidade externa e mundo interno dos indivíduos. No teatro espontâneo, tal como vim a praticar com os adolescentes, esse entrelaçamento no tempo e no espaço também acontece. No espaço potencial criado nos encontros com os jovens na escola, realidade compartilhada e interior tocavam-se e, ao mesmo tempo, mantinham-se separadas. Nesse ambiente propício ao brincar criativo, os jovens entravam no

²⁰ Safra (1999b) fala dos diferentes sentidos de realidade vividos pelo ser humano ao longo do processo maturacional, sendo eles a realidade subjetiva, transicional e compartilhada, relacionando-os com objetos subjetivos, transicionais, e objetivamente percebidos.

mundo do “faz de conta” que, conforme observou Safra (1999a), só pode ser usufruído quando se tem a certeza de que ele terá um fim. A noção de começo, meio e fim, exemplificada por Winnicott (1941/2000) a partir da observação de bebês em uma situação pré-definida, permite que o fenômeno transicional aconteça, pois evita que se tenha uma experiência de terror, no qual o indivíduo se sente preso a um estado psíquico vivido como eterno, enlouquecedor e ameaçador da organização de seu *self*.

Absorvidos nesse brincar que nos transportava para o mundo do “faz de conta”, encenávamos, ali, na sala de aula, cenas em um motel, em uma feira livre, numa praça, e cada participante contribuía ao seu modo preenchendo esse espaço com seus dramas passados e presentes, com suas expectativas de futuro. Descortinava-se à frente dos jovens, de forma mais evidente quando eu levava a mala, um universo de possibilidades. Tornava-se possível aproximar-se do novo, do diferente, do que assusta, atrai, gera curiosidade, preocupação ou medo. Num ambiente descontraído e divertido, era permitido ser gay, drogado, traficante, policial, padre, noivo, madame, super-homem, rico, mendigo,... Era possível colocar peruca, experimentar seios, jóias, chapéus, etc, e, conforme as personagens iam surgindo e a dramatização ia acontecendo, tomavam forma as fantasias, os sonhos, as questões adolescentes.

Nesse ambiente lúdico era oferecida a oportunidade de apresentação e de vivência de situações que remetiam a sofrimentos e preocupações adolescentes, permitindo que as questões trazidas pelos jovens pudessem ser pensadas, quem sabe até elaboradas, ocasionando eventuais mudanças de posicionamento emocional e existencial frente a elas. De modo geral, acredito que esses encontros em que se produziam peças de teatro espontâneo

ajudavam a colocar em marcha²¹ as questões trazidas pelos adolescentes, favorecendo que fossem colocadas sob o gesto criativo dos jovens, promovendo e possibilitando o desenvolvimento para além da dificuldade em questão e ajudando os adolescentes presentes na difícil transição da dependência à autonomia.

Conforme esses encontros com a mala foram acontecendo, observei que a maioria das dramatizações dos adolescentes continuou apresentando casamentos e trazendo como drama central situações amorosas, conjugais. Numa época em que os jovens falam em “ficar”, surpreendeu-me essa recorrência de casamentos nas dramatizações dos adolescentes. Temas como drogas e violência também foram abordados, contudo, ficou claro que essas questões, embora muito presentes no dia-a-dia dos jovens, não constituíam uma preocupação premente dos adolescentes que participaram da atividade.

Safra (1995) enfatiza a importância de favorecer o surgimento de condições que ajudem o paciente a ter uma experiência simbolizadora capaz de mudar sua perspectiva de mundo e sua visão de si mesmo. Nas palavras do autor, (Safra, 1995, p.24), cabe enfocar:

Os dinamismos existentes na relação analista-paciente que parecem favorecer o aparecimento de uma condição que ajuda o paciente a ter uma experiência simbolizadora, que o levará a mudar a sua perspectiva de mundo e a visão de si mesmo.

Na visão winnicottiana, a realização pessoal subentende a presença do outro e está inevitavelmente articulada ao modo como o indivíduo se coloca no mundo (Safra, 1999a). Relembrando a afirmação de Winnicott (1960/1983) de que não existe um bebê sem sua mãe, Safra (1999a) observa que não existe o

²¹ Ao contrário de concepções de trabalho que parecem mais voltadas ao resgate do passado, esse “colocar em marcha” diz respeito à preocupação de um devir, da possibilidade de acontecer no mundo.

self sem o outro, não existe uma *mãe suficientemente boa* a não ser num campo sociocultural que lhe dê a possibilidade de exercer suas funções. Da mesma forma, o adolescente e o processo adolescente devem ser compreendidos num contexto mais abrangente que inclui os pais, os antepassados, bem como o momento sociocultural no qual estão inseridos.

O meio ambiente e sua influência no desenvolvimento e crescimento emocional das pessoas ganharam especial atenção na obra de Winnicott. No pensamento do autor, (Winnicott, 1967/1999), uma provisão ambiental satisfatória capaz de se adaptar às necessidades individuais da criança, especialmente no início da vida do bebê, é fundamental para propiciar a realização das várias tendências individuais herdadas, bem como o desenvolvimento do indivíduo de acordo com elas. No início da vida, o bebê tem necessidades, que ao serem supridas pelo ambiente, proporcionam-lhe uma experiência de continuidade de ser que é a base para o estabelecimento da saúde mental futura (Winnicott, 1967/1999). Uma adaptação quase que perfeita da mãe, ou responsável, às necessidades do bebê favorece o movimento próprio e espontâneo da criança em busca do ambiente, na sua descoberta e exploração, sem que a criança perca a sensação de continuidade de ser (Winnicott, 1990). Uma quebra nessa vivência de continuidade é sentida pela criança como uma intrusão ambiental e fica associada a angústias de aniquilamento e destruição do *self*, levando a criança a reagir ao que é experimentado como ameaçador e perigoso. Para se proteger, a criança pode procurar o isolamento retraindo-se em seu movimento explorador, ou pode adequar-se excessivamente ao meio ambiente, dificultando assim o desenvolvimento de seu próprio *self*. A repetição de um padrão de reação a um ambiente sentido como hostil pode acabar cristalizando-se, impedindo o movimento genuíno da criança e do futuro adulto. Nas palavras de Winnicott (1990, p. 149):

A influência ambiental pode iniciar-se numa etapa muitíssimo precoce, determinando se a pessoa, ao buscar uma confirmação de que a vida vale a pena, irá partir à procura de experiências, ou se retraindo, fugindo do mundo.

Nesse sentido, o oferecimento de um *ambiente suficientemente bom*, adequado às necessidades da criança, serve de suporte para o bebê garantindo esta vivência de continuidade, ajudando-o a viver e simbolizar seus conflitos iniciais, e permitindo que saia em busca do mundo. Nas palavras de Winnicott (1967/1999, p. 5):

É somente sobre uma continuidade no existir que o sentido do *self*, de se sentir real, de ser, pode finalmente vir a se estabelecer como uma característica do indivíduo.

Além da presença do outro no acontecer humano, Safra (1999a) identifica a ação, o gesto, como sendo o que possibilita a inserção do indivíduo no mundo, em sua singularidade, levando-o a sentir-se vivo e existindo. Enfatizando o valor da ação como forma do bebê surgir no mundo, Safra (1999a, p. 139) explica:

Não basta, para o acontecer do *self* do bebê, que o mundo esteja pronto com suas estéticas, com seus códigos, com seus mitos. A criança precisa, pelo gesto, transformar esse mundo em si mesma. É preciso que o mundo, inicialmente, seja ela mesma, para que ela possa apropriar-se dele e compartilhá-lo com outros.

Winnicott como pediatra empregou o paradigma da relação mãe-bêbê para exemplificar o modo como o indivíduo se apropria do mundo à sua volta, subentendendo a presença de um outro, no caso a mãe, e de um ambiente propício ao crescimento, capaz de favorecer o gesto criativo. A situação do

bebê é, no entanto, bem diferente da do adolescente²², mas, conforme observaram Vaisberg e Machado (1996), esse paradigma oferecido por Winnicott acerca do desenvolvimento do bebê, pode ser utilizado de modo mais amplo, como, por exemplo, no ensino de psicopatologia, promovendo uma vinculação criativa dos alunos com a psicopatologia psicanalítica. Acredito, portanto, que esse modelo de relação estabelecida entre a mãe e seu bebê, que subentende a crença na capacidade criativa do indivíduo, pode ser transposto para as relações humanas de um modo geral. Granato (2000) apresenta a metáfora do jardineiro para ilustrar esse oferecimento de condições propícias ao desenvolvimento psíquico. O jardineiro tem noção da singularidade da flor que ele quer cultivar, ele sabe que está lidando com algo que o transcende. Ele planta uma semente e cuida dela, oferecendo-lhe um solo adequado às suas necessidades de modo a favorecer seu crescimento, sua expressão, sem, no entanto, tentar mudar sua natureza. Tanto a mãe quanto o jardineiro sustentam um ambiente para que o bebê e também a semente façam seus movimentos no sentido do desenvolvimento. Essa forma de se colocar e de agir na relação com os outros, além de ser uma atitude ética e de respeito, revela a crença num ser humano criativo, com um potencial herdado para o desenvolvimento.

Criar, no entanto, condições inter-humanas que facilitem a expressão emocional e que propiciem o gesto criativo é sempre um desafio, principalmente quando não se está apenas praticando uma clínica psicanalítica convencional, que se faz a partir de uma demanda e da queixa de um paciente que reconhece tanto o seu sofrimento como a necessidade de ajuda para, malgrado suas defesas, permitir o acontecer do encontro terapêutico. Há um desafio maior ao clínico quando ele faz o que Bleger (1984) recomenda; ir ao encontro da

²² Enquanto o bebê é acolhido numa condição de impotência e de dependência existencial completa, o jovem tem elementos para agir no mundo, fazer coisas, inclusive estragos. Um ambiente adequado ao jovem deve, portanto, levar em conta essa possibilidade de ação sem menosprezar sua capacidade de realizar atos auto e hetero agressivos.

população propondo ações que favoreçam a saúde pública. Nesse tipo de trabalho, em geral, não existe, uma demanda clara, uma queixa específica, articulada por parte das pessoas que se beneficiam da ação do psicólogo junto ao grupo social em questão. Essa situação acontece na escola, com os adolescentes, cabendo, então, ao psicólogo clínico procurar oferecer condições que favoreçam o movimento adolescente, colocando-se numa atitude de disponibilidade e receptividade, cuidando para não ser intrusivo, dando espaço para que o jovem possa se desenvolver, acreditando em sua possibilidade de crescimento. Roussillon (1999) observa que cabe ao psicanalista oferecer condições para que o paciente descubra-se a si mesmo, tornando-se capaz ou retomando sua capacidade de criar o que ele encontra à sua volta, e de encontrar o que ele é, já foi ou pode vir a ser no desenvolvimento e descobrimento de suas potencialidades. Nos encontros com os adolescentes, procurou-se, então, estabelecer um ambiente lúdico e protegido, capaz de sustentar o acontecer humano, que pode ser comparado a essa provisão ambiental adequada e sensível capaz de favorecer a descoberta e realização de si mesmo, das potencialidades herdadas e da capacidade criativa inerente a todo ser humano.

Acredito que o oferecimento de um ambiente adequado ao desenvolvimento pode ser valioso em diversos momentos da vida como na adolescência, durante a gestação, ou ainda, em estados terminais, quando, muitas vezes, uma verdadeira maternagem pode vir a se tornar necessária. É importante, no entanto, ter claro que não se trata de reproduzir a relação mãe-bebê no contato com os jovens, as gestantes, as pessoas idosas, etc., mas de poder estabelecer uma relação que propicie o encontro e o desenvolvimento humanos, assim como acontece na relação mãe-bebê.

No atendimento a mulheres durante a gestação e o pós-parto, Granato (2000) observa a importância do terapeuta conseguir adequar sua técnica às necessidades das pacientes. Nesse sentido, visitas domiciliares, telefonemas,

comunicações por carta, entre outras formas de interação terapeuta-paciente, serviram para estabelecer uma situação de confiança mútua oferecendo condições favoráveis ao desenvolvimento da capacidade de maternagem das pacientes. Essa flexibilidade do terapeuta, no entanto, não significa infantilizar o atendimento ou a paciente em questão, mas sim oferecer condições adequadas ao paciente de modo a favorecer o seu desenvolvimento emocional. De acordo com Winnicott (1961/1999, p. 93):

Existem muitas variedades de psicoterapia, que deveriam depender não dos pontos de vista do terapeuta, mas das necessidades do paciente ou do caso. Quando possível, aconselhamos psicanálise. Quando não for possível, ou houver argumentos contra, então se pode criar uma modificação adequada.

Essa adequação às necessidades do paciente, e à situação enfrentada, parece importante quando nos propomos realizar um trabalho numa escala social mais ampla seguindo a proposta de Bleger (1984) de ir ao encontro da população propondo intervenções que favoreçam a saúde pública de um modo geral. Penso que esta clínica não convencional, muito diferente da que acontece nos consultórios, por estar em contato direto com o acontecer do momento, com a dificuldade do dia-a-dia, está sujeita a enfrentar, de fato, momentos críticos e de grande dificuldade que requisitam a presença e a adaptação do terapeuta no contexto vivido.

Nesse sentido, Vaisberg e Machado (1996), também inspiradas na boa maternagem, realizaram aulas práticas transicionais, com o uso de dramatizações, no intuito de permitir uma aproximação paulatina dos alunos de psicopatologia à realidade do sofrimento psíquico. Esse cuidado na apresentação dessa nova realidade visava favorecer a formação de futuros profissionais capazes de se defrontar com angústias primitivas sem, no entanto, terem que recorrer a defesas psíquicas como formas de distanciamento do tema abordado.

Também com os adolescentes, o cuidado na forma de abordá-los parece ser especialmente importante e decisivo de modo a criar um espaço propício ao encontro humano e ao desenvolvimento psíquico dos adolescentes. Creio que o jovem sente-se desrespeitado e tolhido em seu movimento inovador e criador, quando nos aproximamos dele, assumindo ares de quem sabe e tem a solução para os problemas adolescentes, adotando uma postura, de certo modo autoritária, impondo o modo de ser e pensar adulto. A reação do jovem, frente a uma tal aproximação, pode ser tão sofrida quanto à do bebê que se sente invadido pelo ambiente, guardadas as singularidades dessas duas diferentes condições existenciais. Ele acaba afastando-se do adulto e de suas proposições, assumindo uma atitude defensiva desinteressada ou oposicionista que lembra a reação do bebê que se retrai e se isola, tentando proteger-se de um ambiente invasivo. Pode também acontecer do jovem moldar-se excessivamente às propostas do adulto ou psicólogo contribuindo, então, no estabelecimento de um *false-self*.

Essas formas de reação à intromissão adulta dificultam a expressão genuína e espontânea do adolescente e o desenvolvimento de seu jeito singular de ser e de viver. A ausência de uma adaptação adequada, assim como nos primórdios do desenvolvimento infantil, impede o movimento próprio do jovem em busca do ambiente e de seus interesses, dificultando a experiência de se sentir vivendo a própria vida. Acredito que é justamente esse tipo de atitude reativa dos jovens que o psicólogo deve procurar evitar, adotando, então, uma atitude inspirada na maternagem suficientemente boa.

Nesse contexto, há também que se considerar que existe uma tendência dos jovens a associarem a figura do psicólogo clínico na escola à figura de um professor, um representante da instituição, ou mesmo, a figuras parentais. Essa associação eventualmente pode dificultar ou retardar o estabelecimento de um campo propício à expressão subjetiva despreocupada por parte dos

adolescentes. Entendo, então, que cabe ao psicólogo, no contato com os adolescentes, procurar assumir uma posição não autoritária, e autêntica, na busca conjunta de possíveis soluções para as questões trazidas e enfrentadas pelos jovens, individualmente ou em grupo. O psicólogo, no caso, não é nem pai, nem mãe, nem tampouco professor, mas um adulto disponível para viver uma experiência com os jovens, sem deixar de ser ele mesmo, mas sendo capaz de, conforme observa Winnicott (1965/1994), comportar-se bem diante da condição existencial dos adolescentes atendidos.

A possibilidade de se estabelecer um vínculo verdadeiro, onde o jovem também pode se expressar com autenticidade, parece nos remeter à presença real do psicólogo na sua relação com os adolescentes. Conforme as observações de Carvalho (2001), não apenas o que diz o analista, mas também o seu modo de ser, de se comunicar, a autenticidade de sua fala acompanhando o que ele realmente sente e pensa, afetam a relação clínica. Da mesma forma, baseada nessa clínica que venho desenvolvendo com adolescentes, acredito que a qualidade da presença do psicólogo e sua singularidade são fatores decisivos na criação de um espaço capaz de permitir e sustentar a experiência vivida em grupo. Esses encontros com os jovens, na escola, constituíam um momento de criação do grupo que incluía o psicólogo como alguém que se expõe e que participa dos acontecimentos, eventualmente, até dos dramas encenados.

No intuito, então, de oferecer condições favoráveis à expressão e ao desenvolvimento do jovem, elegeu-se, para esta pesquisa, o teatro da espontaneidade como recurso expressivo. A proposta de uso de dramatizações articulado ao referencial psicanalítico já vem sendo adotada por diferentes autores (Bustos, 1982; Naffah Neto, 1990; Levinzon, 2001), e, entre eles, Tofolo (1994) e Vaisberg e Machado (1996) empregaram de forma produtiva procedimentos psicodramáticos tanto em contexto didático quanto no

desenvolvimento de pesquisas clínico-interventivas, evidenciando essa possibilidade de articulação de dramatizações e Psicanálise.

Enquanto que no teatro convencional os atores procuram desempenhar, da melhor forma possível, um papel de acordo com um roteiro previamente definido por um dramaturgo em algum momento do passado, no teatro da espontaneidade, todos os participantes são ao mesmo tempo atores e dramaturgos acontecendo no momento mesmo da realização teatral. De acordo com o seu idealizador, Moreno (1984, p. 96):

A verdadeira forma de uma arte do momento é a da livre e desimpedida produção dramática espontânea. O drama espontâneo deve evitar a distribuição dogmática e rígida de papéis, tanto quanto o diálogo rígido e dogmático.

De acordo com Moreno (1984), o teatro da espontaneidade abre para o homem uma nova dimensão da existência trazendo para o palco os dramas que brotam nas mentes das pessoas, na vida cotidiana. Moreno (1975, p. 889) também afirma que:

Uma vez que ao ator fora permitida uma completa espontaneidade própria, todo o seu mundo privado, seus problemas pessoais, seus próprios conflitos, seus sonhos e derrotas, ganharam o primeiro plano. Reconheci gradualmente o valor terapêutico que esse tipo de apresentação tinha para o próprio autor e para o público, quando manipulado adequadamente.

O teatro da espontaneidade aparece, portanto, como um procedimento adequado para facilitar a expressão subjetiva e favorecer uma aproximação das questões do dia-a-dia dos adolescentes, dos aspectos afetivos emocionais inconscientes presentificados na dramatização. Essa pesquisa-intervenção, através de relatos de peças produzidas em encontros de teatro espontâneo com jovens, traz alguns dramas vividos por eles nessa fase de crescimento.

A escolha desse procedimento não implica, no entanto, a adoção do referencial psicodramático moreniano. Embora comprometido com o desenvolvimento da espontaneidade e livre expressão dos indivíduos, Moreno (1975) deixa transparecer, em alguns momentos, em sua obra, uma certa preocupação em estruturar a atividade dramática. Nesse sentido, o psicodrama como forma de terapia em etapas bem definidas e com técnicas específicas, e os testes sociométricos e de espontaneidade, parecem satisfazer essa procura do autor, ao mesmo tempo adequando-se ao pensamento positivista predominante na época nos Estados Unidos. No trabalho com adolescentes, Monteiro (1994) inclusive observa que as diferentes etapas de uma sessão de psicodrama acabam confundindo-se e acontecendo ao mesmo tempo.

Em contrapartida, o teatro da espontaneidade, especificamente pelo seu caráter não diretivo, parece adequar-se ao tipo de trabalho que desejei realizar. Acredito que para o estabelecimento de um ambiente capaz de acolher a manifestação dos adolescentes, ajustando-se a seus interesses e necessidades, as atividades propostas no grupo não devem ser pré-estabelecidas, de modo a evitar que sejam sentidas como impostas, invasivas. É importante que a atividade surja no contato com os adolescentes, e que faça sentido para o grupo em questão. Penso que o psicólogo deve ir a campo com algumas idéias e propostas de atividades para sugerir ao grupo, mas o grupo como um todo é que deve escolher e construir a cada instante o acontecimento do momento.

Vale, no entanto, conforme esclarece Vaisberg (1999), distinguir entre o método psicanalítico, que é sempre o mesmo, assentado no pressuposto de que toda conduta humana tem um sentido, e os diferentes procedimentos e enquadres como formas diversas de concretização do método. Assim sendo, o uso do teatro espontâneo como procedimento em pesquisa clínica e os enquadres diferenciados empregados nos atendimentos a diferentes populações surgem como possibilidades de realização do método psicanalítico.

Entendo que a transposição dos princípios básicos que estruturam o método, ou seja, a experiência subjetiva, a escuta diferenciada, a intervenção do analista, e a elaboração transformadora, para uma clínica psicoprofilática não convencional, como a que pratico na escola, permite o uso do método enquanto prática que possibilita o surgimento de novos significados, sentidos, ao material apresentado e vivido nos encontros. Penso ser importante enfatizar que, no contexto dos atendimentos na escola, não apenas tornava-se possível a apreensão de novos sentidos, mas existia também a oportunidade de se experimentar a própria vida desde um posicionamento existencial diferente, sentindo-se vivo e presente, criador de sua própria existência.

Entendo que o teatro espontâneo acontece num espaço potencial, capaz de conter a experiência subjetiva adolescente, onde todos, inclusive o psicanalista, participam na construção conjunta de uma dramatização. Esse modo de pensar o teatro da espontaneidade subentende a idéia de que os participantes, além de criarem a situação encenada no grupo e em grupo, criam-se/encontram-se a si mesmos e uns aos outros, presentificando, no momento mesmo da dramatização, a possibilidade de experimentação de novas formas de ser e estar no grupo, ampliando a percepção de si mesmos e do grupo. O trabalho clínico fica então assentado, não na mera observação dos acontecimentos e dos sujeitos participantes, mas como fenômeno inter-humano que é produzido e vivido por todos e que a todos engloba.

Essa forma de perceber o teatro da espontaneidade difere da visão “projetivo-psicométrica” do uso de dramatizações proposta, por exemplo, por Anderson&Anderson (1967). Esses autores reconhecem que através do emprego de dramatizações como procedimentos projetivos torna-se possível observar aspectos da personalidade dos indivíduos em ação. Contudo, na visão deles, parece que a atitude do psicólogo aproxima-se à de um examinador externo aos acontecimentos, que colhe dados a respeito dos sujeitos observados, como se a diferenciação sujeito-objeto fosse de fato possível.

Trata-se, portanto, do estabelecimento de um *setting* objetivante, absolutamente diverso do trabalho que realizo em termos de encontro humano.

Inspiradas nas contribuições de Winnicott (1951/2000) a respeito dos fenômenos transicionais, Vaisberg, Correa e Ambrósio (2000) propõem que os “procedimentos projetivos” sejam entendidos como “apresentativos-expressivos”²³ de modo a enfatizar o encontro inter-humano, que pode surgir a partir da apresentação do procedimento empregado na sessão, e, que favorece o estabelecimento de um diálogo lúdico entre o analista e o seu paciente. A apresentação de procedimentos tais como o desenho-estória com tema ou o teatro espontâneo é então entendida como *forma sofisticada de brincar*. Assim sendo, num contexto lúdico, a proposta de dramatização como procedimento “apresentativo-expressivo”, bem como a participação dos adolescentes acontecem num registro transicional que permite a liberação de novos significados, sentidos, para a manifestação adolescente, ampliando o nosso entendimento acerca do grupo em questão.

O Jogo de Rabiscos de Winnicott (1971b) está assentado na idéia de espaço potencial, esta terceira área transicional de ilusão, onde não cabe perguntar se o que ali acontece, e é produzido, pertence ao mundo externo ou faz parte da subjetividade das pessoas envolvidas na atividade. Nesse jogo, que favorece o estabelecimento de uma comunicação entre o paciente e o terapeuta, nessa experiência compartilhada, baseada no brincar, o terapeuta propõe um rabisco, uma forma aberta, a ser completada, oferecendo a seu paciente a possibilidade de criar o que desejar, abrindo espaço para que questões que preocupam, conflitos, possam ser apresentados. O Jogo de Rabiscos segue o princípio de que a terapia acontece na sobreposição de duas áreas do brincar; a do paciente e a do terapeuta, sendo que, quando o paciente

²³ As autoras referem ter seguido indicações do Professor Gilberto Safra, que argumentou no sentido de assinalar que o termo projeção não é o mais apropriado para dar conta do acontecer clínico quando se pretende realizar uma interlocução com o pensamento winnicottiano.

não consegue brincar, cabe ao terapeuta ajudá-lo a desenvolver a sua capacidade de brincar (Winnicott, 1971a/1975). Winnicott (1968c/1994) observa a importância da participação do terapeuta na brincadeira evitando, assim, que o paciente se sinta numa posição inferior, e de maneira a sustentar um acontecer no qual o paciente possa vir a se surpreender consigo próprio e com o material produzido no encontro. Para Winnicott (1968c/1994, p. 230), trata-se de procurar:

Proporcionar um relacionamento humano natural e de livre movimentação dentro do *setting* profissional, enquanto que o paciente gradualmente se surpreende com a produção de idéias e sentimentos que não estiveram anteriormente integrados na personalidade total.

Este elemento surpresa que ganha importância na obra de D.W.Winnicott (1971b), parece ter um efeito mutativo na medida em que corresponde à superação de eventuais cisões, dissociações. O Jogo de Rabiscos oferece, portanto, a oportunidade do paciente relacionar-se com questões importantes de sua vida, trazidas no encontro, favorecendo que, eventualmente, possam ser colocadas sob o seu gesto criativo, ajudando-o a encontrar um novo posicionamento frente a elas.

Assim como o Jogo de Rabiscos revelou-se uma forma apropriada de comunicar-se com crianças, penso que o Teatro de Espontaneidade pode ser empregado de modo semelhante na aproximação e no contato com os adolescentes, ajudando no estabelecimento de um canal de comunicação e de um espaço capaz de acolher o movimento dos jovens²⁴. Também no Teatro de Espontaneidade, o brincar está presente favorecendo esse diálogo lúdico que envolve todos os participantes, sejam eles protagonistas da cena representada, ou mero espectadores. No Teatro de Espontaneidade propõe-se uma atividade

²⁴ Vale a pena observar que o teatro da espontaneidade pode igualmente ser empregado de modo produtivo também com outras populações.

onde os participantes, cada um ao seu modo, contribuem na elaboração conjunta de um drama encenado. Num contexto lúdico, em que todos participam, inclusive o psicanalista, numa condição humana de igualdade, torna-se possível trazer, de forma mais tranqüila e menos sofrida, os medos, as dificuldades, as dúvidas que rondam o pensamento dos jovens em questão. É importante observar que as cenas dramatizadas em grupo, ao mesmo tempo em que acontecem no plano imaginativo, também fazem parte de uma vivência compartilhada por todos, e por cada um ao seu modo, de forma concreta, ali mesmo em sala de aula e na presença de todos, permitindo aos adolescentes se aproximarem dos temas trazidos, das questões verdadeiramente importantes para eles no momento. Essa experiência de cunho essencialmente vivencial, e que se desenrola mediante a sustentação, por parte do psicanalista, de um caos aparente, conforme observa Khan (1971), fornece aos jovens situações diversas, cenas, de repente inesperadas, que surpreendem e suscitam uma ação por parte dos adolescentes, oferecendo-lhes a oportunidade de um gesto criativo que integre a questão trazida, levando o jovem a surpreender-se com o seu modo de lidar com a situação dramatizada no grupo. Conforme observa Winnicott (1968c/1994, p. 230):

Talvez o trabalho mais importante a ser feito seja o de integração, possível através da confiança adquirida na relação profissional, que também é humana, uma forma de *holding*.

Não se trata, portanto, de interpretar a peça criada, a produção teatral apresentada no grupo, o fundamental é sustentar um acontecer que favoreça aos jovens a possibilidade de se surpreenderem ao fazer uma comunicação significativa, que lhes permita relacionar-se com as questões importantes de suas vidas. Assim como no Jogo de Rabiscos, no teatro espontâneo, o diálogo lúdico que acontece entre os participantes favorece que os dramas representados, vividos em grupo, possam, eventualmente, vir a ser colocados sob o gesto criativo dos adolescentes, abrindo a possibilidade de

desenvolvimento para além da dificuldade apresentada. Acredito também que o Teatro de Espontaneidade, além de poder ser adotado num âmbito psicoterápico, disponibiliza-se como um instrumento diagnóstico²⁵ fornecendo como que uma fotografia do momento, revelando a preocupação, o sofrimento, os medos que rondam o pensamento dos adolescentes.

Os adolescentes na escola, de modo geral, mostravam-se capazes de brincar, envolviam-se rapidamente nas atividades propostas, participando com alegria e descontração das brincadeiras e dramatizações. Para alguns, no entanto, era possível observar que o brincar era mais difícil. Os jovens mais retraídos e contidos demoravam um pouco mais para aderir às atividades que surgiam na classe. Havia também aqueles que mantinham uma certa distância dos acontecimentos e que adotavam uma postura mais reservada, preferindo, apenas, observar os acontecimentos. Ao longo desses encontros com os adolescentes, e conforme a minha presença na escola foi se tornando familiar, foi possível perceber a aproximação gradativa de alguns desses jovens mais acanhados e envergonhados que, aos poucos, foram se permitindo experimentar participar das brincadeiras e das dramatizações.

Para Winnicott (1971a/1975), quando o paciente não consegue brincar, cabe ao analista ajudá-lo a desenvolver essa capacidade. Acredito que numa situação de grupo, para ajudar no desenvolvimento da capacidade de brincar dos participantes, é importante manter-se próximo do grupo, levando em conta seus interesses e respeitando eventuais dificuldades, hesitações, inibições que possam surgir frente às brincadeiras e à situação nova apresentada. Segundo Vaisberg, Correa e Ambrósio (2000), o grupo, em geral, está capacitado a brincar desde que sejam tomados certos cuidados no que diz respeito à condução grupal.

²⁵ Não se trata aqui de pensar o diagnóstico em termos de uma avaliação sujeito-objeto, mas como comunicação acerca do sofrimento vivido pelo paciente conforme observou Winnicott nas "Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil", (Winnicott, 1971b).

Observando bebês numa situação preestabelecida em que lhes era apresentada uma espátula, Winnicott (1941/2000) percebeu que, normalmente, os bebês, atraídos pelo objeto brilhante, passavam por uma fase de hesitação perante o objeto tão atraente, seguida por outra de experimentação e uso do objeto em questão, até que, finalmente, desvencilhavam-se da espátula. Para o autor, o modo como cada bebê passava por essas diversas etapas e qualquer variação desse padrão de comportamento, que ele observou como sendo normal para as crianças na idade em questão, eram significativas e davam informações, dicas, sobre o modo da criança agir frente a situações novas ou mesmo face à vida de um modo geral, com as pessoas, alimentação, etc. Segundo Winnicott (1941/2000), o período de hesitação foi o que mais variações apresentou, podendo chegar a ser muito exagerado ou mesmo ausente, evidenciando a ansiedade suscitada quando da apresentação da espátula.

Nos encontros com os adolescentes, quando lhes era apresentada a mala, parece que um processo semelhante de hesitação, experimentação e desvencilhamento também ocorria. Essa atividade tão diferente, essa situação inusitada que lhes era apresentada, parece que promovia em alguns jovens, de modo mais ou menos explícito, sentimentos persecutórios, angústias frente ao desconhecido, inesperado, quem sabe medo de repetir, na situação nova, desencontros já vividos no passado. O comportamento dos adolescentes nessa fase de hesitação perante a mala também variava bastante. Para alguns jovens essa fase inicial era praticamente inexistente; jogavam-se empolgados sobre os objetos da mala, demonstrando grande vontade de explorar todo o material disponibilizado. Num outro extremo encontravam-se aqueles que nem sequer ousavam aproximar-se do novo objeto em sala de aula e aparentemente permaneciam indiferentes a ele.

Passado esse tempo de hesitação, de angústia mais intensa, o grupo explorava as possibilidades da mala, criava fantasias, cada um ao seu modo usava os objetos disponibilizados. Era também muito interessante observar nesse momento, o modo como eles usavam o material da mala. Alguns vinham afoitos, pegando em tudo, experimentando tudo, pareciam verdadeiros cabides ambulantes, empilhando tudo quanto é coisa sobre si mesmos. Outros permaneciam mais a distância, aproximavam-se aos poucos, experimentavam timidamente um ou outro objeto da mala, usavam pouca coisa para caracterizar suas fantasias. Também havia aqueles que preferiam não se fantasiar e apenas acompanhavam com olhares atentos os demais colegas mais empolgados. Embora pouco comum, acontecia também de alguns jovens remexerem tudo na mala sem, no entanto, criarem qualquer fantasia. Cada um ao seu modo e no seu tempo ia entrando na brincadeira e, naturalmente, os próprios adolescentes acabavam propondo uma dramatização.

Entendo que, no grupo, cada participante precisa de um tempo para se organizar face à vivência oferecida, sendo, às vezes, muito angustiante ir além da exploração dos objetos disponibilizados e criar para si uma fantasia, representar. Apesar dessa dificuldade de alguns jovens, na fase de exploração e uso dos objetos da mala, os adolescentes costumavam estar já bem mais à vontade, a comunicação tornava-se possível, o brincar acontecia e uma peça era encenada. Quando a dramatização chegava ao fim, o grupo acalmava-se, a euforia já não era mais a mesma, alguns até iam embora indicando que estava mesmo no momento de finalizarmos o encontro.

Penso, no entanto, que é importante observar que, de modo geral, embora houvesse momentos mais tensos e angustiantes, chamavam à atenção, a alegria dos adolescentes e o clima de divertimento durante as dramatizações. Ficava evidente uma grande disposição dos jovens para

sonhar²⁶, no sentido de elaborar novos planos de vida, propor situações diferentes, o que, no teatro espontâneo, dava um toque especial às dramatizações agregando um certo caráter subversivo e inovador aos dramas encenados, criando, em alguns momentos, cenas muito divertidas. Apesar das difíceis condições sócio-econômicas enfrentadas por grande parte dos adolescentes, pairava no grupo uma alegria de viver contagiante que, talvez, pudéssemos relacionar ao fato da adolescência acenar para o início de uma nova fase na vida destes jovens, um momento privilegiado de sonhos e esperanças.

Todas essas considerações, a meu ver, incentivam o desenvolvimento de pesquisas que favoreçam o aprofundamento dos conhecimentos acerca dos jovens permitindo a criação de intervenções que os ajudem na passagem para a vida adulta, tornando-a menos sofrida. Essa pesquisa-intervenção, então, através do uso do teatro espontâneo como procedimento “apresentativo-expressivo”, propõe um enquadre de trabalho capaz de estabelecer um espaço potencial que favoreça a emergência dos participantes enquanto sujeitos criativos de suas próprias existências. Acredito que o oferecimento de um ambiente capaz de resgatar o potencial criativo inerente a todo indivíduo pode favorecer o cumprimento das tarefas de vida, características desse momento, além de ajudar o jovem a encontrar um viver mais ancorado em seu modo de ser singular, correspondendo de fato ao que ele busca para si, ao que faz sentido em sua vida. Neste particular momento, em que o mundo contemporâneo vive um ritmo acelerado, esta preocupação com o ser, com o sentir-se real, deve ser pensada em termos do indivíduo poder encontrar o que é seu e o que faz sentido para si, atendendo, ao mesmo tempo, aos seus impulsos pessoais e às exigências do mundo externo sem, no entanto,

²⁶ Winnicott (1971a) examina o contraste que existe entre o sonhar e o fantasiar mostrando como o sonhar é parte do viver, enquanto que o fantasiar constitui uma estratégia para não viver.

sucumbir à sociedade, ao princípio da realidade. Conforme observa Winnicott (1967/1999, p. 7) os jovens estão:

Essencialmente preocupados com o ser, com o estar em algum lugar, com se sentirem reais e em adquirirem algum grau de constância objetal. Eles precisam ser capazes de cavalgar os instintos, em vez de serem esmigalhados por eles.

Há, no entanto, que se considerar o desenvolvimento pessoal que levará o indivíduo a se sentir vivendo de fato a sua própria vida, desenvolvimento que tem as suas raízes no início da vida infantil, com o oferecimento de um *ambiente suficientemente bom* que possibilite ao indivíduo viver criativamente. Winnicott (1971a/1975) aponta que nem sempre esse acolhimento da criança, baseado na confiança vivida na relação mãe-bebê, realiza-se de forma satisfatória, o que acaba comprometendo a capacidade de brincar e a criatividade da criança e do futuro adulto. Nas palavras de Winnicott (1971a/1975, p. 80):

É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu(*self*).

Considero, no entanto, importante observar que, quando, eventualmente, o acolhimento da criança num *ambiente suficientemente bom* não pôde acontecer, isto não significa que não seja possível um trabalho no sentido de promover um viver criativo. Assim sendo, acredito que as intervenções psicoprofiláticas voltadas aos jovens e crianças, que valorizam o desenvolvimento da capacidade de brincar das pessoas, ajudam os futuros adultos a encontrarem um viver mais autêntico e genuíno, baseado no ser. Conforme Vaisberg e Machado (1997) observaram, propiciar um desenvolvimento emocional infantil de melhor qualidade possibilita o desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos e a constituição de personalidades adultas mais sadias, ajudando, dessa maneira, as próximas

gerações a estarem mais preparadas e aptas a enfrentar as dificuldades inerentes ao viver humano e a assumirem o papel de cuidadores da infância.

Nesse sentido, acredito que os cuidados psicoprofiláticos voltados aos adolescentes devem procurar aproveitar e preservar a alegria de viver, o espírito criativo e inovador, que observamos nos encontros na escola, favorecendo o desenvolvimento das potencialidades dos jovens e futuros adultos. O jovem de hoje é o adulto de amanhã, e um adulto capaz de um viver criativo terá melhores condições de exercer “uma maternagem adequada” ajudando a construir uma sociedade melhor.

APRESENTANDO AS PEÇAS

Nas páginas a seguir, apresento minha narrativa de nove peças produzidas nos encontros com os adolescentes na escola onde foi realizada esta pesquisa clínica. Penso que vale a pena ler algumas delas, não necessariamente todas, de modo a se entrar no clima do material clínico a partir do qual teci minhas reflexões. Certamente, essa leitura servirá também para se ter uma idéia da vitalidade e do envolvimento dos jovens nesses encontros. Acredito, no entanto, que algumas informações prévias podem ser relevantes no sentido de situar melhor o leitor face aos acontecimentos relatados mais adiante.

Nas quatro primeiras peças, eu introduzi, no meio da dramatização, um pedaço de papel fingindo ser um baseado. Esse meu procedimento visava colocar a questão das drogas no grupo e observar o modo como os adolescentes se colocavam frente a esse tema²⁷. No entanto, ao longo dos encontros, senti que o baseado surgia como uma espécie de intrusão ambiental na criação coletiva. Resolvi, então, abandonar esse procedimento evitando assim a intromissão de um elemento que, aparentemente, não tinha relação com o desenrolar dos dramas até então apresentados.

Através dos relatos da terceira peça em diante, é possível notar que havia uma mala com objetos variados que ficava à disposição dos jovens para que eles pudessem criar suas fantasias e suas personagens para a dramatização. A idéia de levar uma mala com objetos adequados à confecção de fantasias surgiu do encontro com os jovens, nasceu a partir da própria prática diante do interesse dos jovens pelas dramatizações.

Nos três últimos encontros levei uma filmadora para registrar as dramatizações dos jovens. Os filmes, produzidos nesses encontros, eram então

²⁷ Vale a pena lembrar que, nos dias de hoje, esta é uma das grandes preocupações nas escolas que também aparece na escola onde foi realizado este atendimento de jovens.

exibidos na semana seguinte para os próprios adolescentes que aguardavam ansiosamente a oportunidade de se verem na “televisão”.

*ASSASSINATO DE UM CASAL DE NAMORADOS
NA PRAÇA*

Estamos todos numa praça, e no centro da sala duas cadeiras simulam os bancos da praça.

Um garoto logo se sentou num dos bancos e ficou ali no centro, com o pessoal à sua volta olhando para ele.

Um jovem da platéia disse que eu tinha que ser a namorada do menino na praça. Percebi que o menino sentado aprovou a sugestão do colega. Aceitei, então, o papel que me atribuíram e fui sentar-me ao lado do garoto, dividindo com ele a mesma cadeira. Imediatamente, ele passou o braço sobre os meus ombros, ajeitamo-nos na cadeira, um bem pertinho do outro.

Perguntei à turma o que iria acontecer. Entrou, então, em cena um outro menino dizendo que vendia sorvetes. Achei ótimo ter um sorveteiro na praça e fui logo dizendo ao meu namorado que eu gostaria de tomar um sorvete. Este prontamente respondeu que pagaria o sorvete para mim.

Aproximamo-nos, então, do sorveteiro para comprar um sorvete. O sorveteiro disse que o sorvete custava R\$ 100,00. Levei um susto com o preço caro, mas mesmo assim, o meu namorado insistiu em comprá-lo para mim.

Apareceu um outro menino vendendo pipoca. Lá fomos nós também comer pipoca. Desta vez o preço era acessível.

Percebi uma menina ao meu lado e, no intuito de estimular o grupo à dramatização, iniciei uma conversa com ela. Supostamente eu a conhecia do tempo de escola. A menina entrou na brincadeira e me apresentou sua prima ao seu lado.

Um outro garoto ainda entrou em cena dizendo que era ladrão. A turma como um todo caiu em cima dele. O ambiente ficou tumultuado, não dava para saber

direito o que é que ele tinha roubado, o que é que tinha acontecido. O menino acabou deitado no chão com os colegas em volta dele.

Coloquei, então, um pedaço de papel no bolso do ladrão simulando um baseado. contei à turma sobre a droga que estava com o garoto. A turma continuou em volta do ladrão sem mencionar qualquer coisa sobre drogas. O ladrão levantou-se do chão e todos saíram novamente atrás dele. Eles diziam que tinham que pegar o ladrão e botá-lo na cadeia. O menino fugiu, correu pela sala até que o deixaram de lado e ele saiu de cena.

No meio dessa agitação, o meu namorado mexeu com uma outra menina que também estava na praça. Ele comentou sobre suas coxas grossas. Perguntei, então, a ele o que acontecia, pois, ele, meu namorado, ficava olhando as coxas de outra mulher. A menina, que fazia o papel de minha amiga de escola, ainda acrescentou que o namorado também era dela.

Imediatamente o menino no papel de namorado explicou que não era namorado da tal colega de escola, nem da outra menina de coxas grossas, e afirmou novamente que era o meu namorado. Em seguida, ele veio colocar-se ao meu lado e insistiu novamente em dizer que era o meu namorado.

A menina que argumentava que o namorado também era dela sentiu-se traída, deixada de lado. Ela puxou, então, uma arma e atirou no namorado que fingiu cair morto no chão. Assim que o garoto caiu no chão, ela mirou em mim e me matou também. Caí, então, morta no chão da praça.

Não demorou muito e eu me levantei do chão. Perguntei o que iria acontecer na história, depois da morte do casal. A mesma menina, que atirou nos namorados, disse que todos morreriam fuzilados. Dito isto, ela fingiu mirar e atirar em todos, disse que todo mundo tinha levado tiro. A prima ao seu lado

completou que depois viria um anjo e ressuscitaria todo mundo. Tocou o sinal e a turma se dispersou.

TRAIÇÃO E VINGANÇA

Iniciou-se uma conversa sobre onde iria acontecer a encenação do dia. Propuseram diversos lugares: numa praia, num castelo, numa praia com um castelo ao lado... Uma menina sugeriu que fosse num motel e a turma concordou. Contudo, acabaram decidindo que seria na praia com o castelo perto da praia.

Alguns jovens propuseram juntar umas mesas para formar um palco. Eles deitaram-se em cima das mesas agrupadas dizendo que estavam numa cama.

Perguntei, então, à turma o que iria acontecer.

Uma das meninas conta que é casada com o colega ali presente ao seu lado. Ela o pega pelo braço e reafirma que são casados. O garoto, no entanto, não parece muito satisfeito, e larga do braço da menina. Ele sai do lado dela, e vai sentar-se ao lado de uma outra colega.

No intuito de promover o prosseguimento da dramatização, entrei em cena puxando conversa com a menina que tinha começado a encenação no papel de esposa. Falei, então;

– *Puxa... como é que cê tá... lembra de mim?*

– *Ah.. oi... tudo bem...lembro, onde é mesmo que a gente se viu?*

– *Lá na feira, outro dia, comprando tomates...*

– *Ah... é mesmo, na feira....*

Surgiu uma conversa e a menina acabou contando que o marido dela a tinha trocado por outra. Ela dizia que ele estava lá (do outro lado da sala) com a outra. A menina sentada ao lado do marido tornou-se a amante dele.

Houve uma discussão entre a esposa e o marido. Eles brigaram. A briga pareceu intensa, acalorada, falavam alto, os dois ao mesmo tempo, acusavam-se mutuamente, não havia diálogo. O marido acusava a mulher de tê-lo traído também com um “outro cara” ali ao lado. Esse segundo homem da história, no

entanto, preferiu não se manifestar, permaneceu quieto. A esposa negou qualquer envolvimento com o tal homem. Ela dizia que ia matar o marido.

A esposa traída resolveu virar feirante, dona de uma barraca de tomates. Arrastamos, então, umas mesas para formar a barraca da feira. Ao lado, uma outra menina disse que seria vendedora de bananas, acharam muita graça por se tratar de bananas. Um outro garoto também construiu a sua barraca e disse que venderia salsichas. Todos deram risada, acharam graça dos produtos vendidos na feira. Enquanto arrumávamos a feira, um garoto da 8ª série abriu a porta e avisou que a aula já tinha acabado. Expliquei o que estávamos fazendo e o convidei a entrar e participar. Ele hesitou um pouco, mas acabou entrando, disse que não queria entrar na brincadeira, mas ficou observando. Todo mundo foi fazendo alguma coisa na feira, as vendedoras de tomates e bananas rasgaram uma revista, que encontraram jogada por ali, e fizeram bolas de papel para fingir de frutas. Um ou outro participante fingiu comprar coisas na feira.

Voltou o assunto da mulher que queria matar o marido. Um garoto apresentou-se como sendo o delegado e ameaçou levar a esposa traída presa.

A vendedora de tomates saiu de sua barraca, fingiu pegar uma ferramenta, aparentemente pontuda, e foi até o casal que se dizia deitado na praia. Os dois estavam deitados sobre as carteiras agrupadas. Enquanto isso, a esposa traída aproximou-se do casal. No meio do caminho, ela virou-se para mim, e disse que estava em dúvida. Ela não sabia quem matar; se ele ou ela. Pensando melhor, ela acabou achando que deveria matar os dois.

A esposa traída aproximou-se do casal deitado em cima das carteiras e matou os amantes espetando algo no estômago de cada um deles, primeiro no marido que gemeu de dor e depois na amante. Feito isso, ela voltou para a sua barraca de tomates e continuou fazendo suas bolas de papel.

Enquanto a assassina trabalhava na feira, a turma colocou-se em volta dos mortos. Um disse que estava fazendo exame de corpo de delito, outro colocou umas tiras de fita crepe, que encontraram na lixeira da sala, sobre os defuntos, dizendo que eram o sangue deles escorrendo. Comentaram que a assassina tinha cortado fora “o pinto” do ex-marido. Este comentário causou uma gargalhada geral.

Concluíram que as marcas nos corpos dos amantes eram de tesouradas. Acharam a arma do crime ensangüentada. Os meninos disseram que a esposa precisava ir presa. Iniciou-se uma discussão com alguns dizendo que precisavam pegar a menina e outros argumentando que precisavam fazer um julgamento, pois não havia prova contra ela. Em torno da barraca de tomates, a turma cobriu a menina de perguntas. A coisa ficou meio bagunçada, todo mundo falava ao mesmo tempo. Um disse que a tesoura estava suja e que a tesoura estava com ela. A jovem retrucou dizendo que usou a tesoura para cortar os tomates. Outro argumentou que não se usa tesoura para cortar tomates, mas sim faca. Entre eles havia um detetive, um repórter, e um câmera para acompanhar o evento.

Num dado momento, a assassina levantou-se, saiu correndo, e os outros saíram atrás dela encurralando-a junto à porta. Enquanto isso, outros dois já tinham montado uma cadeia com algumas carteiras empilhadas. Enfiaram a assassina no meio das cadeiras.

No meio disso tudo, os mortos começaram a dar palpites, um colega diz que ressuscitaram. O marido ressuscitado fala que vai ser testemunha do crime. “*Ressuscitado sem pinto?*”, comenta um. O garoto responde que o costurou de volta. Dão risadas.

Todo o grupo voltou-se, então, para a menina acusada e presa. A turma foi se sentando em volta da prisão. Uma menina apresentou-se como sendo a juíza

do caso, disse que decidiria o que iria acontecer. Outra menina disse que seria a advogada de defesa, contudo, a ré respondeu que não a queria como advogada de defesa e chamou os mortos para ocuparem tal função. Os mortos sentaram-se, então, atrás da acusada. Sugerir à tal advogada de defesa, não aceita pela ré, que procurasse outro papel na dramatização, quem sabe de advogada de acusação. Percebi que essa menina não conseguia entrar em nenhuma função. Ela buscou outras coisas para fazer na dramatização: escritã, ajudante de detetive, detetive, tentou diversas funções, mas não conseguiu firmar-se em nenhuma delas.

Apareceu o delegado, que se sentou bem na frente da ré, e o detetive, que ficou em pé rodeando os acontecimentos. A essas alturas, o garoto que entrou por último na sala já estava bem à vontade, ele dizia que era um bêbado e que tinha visto tudo, que tinha testemunhado o assassinato. Ele mesmo completou dizendo que era bêbado e que por isso não podia ser testemunha do crime. Ele continuou participando, até o final, fingindo-se de bêbado.

A juíza começou a falar, ela tentou colocar ordem no tribunal, pediu silêncio no tribunal. A agitação era grande, todos queriam falar ao mesmo tempo, mas ela acabou conseguindo se impor. A juíza perguntou quando a acusada tinha se casado com seu ex-marido, com que idade. A menina respondeu que aos 14 anos e que já tinham 4 filhos.

A juíza queria saber a data em que tinham se casado. A defesa protestou, disse que isso não interessava para o caso. O protesto foi negado, mas o tema da conversa passou a ser o local onde a ré estava na hora do crime.

O detetive continuou insistindo, dizendo que tinham que prender a acusada. Ele contou que pegou a tesoura com sangue, e que sabia que ela era a assassina. O detetive até insinuou que teria visto o crime. Acusaram-no, então, de estar mancomunado com a juíza, dizem que ele pagou a juíza.

O delegado também tentou botar ordem na conversa, ele disse que decidiria o que iria acontecer. Contudo, acabou ficando combinado da juíza dar a sentença final. A juíza pegou um pedaço de papel e escreveu a sentença. Os advogados, a escrivã, os detetives e o delegado reuniram-se em volta dela.

Enquanto as autoridades reuniam-se para decidir sobre o futuro da acusada, o detetive resolveu sair da sala para ir buscar as mexericas distribuídas de lanche nesse dia pela escola, no final do período. A juíza estava prestes a dar o seu veredito, mas interrompeu dizendo que teriam que esperar o detetive para continuar o julgamento. A turma ficou impaciente. Argumentei que o detetive tinha ido viajar e perguntei como ficava o andamento do processo, se teriam que esperar ele voltar, se enquanto isso a acusada ficaria detida?

A juíza acabou, então, dizendo que a acusada era culpada e que ela ficaria presa na cadeia. Ninguém pareceu muito satisfeito com essa decisão. Nesse ínterim, retornou, à sala, o detetive carregando uma bacia cheia de mexericas. Cada um dos participantes pegou uma, ofereceram-me uma também, agradei, mas não peguei. Todos lancharam enquanto se discutia mais um pouco o destino da acusada. Chamou-me a atenção um garoto que comia sua mexerica e cuspiu as sementes no chão da classe mesmo. As cascas, de modo geral, foram parar na lixeira.

Depois do lanche, o advogado de defesa e ex-marido assassinado resolveu transformar-se em advogado de “ataque”. Ele argumentou que a faca tinha sido encontrada com sangue e que o sangue era do morto. Ele disse que se tratava de um caso de 153, não tenho certeza de que seja mesmo esse o número. Perguntei a ele o que significava esse número e ele respondeu que era homicídio. Ele continuou dizendo que também era caso de 158 e deu explicações a respeito. O menino entendia mesmo do assunto. Ele ainda argumentou que o crime tinha sido cometido com arma branca, uma tesoura.

A menina meio sem função, que queria ser a advogada de defesa e que por algum tempo foi a escrivã, apresentou um papel com um teste de sangue dizendo que era positivo. Não ficou claro que positivo era esse, mas juntou-se mais este elemento ao processo.

Comentei com o advogado da acusação que ele era mesmo entendido no assunto e ele respondeu rindo que era um matador também!...

O advogado de acusação continuou sua argumentação e falou que a tesoura encontrada tinha as impressões digitais da acusada. No fervor das acusações a acusada tentou se defender:

– *Não, não é nada disso, quando eu matei meu marido.....*

Ela mesma acabou se atrapalhando e assumindo o crime na frente de todos que não perderam a oportunidade de dizer que ela era mesmo culpada, que ela era a assassina e teria que ir para a cadeia.

A própria assassina achou graça de seu erro, de ter se atrapalhado. O bêbado passou pelo tribunal dizendo que a acusada era uma vagabunda. A juíza, finalmente, deu a sentença: dois anos de prisão.

*CASAMENTO DE FLORISBELA E MÃO PRETA:
A CÓPULA MORTAL*

Percebi um casal fantasiado jogando baralho com alguns colegas. A maioria do pessoal ainda estava experimentando os objetos da mala. Aproximei-me deles e perguntei quem eram. A menina respondeu que era a mulher do Chucky, o brinquedo assassino. A turma em volta dela aprovou a idéia. Um menino, coberto de panos, usando óculos, gorro, e uma luva preta, disse que era o R. Mão Preta. R. era o nome dele. O jogo de cartas logo terminou e a turma, até então entretida na jogatina, misturou-se aos demais colegas na classe.

Uma menina vestiu-se de noiva. As amigas ao lado dela ajudaram-na a se arrumar. Disseram que ela precisava de um noivo.

Mão Preta aproximou-se das meninas que aproveitaram para convidá-lo a desempenhar o papel de noivo. O menino aceitou. O garoto, todo coberto, com óculos, gorro, capa, luva, etc., parecia feliz em sua nova posição de noivo. Ele sorria, ficava parado no meio de todos curtindo sua fantasia.

Alguém gritou que precisavam de um padre. Uma menina candidatou-se à função e se arrumou como tal. Outra menina disse que seria a madrinha e se colocou junto à noiva e o noivo.

Enquanto isso, percebi circulando pela sala um garoto bem empolgado, com uma luva amarrada na extremidade da manga de seu blusão. Ele aproximou-se de mim e me mostrou sua terceira mão. Ele comentou que tinha três mãos. Perguntei a ele o que fazia com tantas mãos. O menino hesitou, não sabia bem o que responder. Perguntei se a mão servia para apalpar, ele respondeu que sim, contudo, não pareceu muito convencido dessa função para sua mão. Depois de algum tempo, ele acabou dizendo que era o “Mão Boba”.

Um outro menino ainda experimentou um último par de luvas que encontrou sobrando na mala. Ele disse que elas eram de boxe. Um colega seu, à sua

frente, começa a bater em suas mãos com um cinto. Os meninos explicaram que faziam isso para experimentar se as luvas eram boas.

Quando já estava quase todo mundo no jeito, a postos para o casamento, coloquei um pedaço de papel no bolso do noivo fingindo ser um baseado. Ele me olhou com um ar meio desconfiado, não disse nada. Uma menina ali por perto berrou que ele tinha que ir para a cadeia. R. Mão Preta respondeu que tudo bem se ele estava com droga no bolso e continuou ali esperando o casamento.

O padre iniciou a sua fala. Não era mais uma menina nesse papel, mas um garoto. Assim que ele começou o seu discurso, a noiva desistiu de ser noiva. Ela mesma avisou que a noiva tinha fugido, que ela não queria mais ser a noiva da peça. A menina não deu maiores explicações e ficou tudo por isso mesmo. Notei que o noivo não ficou nem um pouco abalado com esse episódio. Ele continuou no mesmo lugar como se nada tivesse acontecido.

As meninas que rodeavam a ex-noiva disseram que precisavam arranjar uma outra noiva. Uma menina da plateia ofereceu-se, então, para ser a nova noiva. Ela começou a se fantasiar, colocou o véu na cabeça, e um grupo de meninas foi ajudá-la.

A nova noiva aproximou-se do noivo que continuava contente em seu papel, sorrindo para todos. Ele aceitou muito bem a nova noiva. Os dois ficaram de pé, um ao lado do outro. A ex-noiva decidiu que seria madrinha também. Eram, portanto, duas madrinhas ao lado da noiva.

Em meio a esses preparativos, um menino apresenta-se com sendo o gay. Ele fala que quer roubar o noivo e levá-lo com ele.

Enquanto, isso a noiva começa a virar uma bolsinha que ela segurava em suas mãos. Todos riem da noiva e de seu jeito, comentam que ela é uma puta que vira bolsinha. Pergunto ao noivo como é isso, para ele, da noiva virar bolsinha. Ele responde que para ele tudo bem, que ele não se incomoda se a noiva vira bolsinha. Quanto à noiva, quando perguntei a ela como era essa história de virar bolsinha, ela me respondeu: “*se ele fuma baseado o que é que tem eu virar bolsinha!*”. A noiva e o noivo continuaram um ao lado do outro, contudo, não muito juntos. Havia uma boa distância entre os dois e eles sorriam satisfeitos.

Começa o casamento. De pé, junto à lousa, observo um grupo de jovens alinhados. São eles: a noiva com as duas madrinhas, e o noivo com o gay agarrado ao seu braço. Durante a cerimônia, o gay, de tempo em tempo, puxa o noivo para o seu lado. Ele continua insistindo, dizendo que vai roubar o noivo.

O padre inicia a cerimônia. Ele fala algumas palavras e pergunta se alguém tem algo a declarar a respeito dos cônjuges e da união que ele vai abençoar. A classe toda responde em coro: “*SIM*”. Embora a classe inteira tenha se manifestado, ficou tudo por isso mesmo, e o casamento continuou.

Uma menina, que até então tinha preferido manter uma certa distância dos acontecimentos, e que parecia olhar com desprezo a atividade que vinha acontecendo na classe, ofereceu uma aliança de seu dedo para ser usada na cerimônia. A noiva tinha uma outra aliança que também serviu para o casamento. Colocaram as duas alianças numa bolsinha, logo em seguida retiraram as alianças da bolsinha. O padre pegou, então, as alianças e as entregou aos noivos. O casal colocou as alianças, cada um colocou a sua. Mão Preta teve um pouco de dificuldade para enfiar o anel por cima da luva, mas acabou conseguindo.

O padre perguntou o nome da noiva, e ela apresentou-se como sendo a Florisbela. Todos acharam graça do nome da menina. Florisbela repetiu as palavras do padre: “*Eu Florisbela, aceito Mão Preta como meu marido*”. O noivo também falou a mesma coisa para a sua noiva. Finalmente, o padre os declarou marido e mulher.

Alguém disse que o casal tinha que se beijar. Um outro participante sugeriu que o noivo carregasse a noiva no colo. No entanto, nada disso aconteceu.

Uma das madrinhas, não a ex-noiva, mas a outra, disse que queria matar a noiva e ainda acrescentou dizendo que queria o noivo para si. Durante o casamento, a noiva e essa madrinha tinham permanecido juntas, como se fossem grandes amigas, uma sempre ao lado da outra. Essa madrinha, inclusive, tinha ajudado a noiva a se arrumar.

O Mão Boba voltou a aparecer, ele circulava em volta de todos e dizia que tinha uma quarta mão. Ele tinha amarrado mais uma luva em sua outra manga de agasalho. Mão boba disse que a mão dele era uma mão assassina que mataria a noiva. Perguntei a ele o porquê de ele matar a noiva e ele apenas me respondeu que tinha que matá-la.

Mão Boba aproximou-se de mim, trouxe sua luva junto ao meu pescoço, e fez o gesto de me degolar com a luva passando-a pela minha garganta, como se estivesse me decapitando. O menino veio empolgado para cima de mim, empurrou-me de modo delicado, mas com uma certa força. Fingi, então, que estava sendo degolada, emiti sons como se estivesse morrendo e caí para trás, no chão, amparada por muitos ali em volta.

Assim que eu caí no chão, Mão Boba continuou dizendo que mataria a noiva. Ele dirigiu-se a ela para atacá-la. Enquanto isso, levantei-me. Observei, no entanto, que Mão Boba não chegou a realizar o assassinato da noiva como fez

comigo. Ele acabou sumindo na multidão embora a madrinha continuasse insistindo num assassinato da noiva. A madrinha continuava dizendo que o noivo tinha que ficar para ela.

Um garoto fechou a mala das fantasias e carregou-a para junto do casal. Ele contou que era camelô e que estava assistindo ao casamento. Ele aproveitou para oferecer as suas mercadorias para os noivos. A turma deu risada.

Acabaram achando melhor usar a mala para viajar. Um sugeriu que se fizesse uma festa. Perguntei como a história acabaria. Voltaram a dizer que a noiva morreria no final da história. A turma acabou aceitando esse final. No entanto, o noivo interveio dizendo que a noiva só poderia morrer depois da noite de núpcias. Ficou então combinado que a história acabaria com a noiva morrendo logo após a noite de núpcias.

SOFRIMENTO E DESAMPARO

Um menino apresentou-se como sendo um ninja, um outro como super-homem, e um outro ainda como caipira. Uma menina disse que era caipira também. Os dois caipiras juntaram-se e circularam pela sala de braços dados. Eles falavam imitando o modo como os caipiras falam. Eles se diziam noivos, um casal caipira.

O caipira mudou de idéia, arranjou uma outra fantasia e disse que estava fantasiado de rico. A menina caipira virou uma noiva, algumas meninas da classe juntaram-se a ela para ajudá-la na confecção da fantasia. Diziam que ela iria se casar com o rico. O rico era o noivo.

Um garoto, com uma máscara no rosto, coberto de panos e usando um chapéu, apresentou-se como sendo um homem mascarado. Ele completou dizendo que seria o pai da noiva.

A noiva ficou logo pronta e três meninas atrás dela seguravam o seu véu. Elas explicaram que seriam as damas de honra no casamento.

Alguém na classe comentou que precisavam de um padre. Uma outra menina candidatou-se, então, a representar esse papel e foi procurar na mala algumas vestimentas para caracterizar a sua fantasia.

Enquanto a turma preparava-se, e o noivo arrumava a sua gravata, um colega na classe disse que o noivo rico era drogado. Aproveitei essa sugestão do colega para colocar no bolso do noivo um papel fingindo ser um baseado. O rico defendeu-se, disse que não era drogado, negou as afirmações do colega, contudo, deixou o baseado no bolso de seu paletó. Ele dizia: “*o quê que é isso?... não, não sou drogado... eu vou ser o noivo dela!...*”.

A noiva estava pronta e as damas de honra aguardavam atrás dela o início do casamento. Quando a noiva resolveu entrar na igreja, observaram que faltava o

pai dela. Ela tinha que entrar com o pai. Chamaram o pai da noiva que até então circulava pela sala de modo agitado, curtindo sua fantasia. A cada volta que o menino dava, ele ia acrescentando mais coisas à sua vestimenta. O pai, sempre sorridente, aproximou-se da filha, pegou-a pelo braço e a levou até o altar ao som da musica “Lá vai a noiva, toda de branco...” entoada pelo grupo sem versos falados.

Chegando ao altar, o pai juntou-se a um grupo de meninos que esperava os noivos ao lado do padre para dar prosseguimento à cerimônia religiosa. Notei que o padre tinha mudado, não era mais a tal menina, mas um menino.

Ao lado do padre, um garoto apresentou-se como sendo o assistente do padre. Um outro menino, ali também, disse que seria padrinho no casamento. Os quatro moços; o pai da noiva, o padrinho, o padre e seu assistente, receberam os noivos no altar que se ajoelharam à frente deles. Atrás dos noivos vinha um bando de meninas segurando o véu, ou acompanhando o cortejo.

Observo que a noiva chora. Pergunto a ela o que está acontecendo, por que ela está chorando. Ela não responde e continua chorando.

Pergunto se é emoção, e alguém diz que ela está drogada. Fiquei espantada com esta observação de um dos convidados. Mas, o noivo logo explicou que a noiva estava grávida. Uma menina ali por perto, rapidamente, trouxe uma trouxa de roupa para a noiva colocar debaixo de sua vestimenta de modo a aumentar a barriga. Enquanto isso, o pai no altar sorria, ele não falava nada, apenas sorria.

O padre inicia seu discurso, ele fala num tom forte e com autoridade: “*Estamos hoje aqui reunidos para o casamento...*”. Ele dá a bênção e declara o casal marido e mulher.

Sugerem que deveria haver uma festa. A noiva vira-se para jogar o buquê. Até então, eu não tinha percebido que ela tinha um buquê nas mãos. Mas, de qualquer forma, apareceu um buquê que a noiva atirou para trás. Uma das damas de honra pegou o buquê e as outras meninas apressaram-se em dizer que ela tinha que se casar também, que precisavam realizar um segundo casamento. Passados alguns instantes, ainda não tinha aparecido nenhum candidato para se casar com esta nova noiva. A menina que pegou o buquê comentou, então, baixinho que não tinha marido para ela. A idéia de um outro casamento acabou sendo esquecida pelo grupo.

Resolveram que o filho da noiva já iria nascer. A estas alturas dos acontecimentos, a noiva tinha trocado de fantasia. Ela usava, então, um blusão com uma trouxa de roupa por baixo que lhe conferia uma silhueta de grávida. Arrastaram para o centro da sala a mesa da professora. Disseram que seria a mesa de parto. A parturiente deitou-se sobre a mesa e seu marido acudiu dizendo que era médico e que faria o parto. Ele logo se trocou, procurou uma vestimenta mais adequada à sua nova função. Outro menino apresentou-se como médico também. Foram surgindo vários médicos e assistentes de médico, todos meninos, um bando de jovens interessados em desempenhar esse papel.

De repente a mulher grávida levanta-se, ela diz que não quer que os meninos mexam nela. Ela desconfia que eles queiram aproveitar-se da situação para mexer com ela. Os meninos insistem que ela tem que se deitar em cima da mesa. Ela hesita em deitar-se novamente.

Em volta da mesa, aparecem também as damas de honra. Uma delas diz que o parto tem que acontecer com uma médica. Mas “os caras” já estavam todos ali em volta, havia um monte de gente em volta da mesa. A parturiente acaba deitando-se novamente, mas avisa que o parto vai ser de cesárea, que não vai ser parto normal. Mal ela se deita e alguém, não deu para ver quem, acho que um dos garotos, puxa a trouxa de roupa para fora do blusão da menina.

Observo que as meninas juntaram-se num canto. Elas confeccionaram com alguns panos, e uma peruca, um bebê. A mãe volta em cena carregando o filho de modo maternal.

Ela aproxima-se do marido para mostrar-lhe o filho: *“Olha aqui o nosso filho”*. O pai, que já experimentava uma outra fantasia, fez cara de assustado e respondeu: *“Eu heim... tira isso fora de mim!”*. O pai virou as costas para a esposa e o filho, nem olhou para o filho e saiu correndo.

Observo, em seguida, que se formaram duas cenas. De um lado da classe, o pai da criança recém nascida juntou-se ao pai da noiva e os dois fingiam ser roqueiros. Uma vassoura encostada num canto da sala serviu de guitarra para o pai da noiva e o noivo disse que seria o baterista.

Surgiu mais um garoto interessado em ser baterista do grupo. Contudo, ele não chegou a entrar de fato nesse papel.

Enquanto os roqueiros tocavam, do outro lado da classe acontecia um velório. Sobre a mesa de parto havia um defunto, um menino deitado em cima da mesa e coberto por um véu fino e transparente. Ao lado do morto, a noiva e mãe chorava a morte do filho.

Outras meninas também choravam em volta do defunto. Algumas choravam tanto que chegavam a se debruçar sobre o defunto ou mesmo a se apoiar sobre ele. Perguntei, então à turma, o que acontecia que tínhamos, de um lado, um velório e, do outro, uma apresentação de roqueiros. Os roqueiros responderam que tocariam no velório, que seria um velório com música. Enquanto os roqueiros tocavam, e as meninas choravam a morte do menino, o morto levantou-se e disse: *“Ai, vou sair daqui senão vocês me matam, me sufocam”*. A cena do velório se desfez, mas a banda de rock continuou tocando empolgada.

A noiva, parturiente e mãe do morto, decidiu virar dançarina da banda de rock. Ela ensaiava alguns passos ao lado dos cantores, mas o show logo acabou e a dupla de músicos entrou em transe. Eles diziam que estavam doidões, que estavam drogados, num maior barato. Notei que eles fingiam andar torto, circulavam caindo pelas carteiras. Outros colegas na classe acompanharam o delírio dos artistas e também se fingiram de drogados.

Um garoto, no fundo da classe, acompanhava os acontecimentos com um olhar indignado.

Um outro jovem circulava aflito pela sala e insistia em afirmar que estava fora disso tudo. Ele dizia que não entraria na atividade de jeito nenhum. Quando lhe perguntei o porquê disso, ele respondeu que se ele entrasse na encenação eu ficaria muito assustada com o que ele poderia vir a falar e fazer. Sendo assim, ele explicou que preferia não entrar na dramatização. Observei, no entanto, que ele acompanhava de perto os acontecimentos, circulava em volta dos colegas, dava palpites e sugestões.

Um outro jovem apresentou-se como sendo o olheiro. Ele ficou sentado durante toda a encenação, disse que preferia não encenar com os colegas.

No meio da apresentação da banda de rock, notei que os jovens em transe seguravam em suas mãos rolinhos de papel que, de tempo em tempo, aproximavam da boca. Da extremidade dos canudinhos de papel saía uma fumacinha branca de pó de giz. Sentado numa carteira ali perto, um garoto fazia os rolinhos de papel e explicava como se prepara a droga. Usando um pedaço de papel e pó de giz ele mostrava: *“É só pôr a droga na seda, assim... põe na seda e enrola. Tem que deixar um lado mais fino e outro mais largo, neste lado mais fino dá uma torcida no papel, e pronto, é só botar fogo aqui”*. Após esta demonstração, o jovem aproximou dos lábios o baseado recém preparado, e

um colega ao seu lado fingiu acender um isqueiro na ponta do rolinho de papel. O jovem deu algumas baforadas enquanto seu colega completou que: *"vão fumá um beque, uma paranga, prá ficá na brisa"*. A turma divertia-se, fingindo fumar o baseado assoprando o pó de giz pela classe.

A ex-noiva, parturiente, mãe do morto, e dançarina de rock aproximou-se de seu ex-companheiro, médico, pai da criança, roqueiro, e usuário de droga, e disse que tinha virado santa. A menina usava sobre sua cabeça uma capa preta. O garoto, ao vê-la, ajoelhou-se a seus pés.

A santa fala: *"Meu filho, por que você está fumando assim, por que você está nas drogas? Você precisa sair dessa, tem que parar com as drogas, você está acabando com a sua vida!"*. O menino imediatamente responde que vai parar com as drogas.

Em contrapartida, o pai da noiva diz que ficou doidão. Um participante sugere que o pai morreu de overdose. O pai aprova esta idéia. Ele continua sorridente e diz que sim, que é isso mesmo, que no final da história ele morreria de overdose. Dito isto, o pai continua em seu transe perambulando pela classe.

Perguntei sobre o final da história. Decidem que, à exceção do pai da noiva que morreria de overdose, todos ficariam loucos e iriam parar num hospício.

O CASAMENTO DA PERUA

Uma menina fantasiou-se de noiva e o único menino presente assumiu o papel de noivo. Esse noivo já tinha experimentado diversas fantasias; malandro, cego, homem da vida.

Uma outra menina disse que seria a mãe do noivo, uma mulher rica da sociedade.

Além dos noivos e da mãe do noivo, havia também uma perua rica e puta e sua mãe.

A mim delegaram o papel de padre para realizar o casamento.

Arrumaram uma mesa para formar o altar, e algumas cadeiras para os convidados, no caso, a perua rica e puta e sua mãe.

Combinaram que a mãe do noivo entraria na Igreja de braços dados com o noivo até o altar. Decidiram, também, que a mãe do noivo ficaria ao lado dos noivos e do padre, perto do altar, durante a cerimônia. Seguindo as indicações do grupo, a mãe do noivo colocou-se mais para o lado, no altar, ao lado do filho.

Em seguida, entrou a noiva acompanhada de sua amiga, a perua rica e puta. Nas cadeiras, assistindo à cerimônia, sentaram-se a perua rica e puta e sua mãe.

Percebi que o noivo estava chorando. Perguntei a ele o que estava acontecendo. Ele não respondeu nada e continuou a chorar. Perguntei se ele estava emocionado e ele também não respondeu nada.

Eu, no papel de padre, iniciei a cerimônia. Quando eu tinha apenas proferido algumas palavras, a perua rica e prostituta interrompeu dizendo que eu tinha

que perguntar se alguém tinha algo a declarar sobre os noivos e o casamento. Segui as instruções da menina.

Assim que o padre fez a tal pergunta para a turma, a perua manifestou-se. Ela levantou-se da cadeira e disse que sim, que tinha algo a dizer. A jovem afirmou que ela, a perua rica e puta, é que tinha que se casar com o noivo. Dito isto, ela foi até a noiva, puxou-a por detrás com força e violência, e a derrubou no chão da Igreja. A noiva ficou esticada no chão junto às cadeiras, onde antes estavam sentadas a perua e sua mãe. Em seguida, a perua assumiu o lugar da noiva no altar junto ao noivo.

A noiva com um véu branco cobrindo a cabeça foi substituída por uma moça toda vestida de preto com uma saia justa, um tomara que caia, e um xale sobre os ombros. O noivo foi logo dizendo que mataram a noiva. Todos concordaram com o final trágico da noiva, inclusive a própria noiva. Avisaram o padre que era para ele realizar a cerimônia de casamento com o novo casal. Notei que o rosto do noivo iluminou-se. Ele passou a sorrir.

As mulheres à sua volta disseram que ele estava sorrindo porque estava feliz por se casar com a perua rica e puta. Ele não queria casar-se com a outra. A mãe do noivo completou dizendo que ela mesma não queria que o filho se casasse com aquela outra mulher, a ex-noiva. Ela também preferia a perua rica e puta. A mãe da perua também se aproximou do grupo no altar e expressiu sua satisfação com o casamento da filha. Nesse ínterim, a noiva jogada no chão da Igreja retirou o véu da cabeça, levantou-se, e saiu de cena.

Após esta reviravolta na Igreja, o padre pôde formalizar o casamento e declarar os noivos marido e mulher. No final da cerimônia, as mães jogaram bolinhas de papel sobre os noivos e, para finalizar, o noivo pegou a noiva nos braços carregando-a para longe do altar.

O CASAMENTO DAS PROSTITUTAS

Aos poucos foi surgindo um cenário. Num canto da sala, um grupo de meninas disse que eram todas prostitutas. Uma delas apresentou-se como sendo uma “traveca”. Elas andavam se insinuando, requebrando-se, virando bolsinhas, diziam que estavam num puteiro.

Um menino apareceu na minha frente com um pedaço de pano branco enfiado na gola de sua camiseta. Ele explicou que estava usando um guardanapo, e me disse que era o comilão.

Um outro garoto, bem animado com a apresentação das meninas, andava entre elas, abraçava as prostitutas, enroscava-se nelas. Este menino acabou apresentando-se como sendo o cara “que come” todas as meninas.

Apareceu uma menina vestida de noiva que sugeriu que representassem um casamento. A idéia do casamento ganhou força entre os jovens, todos concordaram que deveria haver um casamento. Uma outra jovem vestida de rainha resolveu virar noiva também e afirmou que se casaria com o rei, um colega ao seu lado. Esse prontamente aceitou entrar no papel de noivo. A primeira noiva também chamou um colega para ser o seu par na dramatização.

As duas noivas, já prontas, chamaram seus pais para a cerimônia na igreja. Elas queriam que eles as acompanhassem até o altar. A primeira noiva chamou um colega ali em volta que logo se colocou ao seu lado no papel de pai. A noiva-rainha chamou um outro menino, aquele que estava encantado no meio das prostitutas, para ser seu pai e entrar com ela na igreja. Esse último respondeu que estava muito ocupado, demorou um pouco para ir até a filha, pediu-lhe que esperasse um momento, pois ele estava com coisas a fazer. Ele agarrou mais uma menina, enroscou-se em outra, mas acabou indo ao encontro da filha para a celebração do casamento.

Junto à lousa, estavam, de pé, as duas noivas com seus respectivos pais. Os noivos esperavam suas futuras esposas do outro lado da sala. Um menino disse que precisavam de um padre e já foi assumindo esse papel. Ele arrumou uma mesa e uma cadeira, sentou-se na cadeira, atrás da mesa, de frente para as noivas, e esperou o cortejo entrar. Quanto aos noivos, cada um colocou-se de um dos lados da mesa do padre.

Formou-se uma ala para as noivas passarem. De um dos lados desse caminho aberto para as noivas e seus pais, aglomeravam-se as prostitutas ocupando mesas e cadeiras. Algumas, inclusive, subiam em cima das mesas. Ainda do mesmo lado, mas um pouco afastadas dos acontecimentos, duas meninas sentadas em cadeiras se diziam mulheres finas. Uma delas usava um laço de fita na cabeça. No início desse encontro, essa mesma menina com fita no cabelo tinha se apresentado como sendo uma boneca. Enquanto as mulheres do puteiro gritavam e agitavam-se sobre as mesas e cadeiras, as damas finas e bem educadas mantinham-se sentadas, de pernas cruzadas, olhando o desenrolar dos acontecimentos.

Do outro lado da ala aberta para as noivas e seus pais, estavam os demais meninos da classe, de olhos arregalados, olhando tudo, alguns sentados, outros de pé. Embora houvesse mais meninos na classe do que meninas, a proporção era de, aproximadamente, 1/3 de meninas para 2/3 de meninos, essa turma de meninos mostrou-se bem menos expressiva do que a das prostitutas.

Começa o casamento. As meninas do puteiro cantam a marcha nupcial, todas em coro, bem alto, e com grande animação. De cima de suas mesas elas determinavam o ritmo de entrada das noivas que entravam de braços dados com seus pais. No altar, os pais largaram suas filhas e sumiram no meio da multidão. Os dois noivos pegaram suas mulheres e os dois casais ajoelharam-se à frente da mesa do padre.

O padre, que até então estava sentado, levantou-se e subiu em cima da cadeira. Ele fez menção de iniciar sua fala, mas virou-se para mim e me perguntou o quê falar. Dei-lhe algumas sugestões que ele repetiu para a turma: *“Estamos hoje aqui reunidos, neste dia glorioso, para os casamentos dos noivos...”*.

No meio da fala do padre, uma das noivas, não a noiva-rainha, mas a primeira noiva a se aprontar, perguntou se alguém tinha batom. Uma colega prostituta respondeu que tinha e foi pegá-lo na sacola. A tal noiva foi atrás da colega, passou o batom e o devolveu às amigas do prostíbulo. A noiva-rainha também resolveu passar o batom, as meninas no puteiro gostaram da idéia, e todas passaram o tal batom. Notei que as noivas carregaram bem os lábios de batom, deixando-os bem marcados.

A turma voltou-se, novamente, à cena dos casamentos na frente do padre. A estas alturas, o pai da noiva-rainha já tinha retomado suas atividades no puteiro. Ele já estava agarrando outras meninas por ali. Observei que as meninas correspondiam e simulavam com ele cenas de abraços, olhares e insinuações. Num dado momento, esse mesmo garoto, pai da noiva-rainha aproximou-se pelas costas da primeira noiva, que não era a sua filha, e a agarrou pela cintura desequilibrando-a para trás.

O ambiente ficou um pouco tumultuado, e, nesse contexto, o noivo da primeira noiva aproveitou que sua companheira e o pai da noiva-rainha estavam no chão para deitar-se sobre sua noiva. O menino rapidamente fingiu deitar-se sobre a colega sua noiva e logo se levantou. Todos acabaram se levantando e se recompondo na frente do padre, na Igreja. Alguns da platéia, inclusive, pediram para o pai da noiva-rainha acalmar-se um pouco para a história poder continuar.

O padre perguntou, então, se alguém tinha algo a dizer sobre os noivos ali presentes. Mal o padre tinha acabado de fazer a sua pergunta, as putas se

manifestaram com muito entusiasmo. Elas berravam, todas juntas, dizendo que tinham coisas a dizer sobre uma das noivas, a primeira. Elas não falaram nada sobre a noiva-rainha. Uma das prostitutas disse que a primeira noiva, a que tinha sido atacada pelo pai da noiva-rainha, era velha conhecida das putas, pois vivia no puteiro arranjando homem, vivia traindo e chifrando o noivo.

Um monte de gente caiu em cima dessa noiva que, de novo, foi para o chão. Atacaram a menina, e no meio da nova agitação, o pai da noiva-rainha pegou o batom que estava na mão de uma das prostitutas e se lambrecou o rosto de vermelho. O noivo da noiva prostituta, caída no chão, também achou graça no batom e passou um pouco em suas bochechas.

A noiva-rainha reclamou da agitação e disse que queria se casar. Ela argumentou que o casamento dela tinha que acontecer independentemente do outro casal. Ela catou o seu noivo pelo braço e foi, novamente, até o altar. Frente a essa atitude da noiva-rainha, a outra noiva-prostituta e seu noivo decidiram que se casariam também. Esse noivo ainda completou que não havia problema algum se sua noiva freqüentasse o puteiro. Ele reafirmou que se casariam assim mesmo. Os quatro noivos retomaram, então, a cena do casamento e se ajoelharam na frente do padre.

Desta vez, o padre proferiu sua fala sem precisar recorrer a mim. Ele dirigiu-se à noiva prostituta e, usando os nomes verdadeiros de cada um dos participantes, perguntou a ela se queria se casar com o colega ao seu lado. Ela respondeu que sim. O padre repetiu a mesma pergunta para o noivo que também disse sim. O padre, então, os declarou marido e mulher e os convidou a se beijarem. O noivo aproximou-se da noiva prostituta e a beijou na bochecha. A noiva enrubesceu. Logo em seguida, o padre repetiu o mesmo procedimento com o outro casal. Eles responderam sim às perguntas do padre e, do mesmo jeito, a cerimônia encerrou-se com o beijo tímido do noivo na bochecha da noiva.

Assim que acabou a cerimônia dos casamentos, a turma entrou em festa. Disseram que teriam que festejar os casamentos. O pai da noiva rainha e as prostitutas começaram a dançar. Enquanto isso, as noivas resolveram mudar de roupa. Elas tiraram seus véus e inventaram outras fantasias.

As noivas dizem que viraram putas também e se juntam às colegas no puteiro. A noiva rainha explicou que tinha surpreendido o noivo dela com outra mulher. Esse último prontamente retrucou dizendo que não estava nem aí se sua ex-noiva tinha virado prostituta e ainda completou afirmando que já tinha arranjado outra companheira.

Com exceção das duas damas finas, todas as meninas da classe tornaram-se prostitutas. A turma do puteiro formava um grupo grande de meninas, todas muito animadas. Enquanto as putas dançavam e se divertiam, as damas educadas permaneciam sentadas observando a festa.

Em contraposição às meninas prostitutas, alguns meninos juntaram-se e formaram um grupo de homens. Com uma capa preta grande por cima de suas cabeças, eles abordavam as prostitutas. As meninas logo começaram a reclamar que os meninos faziam isso para mexer com elas por debaixo do pano preto. A turma acabou se dispersando e foi o final da encenação. Eu mesma senti um certo alívio quando esse encontro extremamente agitado terminou.

O CASAMENTO DO MENDIGO

Começaram a aparecer algumas personagens: um mascarado, um mexicano, o homem da capa amarela, Nelson da Capetinga. Notei que os meninos foram os primeiros a explorar a mala e criar fantasias.

Um grupo de meninas resolveu também entrar na brincadeira. Começaram, então, a vestir uma colega de noiva.

Enquanto as meninas aprontavam a colega noiva, os meninos experimentavam diferentes trajes. Eles apresentavam-se uns aos outros, e a cada vez inventavam nomes diferentes; Gilbetino, Roberto, Rodrigo, José Alberto, Nelson da Capetinga...

Alguns garotos disseram que o Nelson da Capetinga seria o marido na 'noivinha' que estava se arrumando no canto da sala. Este noivo também já tinha se apresentado como sendo o Rafael e o José Alberto.

Um homem mascarado sai correndo atrás da noivinha. Ele diz que vai agarrá-la. Um clima de correria e agitação instala-se na sala por alguns instantes.

Enquanto isso, o noivo, Nelson da Capetinga, resolve virar mendigo. Ele deita-se no chão da sala e os colegas atiram panos sobre ele.

Um dos meninos diz que é o Rico. Ele fala: *"Vai chegando o Rico... o rico chuta o mendigo... o mendigo tá pedindo um pão duro, ele não dá o pão duro... ele chuta mais uma vez o mendigo"*. O menino, enquanto fala, encena os maus tratos e os golpes desferidos contra o mendigo esticado no chão. O Rico ainda continua: *"Não pode ter mendigo na rua... se vê um mendigo chute... esse aqui é um mendigo, aqui ó... é um mendigo"*.

O mendigo volta a se levantar e se junta aos colegas. Surge um outro garoto dizendo que é noivo também. São, então, dois noivos nessa história.

O noivo mendigo pede para eu filmar o brinco dele.

Aparece também um outro mendigo. Dizem que esse novo mendigo é namorado do noivo-mendigo. Este último não diz nada.

Junta-se ao grupo de meninos mais um jovem que se apresenta como sendo o penetra da festa. Esse jovem conta que ele e o segundo mendigo vão à festa de casamento do noivo-mendigo e da noivinha. Todos acham graça, e o penetra diz que se chama Serginho Malandro.

O grupo resolve que está na hora de encenar o casamento. Chamam a noiva para a cerimônia, mas ela havia desaparecido, a menina no papel de noivinha tinha tirado a sua fantasia. Ela explicou que não queria mais fazer o papel de noiva.

Uma outra menina disse, então, que seria a noiva e começou a se arrumar com a ajuda das colegas.

Um menino diz que vai ser padre no casamento. Surge também um outro jovem apresentando-se como “madrinho” do noivo. Todos dão risada do engano do garoto que prontamente corrige dizendo que será o padrinho do noivo. O mascarado muda de vestimenta e diz que vai ser o pai da noiva. O segundo noivo desaparece no meio da multidão e permanece apenas o casal formado pelo noivo-mendigo e a nova noiva. Abrem um espaço na sala, colocam uma mesa simulando o altar e o padre coloca-se atrás dela.

Observo que quatro jovens estão prontos para entrar na Igreja: o casal de noivos, o pai da noiva e o padrinho do noivo. O pai da noiva segura o braço da filha, o padrinho coloca-se ao lado do noivo. Observo que os cônjuges mantêm uma certa distância um do outro.

Os quatro entram juntos na Igreja, um ao lado do outro. Durante a trajetória deles até o altar, a turma permaneceu em silêncio. A noiva, um pouco incomodada com a falta de animação da platéia, entoou sozinha uma música: “*tan, tan, tan, tan, tan...*”. Contudo, meio sem graça, ela também logo silenciou.

Os quatro aproximam-se do altar. Na frente do padre, mandam o casal ajoelhar-se. Os noivos ignoram o pedido dos colegas e permanecem em pé. Pai e padrinho acompanham ao lado dos noivos toda a cerimônia.

Enquanto eu filmava o casamento, vários convidados faziam sinais de chifrinhos atrás das personagens no altar. O noivo aproveitou a filmagem para pedir, novamente, para que eu filmasse o brinco dele.

Cutucam o padre para que ele comece a falar. A noiva pede as alianças e logo aparecem os anéis para a cerimônia. Alguém da turma encarregou-se de providenciá-las.

O noivo volta a insistir para eu filmar, dar um close, no brinco dele.

O padre pergunta para a noiva: “*você aceita na hora da tristeza e da alegria, aceita o R. como o seu legítimo esposo?*”. A noiva responde que sim. O padre faz a mesma pergunta para o noivo que também diz sim. O casal troca as alianças, cada um põe uma aliança no dedo do companheiro.

O padre finaliza a cerimônia convidando os noivos a se beijarem. Nenhum dos noivos se mexe. A noiva reclama que seu véu está caindo, o noivo pergunta se já não acabou.

A turma continuou insistindo e pedindo o beijo. Eles berravam: “*beija, beija... selinho, selinho...*”.

O noivo vira as costas para a noiva e sai de cena. A noiva também se afasta do altar, saindo pelo lado oposto ao do noivo. A turma toda se dispersou na sala. Foi o final desse casamento.

A HORA DO BEIJO

Surgiram diversas personagens; uma mendiga cheia de roupas e bem sofisticada, um garoto vestido de noiva, um casal de travestis, duas noivas, a morte, fantasias diversas sem nome definido.

Meninos com turbantes se diziam do Afeganistão enquanto que algumas meninas usavam véus e xales cobrindo a cabeça. Algumas meninas se diziam a Jade da novela “O clone”.

Perguntei, então, à turma o que queriam representar com essas vestimentas. Um garoto sugeriu uma festa à fantasia. Essa idéia, no entanto, não encontrou sustentação no grupo.

Um outro menino propôs encenarem um casamento. Foi só falar em casamento que a turma se animou. Duas meninas resolveram que seriam as noivas e começaram a se aprontar.

Um menino entrou em cena dizendo que seria o padre. Ele arrumou uma mesa para simular o altar na igreja, e a cobriu com um pano preto. Ele usava uma bata preta e um chapéu de palha de abas largas. O padre colocou-se atrás da mesa e aguardou o início dos casamentos.

Vários meninos apresentaram-se como padrinhos e se colocaram ao lado do padre. Todos eles, também vestidos de preto, formavam, no altar, um conjunto de garotos que chamava a atenção.

Apareceu um outro jovem, também trajado de preto, que se colocou entre o padre e os padrinhos. Ele apresentou-se como sendo um agente funerário e explicou que depois do casamento iriam matar o noivo. Ele completou dizendo que também precisariam de um policial. No entanto, não apareceu ninguém para assumir tal função. Eram, portanto, pelo menos, uns seis jovens de preto alinhados à espera dos acontecimentos.

Ali em volta, outros jovens sem fantasia muito definida aglomeravam-se para assistir ao casamento.

Uma menina com uma barriga crescida circulava pela sala dizendo que estava grávida e que o seu filho nasceria em breve. Ela contou que o pai da criança a tinha deixado. Um jovem ali perto foi logo avisando que seria o médico e que faria o parto da futura mãe.

Uma outra menina apresentou-se como sendo a mãe. Perguntei a ela de quem ela era mãe, se do noivo ou da noiva. A menina apenas respondeu que era uma mãe fina, que estava no casamento.

O cenário já estava pronto e as noivas também já estavam prontas, mas não havia noivo definido para esses casamentos. Chamaram um colega ali perto para entrar nesse papel, mas o menino recusou. Ele disse que não queria ser o noivo e que preferia ser o pai da noiva. Ele colocou-se, então, ao lado da filha. Depois de mais alguns instantes, acabou aparecendo um noivo. Ele usava um paletó bege, gravata e chapéu de palha. Esse noivo destoava do resto dos garotos de roupa sombria.

A primeira noiva entrou na Igreja de braços dados com o seu pai. A turma toda cantou: “*tan, tan, tan, tan, ...*” seguindo o ritmo da música de criança: “lá vai a noiva toda de branco, lá vai o noivo de cueca e tamanco”. Chegando ao altar, o pai entregou a filha ao noivo e o jovem casal aproximou-se da mesa do padre. Observei que havia um monte de gente em volta do casal, acompanhando a cerimônia.

O padre começou a cerimônia. Ele falava com desenvoltura, disse que estavam reunidos para celebrar a união do casal, abençoou os noivos, pediu as alianças.

Arrumaram anéis para a encenação e os noivos trocaram alianças. Uma multidão em volta do altar acompanhava os acontecimentos.

O padre declarou os noivos marido e mulher, e disse que eles poderiam se beijar. A turma toda começou a gritar: “*Beija, beija, beija...*”. O casal ficou meio sem graça, mas o noivo acabou dando um beijo no rosto da menina. A classe toda gritou satisfeita, soltaram urros de alegria e aprovação.

Mal tinha acabado esse casamento e a outra noiva já estava pronta para se casar também. Desta vez, no entanto, não havia um moço para fazer papel de pai. Entrou no lugar dele uma menina. Entraram, então, na Igreja, as duas jovens de braços dados enquanto os colegas entoavam a mesma música do casamento anterior. Elas foram até o padre e, no caminho, a noiva juntou-se ao seu noivo. Até o momento da entrada da noiva na igreja, não havia um noivo definido, mas um garoto acabou entrando, de última hora, no papel de noivo.

O padre retomou o mesmo procedimento religioso. Os noivos trocaram alianças, o padre abençoou a união do casal, os declarou marido e mulher e os convidou a se beijarem. Novamente, a turma toda pediu o beijo, e o noivo beijou a menina na bochecha.

Quando a turma começou a se dispersar, o agente funerário interveio reclamando que tinham que ter matado o noivo para ele entrar em ação. Ele perguntou quem mataria o noivo. Ele insistiu na pergunta até que a mãe fina acabou dizendo que mataria o noivo. A mãe fina juntou-se a outra colega, e as duas apresentaram-se como sendo irmãs Clementinas que assassinariam o noivo logo após o casamento.

Retomaram, então, o último casamento. A noiva entrou de novo na igreja com sua colega, o padre fez o casamento como de costume, os noivos trocaram alianças, o padre abençoou o casamento e os declarou marido e mulher.

Enquanto a padre falava, as duas irmãs assassinas foram se colocando atrás do noivo. Cada uma delas segurava nas mãos um cinto.

Elas esperaram o padre declarar os noivos marido e mulher para atacar o noivo. Assim que elas começaram a passar o cinto ao redor do pescoço do noivo a turma protestou. Argumentaram que elas só poderiam matar o noivo depois do beijo. Tinham que primeiro deixar o noivo beijar a noiva para depois matar o sujeito. Novamente, a turma gritou em coro: "*Beija, beija, beija...*".

Mal o garoto acabou de beijar a menina no rosto que as irmãs Clementinas assassinas entraram em ação e atacaram o noivo pelas costas com seus cintos. O coitado caiu para trás e um monte de gente jogou-se em cima dele. Fiquei preocupada com o garoto, tive medo de que ele se machucasse. Aproximei-me do grupo e vi o noivo saindo sorrindo por debaixo da pilha de colegas em cima dele.

Perguntei às assassinas o motivo do assassinato. Elas argumentaram que o noivo era muito covarde, um safado, cafajeste, que tinha abandonado uma menina grávida. A tal grávida passou, de novo, por perto exibindo seu barrigão e completou dizendo que seu filho já estava nascendo.

O médico, vestido com um guarda-pó branco, aproximou-se da jovem mãe para realizar o parto. Um outro menino me perguntou se eu tinha uma boneca para simular o nascimento do bebê. Segundo ele, seria mais legal com uma boneca para fingir ser o bebê. Por falta de boneco, fizeram o parto apenas retirando os panos debaixo do vestido na menina.

Enquanto nascia o bebê, um grupo de garotos ao lado tentava segurar à força um colega deitado sobre um conjunto de carteiras alinhadas, formando uma mesa comprida. Esses garotos diziam que estavam no velório do noivo. Um

monte de meninos circundava o defunto agitado que tentava em vão se reerguer.

Aproximei-me do grupo no velório e fiquei surpresa ao ver que o sujeito sobre a mesa não era o noivo assassinado, era um outro menino. Perguntei, então, à turma quem era o falecido. O noivo, supostamente recém assassinado, respondeu: *“Ele é que é o morto, o noivo sobreviveu, as tontas mataram o homem errado!”*.

O CASAMENTO DOS GAYS

Aparecem diversas personagens; afegãos, Osama Bin Laden, um enforcado, travestis, três noivos, uma noiva, a madrinha da noiva, padrinhos. Observo que, entre os noivos, dois noivos são bem amigos, abraçam-se. O terceiro fica meio de fora e acaba desistindo do papel.

O jovem, que na semana anterior tinha feito papel de padre, reclama que não tem mais paletó para ele na mala. Ele experimenta outras roupas e acaba dizendo que sua nova fantasia combina mais com a de um oficial de polícia.

O grupo elege uma outra menina para ser a segunda noiva. Essa menina, já vestida de branco, a princípio, diz que não quer ser uma das noivas, mas acaba aceitando o papel.

Os jovens nos papéis de noivos voltam a se abraçar, reafirmam que vão se casar.

Arrumam uma mesa para formar o altar, vários garotos se colocam atrás dela e aguardam os acontecimentos. Observo que estão presentes o agente de polícia e vários padrinhos.

Aparece a mãe de uma das noivas. Ela reclama que o casamento está enrolado, que não está saindo, que o padre está atrasado. Ela ainda diz que o cara engravidou a sua filha e que agora está enrolando para casar. Ela ameaça que, se esta situação não for resolvida logo, o “bicho vai pegar”.

Demora um pouco para aparecer um padre, mas, depois de alguns instantes, um menino entra nesse papel.

Os meninos noivos aproximam-se do padre, experimentam umas alianças, eles se abraçam, andam de braços dados.

Começa o casamento. Os dois noivos são os primeiros a entrar na Igreja, juntos, e de braços dados. A classe toda canta em coro. Em seguida, entram as duas noivas, também de braços dados. Os jovens na platéia, novamente, acompanham animados o cortejo: “*tan, tan, tan, tan...*”, eles cantam a mesma música sem letra da entrada dos noivos.

Os dois casais colocam-se à frente do padre que inicia o seu discurso, com a ajuda de uma das noivas e da sogra cuja filha está grávida.

Celebram, então, um primeiro casamento e encenam a troca de alianças. O espaço no altar parece reduzido em função da quantidade de jovens se acotovelando para assistir ao casamento. O padre, enfim, declara os noivos marido e mulher, e os convida a se beijarem. Uma gritaria geral! Todos pedem beijo. O casal se abraça e o noivo beija a noiva na bochecha. Ouvem-se uivos de satisfação e aprovação.

Acontece o segundo casamento da mesma forma que o primeiro. O padre retoma o mesmo procedimento, e, no final, a cena do beijo se repete.

Decidem festejar os casamentos. O pessoal começa a dançar, a mãe da noiva grávida também cai na folia. Alguns dizem que estão num forró.

Aparece, na festa, um casal de travestis. Eles também dançam. Ao lado deles, os dois noivos, sem suas noivas, abraçam-se novamente e dançam juntos.

As noivas reclamam que os dois homens têm um caso. Eles mesmos se dizem gays. Eles até dançam um pouco com as esposas, mas logo voltam a dançar entre si. Eles se abraçam e as noivas reclamam de novo.

Por fim, os noivos resolvem voltar para suas esposas, cada um dá um beijo na bochecha de sua mulher. Parece que se reconciliaram.

PINTANDO, PENSANDO, BUSCANDO NOVOS SENTIDOS

Como apreciadora do desenho e da pintura, e já tendo ensaiado alguns trabalhos artísticos nessa área, diverti-me produzindo alguns desenhos para ilustrar este meu trabalho. Para cada uma das peças, escolhi uma imagem que pudesse representar um pouco meus pensamentos e sentimentos evocados no contato com este material que considero tão rico e cheio de vida. O uso do método psicanalítico, a meu ver, segue um caminho semelhante ao que realizei ao ilustrar as peças, visto que também permite e estimula, a partir do encontro estabelecido com a narrativa das peças, o surgimento de novas formas e significados para o material sobre o qual nos debruçamos da forma mais livre e descomprometida de teorias que nos é possível.

Retomando, então, os relatos das dramatizações, percebo que uma das coisas que mais me impressionou foi a vitalidade dos encontros. Lembro-me de jovens empolgados, experimentando fantasias, da euforia ao explorar a mala, de cenas divertidas, falas inesperadas que causaram muitos risos. Pairava no ar uma alegria contagiante que tomava conta da sala e dos participantes, como se fôssemos mesmo transportados para um outro mundo, o da brincadeira, do divertimento. Quando releio as peças, parece que todo o clima gostoso e divertido retorna, fazendo-me pensar em vida, disposição, encantamento, evidenciando, a meu ver, a vontade de viver e a capacidade de criar e de se desenvolver próprias do ser humano, não apenas do jovem.

Mas, conforme vou me aprofundando em minhas lembranças, sinto que vai brotando, lá no fundo do meu coração, uma tristeza, uma emoção difícil de descrever e que, às vezes, até me faz chorar. Penso nesses jovens, a maioria deles vivendo em favelas, pessoas com quem convivi meses a fio, com quem

compartilhei momentos gostosos, adolescentes que me receberam carinhosamente, que às vezes me aguardavam na rua, em cima do muro da escola, esperançosos em relação aos nossos encontros. Embora nossas oficinas de teatro espontâneo acontecessem num clima muito alegre, elas não deixavam, no entanto, de transparecer a dureza da vida enfrentada no dia a dia, as dificuldades em casa, as preocupações quanto ao futuro incerto... Nem tudo era euforia, brincadeira e alegria. Havia também muito sofrimento que podia ser percebido, sentido, nas entrelinhas de nossos encontros. De tempo em tempo, um ou outro compartilhava suas tristezas, suas dificuldades; Romeu²⁸ contando que teria que se mudar para Carapicuíba, para longe, e se afastar da escola, dos colegas, da gente... Julieta relatando o preconceito sofrido em função de doença que lhe deforma as mãos, a tristeza de Branca de Neve ao descrever com detalhes o atropelamento que presenciou de seu pai quando ainda bem menina, o desespero de Capitu ao desajeitadamente deixar cair no chão a máquina fotográfica que havia trazido para registrar nosso encontro e que pertencia à sua mãe. Assim como esses episódios, muitos outros foram sendo abordados ao longo de nossos encontros na escola. Embora vivêssemos, em nossas dramatizações, um mundo encantado de divertimento, de faz de conta, a realidade batia à porta, estava presente a todo instante.

Muitas vezes, à noite, eu, na minha cama quentinha, pensava nos jovens com quem havia compartilhado algumas horas durante o dia. Entre a minha casa e a escola, há um vale que nos separa; eu, psicóloga de classe média, e esses jovens, muitos deles vivendo em barracos. Penso no desconforto de um barraco, nas goteiras em dia de chuva, no frio das noites de inverno e me preocupo com os meus “vizinhos”. Como será que eles estão? Será que eles têm um cobertor quentinho? O que será deles, o que os espera no futuro? Embora a adolescência seja mesmo um momento de grandes transformações e

²⁸ Os nomes dos adolescentes são fictícios e foram escolhidos de peças de teatro, histórias infantis e da literatura brasileira.

descobertas, e, talvez, também seja um momento privilegiado de esperanças e projetos para o futuro, pergunto-me, considerando o contexto em que vivem, se não lhes falta um solo fértil para poderem crescer e florescer, para poderem dar vazão a toda esta vitalidade, alegria, este potencial de realização que presenciei nas oficinas de teatro espontâneo na escola.

Lembro-me do marido assassinado em “Traição e vingança”, que retornou à cena como advogado de “ataque”. Fiquei impressionada com esse jovem, com o seu carisma, sua capacidade de liderança, sua força ao expor suas idéias, levando a dramatização a um desfecho inesperado. Não era à toa que as meninas o disputavam! Esse jovem disse na peça que além de ser advogado era também um matador. Essa fala me assustou. Fiquei pensando que esse moço poderia mesmo se tornar um advogado bem sucedido e competente, mas também um traficante influente, um matador. De que modo será que ele empregará todas essas suas qualidades? Será que ele, de fato, poderá fazer uma escolha profissional?

Alice certa vez aproximou-se de mim perguntado o que eu pensava dela se tornar uma jornalista. Esse era o seu desejo e ela queria, então, saber o que eu achava a esse respeito, se ela teria jeito para seguir a carreira. Eu tinha diante de mim uma jovem muito alegre e comunicativa, que trazia um colorido especial às nossas dramatizações em função de seu jeito meio irreverente e imprevisível. Em nossas peças, ela se tornou uma admirável apresentadora, surpreendendo-se a si mesma quanto à sua capacidade de falar em público. Embora ciente das dificuldades em relação à qualidade do ensino nas escolas públicas e das conseqüências disso em termos de desenvolvimento profissional e possibilidade de escolha de uma carreira, creio que nunca devemos subestimar as possibilidades e capacidades de cada indivíduo de buscar o seu caminho, de lutar pelo que quer na vida à procura de sua felicidade. No entanto, é fato, que os jovens de periferia vindos de escolas públicas, dificilmente conseguem entrar numa universidade pública ou mesmo seguir um

curso de nível superior numa universidade particular em função dos custos muito elevados.

Retomando essas passagens do dia-a-dia de nossas oficinas de teatro espontâneo na escola, observo que a diferença social existente entre mim e os adolescentes não impediu, de modo algum, o encontro inter-humano, e, paradoxalmente, foi ultrapassada no encontro, tornando possível a comunicação de questões que afligiam os jovens. Afinal, todos nós, os jovens e eu, compartilhamos a vida numa mesma cidade, num mesmo país, num mesmo tempo, com dificuldades que nos atingem a todos, embora, talvez, de forma diferente. Não creio ser possível deixar de observar o quanto estamos todos inter-relacionados, cada um vivendo ao seu modo, mas apresentando de forma singular as questões que atravessam a nossa época.

Voltando novamente às peças, percebo que outra coisa que me impressionou bastante foi o fato de insistentemente esses adolescentes encenarem cerimônias de casamentos. Muitos adolescentes participaram de mais de uma dessas dramatizações. Cheguei a ouvir uma menina perguntando-se de quem seria o casamento “daquele dia”. Ou seja, não havia dúvida de que representariam um casamento. Nas diversas classes em que estive, essas dramatizações prosseguiram ao longo de um mesmo semestre. Era como se, de repente, tivesse surgido a oportunidade, para esses jovens, de viver intensamente algo que respondia às necessidades suas, e que, de alguma forma, preenchia, satisfazia algo que aparentemente faltava. Este movimento dos jovens leva-me a pensar em busca de vivências capazes de favorecer a constituição e simbolização de aspectos do *self* que ainda, eventualmente, não encontraram espaço para acontecer. Imagino uma criança em dia de festa, comendo com muita vontade várias fatias de bolo de chocolate, até saciar toda a sua necessidade por bolo, e não precisar mais, nas próximas festinhas, de tantas fatias de bolo, bastando-lhe apenas uma ou mesmo, podendo abster-se do doce. Os adolescentes, por um tempo, precisaram do doce, das

dramatizações de casamentos. Apenas no ano seguinte, notei que eles começaram a ventilar a possibilidade de encenar histórias diferentes. Aparentemente, eles já estavam satisfeitos, não que os temas trazidos nas peças encenando casamentos estivessem esgotados, mas parecia que alguma coisa havia mudado, quem sabe a vontade e necessidade de representar casamentos tivessem sido supridas no momento, possibilitando a abertura para outros interesses.

Observei que junto aos casamentos a idéia de morte esteve presente de forma explícita em praticamente todas as dramatizações. Esse tema da morte apareceu em diversos momentos e de diferentes formas; no assassinato de um casal de namorados na praça; no assassinato dos amantes num motel; na morte de um dos cônjuges, seja durante o casamento ou logo após a realização da cerimônia religiosa; na morte do filho recém nascido, ou mesmo no fuzilamento do grupo como um todo no final da dramatização. Em duas ocasiões, eu mesma, uma vez como namorada na praça e outra no casamento de Florisbela e Mão Preta, fui morta, assassinada, durante a encenação. O fato das peças trazerem freqüentemente, e de modo bastante próximo, cenas de morte e de casamento leva-me a pensar que esses dois temas podem estar emocionalmente muito ligados no universo desses jovens com quem trabalhei. Creio ser, então, importante procurar saber de que casamentos e de que mortes eles estão falando, já que esses são termos carregados de múltiplos sentidos, desde o mais literal até outros bastante simbólicos e metafóricos. Certamente, para me aproximar destes sentidos plurais é importante manter-me suficientemente próxima desse momento adolescente, tal como acontece na escola, na cidade em que vivemos, no momento sócio-político por que passamos. Penso, então, que vale a pena examinar novamente com cuidado as dramatizações produzidas nos encontros com os jovens, procurando entender um pouco melhor essa questão.

AS PEÇAS

“Quem quiser nascer deve quebrar um mundo”.

Herman Hesse²⁹

Pego, então, a primeira peça; “Assassinato de um casal de namorados na praça”. Não se trata nessa peça da dramatização de uma cena de casamento, mas a história encenada gira em torno de um casal de namorados. Na época da realização dessa peça, eu ainda não havia levado a mala à escola. As cerimônias de casamento iniciaram-se apenas quando deixei à disposição dos jovens a mala com objetos variados incluindo vestimentas, acessórios pessoais, e também um pedaço de véu de noiva, levando-me a acreditar que o elemento mala em nossos encontros talvez tenha favorecido a dramatização, de forma mais clara, de um mesmo tema que já aparecia nas primeiras dramatizações na escola, e também nessa primeira peça na forma de um casal de namorados. Num primeiro momento, o que chama a minha atenção nessa peça é o preço do sorvete na praça; R\$ 100,00!... Entendo que custa muito caro para se ter uma namorada aos 14, 15 anos. Fico perguntando-me o que torna o namoro tão caro. Imagino que seja caro por ser querido, desejado, mas também talvez por solicitar do jovem uma maturidade sexual que ele ainda, eventualmente, não está seguro de ter atingido. Penso também nas conseqüências de um namoro, em termos de gastos que um envolvimento maior do casal pode acarretar: sustento de família, moradia, filhos... No entanto, mesmo com esse preço caro, o namorado fez questão de oferecer o sorvete à sua amada. O fato do valor para se ter uma companheira ser mesmo muito elevado não inviabilizou o desejo. Observo que há um movimento intenso no sentido de buscar um relacionamento amoroso, mas por outro lado, existem sentimentos contraditórios, talvez de medo e inadequação, que dificultam essa união. De fato, na praça, acaba aparecendo um ladrão que rouba a cena dos

²⁹ Esta epígrafe pode ser encontrada em Tubert (1999).

namorados, interrompe o romance. Também surge um clima de ciúmes, a amiga da escola se diz namorada do mesmo garoto... Será esse movimento do grupo uma tentativa de evitar o encontro dos namorados que aparentemente incomoda? Percebo que a tal amiga de escola acaba ocupando o papel de terceira excluída na relação do casal tornando a situação insustentável a ponto de ser necessário eliminar o casal da praça. Parece que a morte, o assassinato dos namorados foi a solução encontrada pela turma para o impasse vivido, para resolver o incômodo suscitado com a presença do casal, que penso também representa o desejo, a esperança de encontrar um parceiro, mas igualmente o desejo de crescimento, de se inserir no mundo dos adultos. No final, todos acabaram mortos, fuzilados, um extermínio geral e, encerrando a dramatização, uma menina sugere que venha um anjo e ressuscite todo mundo. Eliminar a cena que causa desconforto, negar a situação que se apresenta, parece uma das formas desse grupo lidar com as dificuldades sentidas. Pergunto-me que dificuldades são essas, de que tragédias esses jovens estão falando. Penso na tragédia grega do rei Édipo, no significado que pode ter para esses jovens tornar-se adulto, nos sentimentos contraditórios experimentados ao longo dessa dramatização. Imagino que essa tragédia representada em classe está relacionada a eventualmente não se conseguir lidar com o preço caro que acompanha o crescimento, o desabrochar da sexualidade, a entrada no mundo adulto.

Passo, então, para a peça seguinte que chamei de “Traição e vingança”. Aqui, novamente, e de forma mais evidente e clara, surge um triângulo amoroso. Desta vez, chamou minha atenção a jovem esposa que viveu, em cena, uma situação de rejeição, de traição, de exclusão de uma relação amorosa. Seu colega, de fato, preferiu ficar com a outra colega de classe no papel de sua amante. Senti que a situação ficou um pouco delicada nesse momento, causou um certo suspense na sala. Fiquei perguntando-me qual seria o desfecho dessa novela e também por que reinava um clima de suspense. Pelo jeito, o grupo sentiu profundamente a “traição” vivida em sala

pela colega. Observo que a solução do grupo para o impasse, como na peça anterior, foi também a eliminação do casal. Entendo que, a partir do teatro espontâneo, esses jovens interpretam o que é viver esse momento adolescente, essa procura de novos companheiros que subentende também eventuais desentendimentos e a ruptura de relacionamentos já estabelecidos no passado.

Aparentemente, esses jovens apresentam uma reedição do complexo de Édipo. A morte de que estão falando, que pode eventualmente aludir a uma perda do universo infantil, talvez aqui se refira à ruptura de vínculos antigos, quem sabe aqueles estabelecidos no ambiente familiar, ao longo dos primeiros anos de vida. Essa ruptura, que está relacionada à destruição simbólica dos pais internalizados da infância, e que, nos casos em que tudo vai bem, pode instaurar um novo modelo de relacionamento com os pais, pautado no uso de objeto descrito por Winnicott (1969/1975), é, no entanto, necessária para que novos vínculos possam ser criados, para que o adolescente possa crescer, desenvolver-se. Conforme afirma Winnicott (1968a/1975), é necessário matar pai e mãe na fantasia para poder crescer, e crescer significa ocupar o lugar dos pais. A morte do infantil e de um modelo de relacionamento com os pais que subentende dependência e sentimentos amorosos direcionados principalmente aos progenitores acontecem e são necessárias para que a vida possa prosseguir, para que o jovem possa se desenvolver para além da esfera familiar. Parece que nas peças a morte também pode ser pensada como condição necessária para que novos vínculos sejam estabelecidos, para que o casamento aconteça³⁰.

Ainda nessa dramatização, mas não apenas restringindo-se a essa peça, creio que é muito interessante observar o clima de divertimento que acompanha a dramatização mesmo sendo muito sério o assunto tratado. A cena na feira

³⁰ Esta articulação do uso de objeto com o complexo de Édipo é uma contribuição de Winnicott que evidencia seu modo original de se apropriar do pensamento psicanalítico tradicional.

com salsichas, bananas, tomates causou muitos risos aludindo evidentemente a imagens altamente sexualizadas. Fico perguntando-me o que é mesmo tão divertido, se as salsichas e bananas ou a brincadeira em si. Percebo que há um prazer simplesmente em dramatizar. Certa vez, ao entrar em sala de aula, uma jovem veio me perguntar se íamos fazer de novo a nossa brincadeira. Entendi, então, que o teatro espontâneo era a “nossa” brincadeira. De acordo com Winnicott (1971a/1975, p. 59):

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas brincando juntas.

Nesse enquadre diferenciado empregando o teatro de espontaneidade com os jovens, vivemos claramente algo dessa ordem, uma sobreposição de diversas áreas do brincar de todos os participantes. Éramos várias pessoas brincando juntas, e, pelo jeito, o divertido estava mesmo em brincar de representar. Talvez não importasse muito o quê se dramatizava, mas o fato é que essa atividade nos pertencia, era nossa, nós a havíamos criado juntos, em nossos encontros. Considero interessante esse sentimento de ser o criador, o dono da brincadeira, parece coisa de criança pequena que decide quem faz ou não parte da brincadeira que ela acredita que é dela. Fiquei pensando que não só as personagens e as dramatizações puderam ser criadas/encontradas construtivamente pelos jovens face às suas necessidades expressivas do momento, mas também a própria brincadeira de dramatizar foi criada/encontrada por esses jovens. Criaram/encontraram o teatro da espontaneidade ao modo deles, como se ele já não existisse antes, reeditando o fenômeno de ilusão onipotente observado por Winnicott (1971a/1975) nos primórdios das relações humanas, fenômeno que acontece antes que se possa, de fato, perceber que o que consideramos nossa criação pertence a um mundo exterior.

Continuo seguindo a narrativa da mesma peça e percebo que resolveram julgar a assassina. Entretanto, noto que a turma entra num marasmo, sinto que está difícil condenar a tal colega suspeita de assassinato. Parece que, no fundo, todo mundo ali presente se identificou com a ré. Não poderiam acusá-la de um crime do qual ela não era a única responsável visto que, aparentemente, todos os presentes sentiam-se de alguma forma implicados. Novamente pergunto-me o que é mesmo que mataram e volto a pensar nos namorados assassinados. Mas logo chegam as mexericas³¹, e o próprio falecido volta à cena, com o detalhe de ter costurado seu pênis de volta. Acho interessante que o jovem para voltar à vida, falar, participar, teve que reconstituir seu órgão genital supostamente cortado fora por sua ex-esposa. A esposa além de perfurar seu estômago também eliminou a fonte de prazer, de sofrimento. Finalizando essa dramatização, noto que, quando, finalmente, a própria acusada se atrapalha e admite sua culpa, houve um alívio, a turma relaxou, como se de repente estivessem todos livres de qualquer culpa ou comprometimento com o assassinato ocorrido, não precisariam mais acusar a colega. Achei curioso esse alívio geral levando-me a pensar no quanto se sentiam comprometidos face a esse crime aparentemente tão grave. Imagino um sentimento de culpa relacionado a matar, crescer, desejar...

Resolvo seguir lendo as peças e inicio a leitura do “Casamento de Florisbela e Mão Preta”. Esse foi o primeiro encontro com a mala, lembro-me da turma muito empolgada com os objetos oferecidos para a confecção de fantasias e com a possibilidade de se fantasiar. Senti que, com a mala, os jovens mais rapidamente entravam nas dramatizações, aliás, eles mesmos acabavam sugerindo fazer uma encenação.

³¹ As mexericas eram o lanche oferecido pela escola naquele dia que um dos alunos tinha ido buscar num momento, aparentemente, de marasmo, durante a dramatização da peça “Traição e vingança” (p. 59).

Dessa vez, dramatizaram uma cerimônia de casamento, mas observo que, de certa forma, essa peça trouxe novamente um mesmo tema: a história de um casal que acaba em morte, embora dessa vez apenas da noiva. Nesse casamento, chamaram a atenção os inúmeros empecilhos que surgiram dificultando a celebração; um gay queria levar o noivo, a noiva fugiu, a madrinha ficou enciumada dizendo que queria o noivo para si, resolveram matar a noiva. A todo instante pareciam tentar postergar o encontro do casal. Lembro-me de que em outras peças esse fenômeno se repetiu. No “Casamento dos gays” a mãe da noiva reclamava que o casamento estava enrolado. No “Casamento da prostitutas”, em diversos momentos, surgiram situações que adiavam a realização dos casamentos causando grande desconforto na turma e em mim também, dando até a impressão de que não seria possível finalizar a dramatização.

Esse desconforto sentido em varias dramatizações parece indicar que, junto com este movimento de busca de novos companheiros, de procura e de constituição de um novo posicionamento existencial capaz de incluir a dimensão adulta e sexualizada do *self*, acompanham preocupações e medos em relação à sexualidade, intimidade com um outro. Imagino que talvez esses jovens estejam também falando deste outro, “si mesmo”, que desponta na adolescência, diferente, que experimenta sensações novas. Lembro-me do jovem na peça “Sofrimento e desamparo” que circulava pela sala dizendo que preferia ficar fora da dramatização, que não participaria de jeito nenhum. Quando lhe perguntei o porquê disso, ele respondeu que se ele entrasse na encenação eu ficaria muito assustada com o que ele poderia vir a falar e fazer. Mas o que será que poderia acontecer caso ele resolvesse se soltar, deixasse transparecer seu desejo, seu modo de ser genuíno? Aparentemente, há um desconhecimento a respeito de si mesmo, a cerca do que se é capaz de fazer, um medo de não ser adequado, de não conseguir controlar seus próprios movimentos temendo que irrompam de modo inconveniente, quem sabe, de maneira intensa, forte, a ponto de assustar.

Voltando ao “Casamento de Florisbela e Mão Preta”, penso no “Mão Assassina” quando, em vez de matar a noiva, dirigiu-se a mim e me degolou. Fiquei me perguntado quem de fato esse jovem estava matando naquele momento. Seria mesmo a noiva, eu mulher, a psicóloga coordenando o grupo, sua mãe internalizada, aquela que precisava morrer para que o casamento acontecesse ou, quem sabe, aquela que precisava morrer para que o casamento não acontecesse, evitando assim a realização do encontro amoroso? Afinal eu era aquela que, de certa forma, estava permitindo que tudo aquilo pudesse ser dramatizado. Acredito, no entanto, que não é possível saber ao certo de que mulher se tratava, mas o fato é que foi possível presentificar no momento da dramatização esse assassinato vivido também na fantasia³². Provavelmente, qualquer efeito mutativo que esse brincar possa ter favorecido certamente não está relacionado a uma clínica decifradora, pautada na decodificação seja de representações, do material latente, ou do desejo inconsciente (Safra, 1999a), mas advém da utilização desse enquadre diferenciado no estabelecimento de um campo capaz de acolher o gesto que apresenta o *self*.

Penso que esses últimos episódios citados apontam para este lado pouco explorado de si que atemoriza os jovens, que é sentido como perigoso, podendo levar à loucura ou mesmo à morte, fazendo alusão a uma experiência emocional inesperada, que pode ter um efeito assustador, até mesmo devastador, principalmente quando muito intensa. Relembrando o final da peça “Sofrimento e desamparo”, observo que a turma entra em transe, todos ficam doidões, alguns morrem de overdose enquanto os outros vão parar num hospício. Aparentemente, eles acabam enlouquecidos, perdem-se na loucura.

³² Em função da riqueza do acontecer humano, penso que é importante estar aberto à pluralidade de sentidos passíveis de serem atribuídos a um mesmo acontecimento sem eleger uma explicação em particular que apenas contribuiria para reduzir e empobrecer o fenômeno percebido e sentido.

Fico pensando que a existência e o ser parecem comprometidos ou mesmo impossíveis de serem realizados de modo espontâneo, livre. Em “Sofrimento e desamparo”, aparentemente, qualquer que seja o caminho escolhido, seja evitando ou buscando o encontro amoroso, chega-se à loucura, à morte, à perda de si mesmo. Noto que a turma representa um clima de alienação, de “sexo drogas e rock and roll”. Também me pergunto se esses jovens não estão nos comunicando nessa peça uma falta de possibilidades de caminhos, relacionada, num sentido mais amplo, com o que sentem como possibilidades de devir, incluindo, então, as perspectivas ou não de trabalho, estudo, desenvolvimento profissional. Observo que o noivo, ainda em “Sofrimento e desamparo”, parecia sem ação, ele apenas chorava sugerindo um certo conformismo em relação à situação vivida, como se ele não tivesse outra opção senão casar-se mesmo com a tal menina de que ele não gostava.

Entendo que a morte pode, então, também ser compreendida como falta de opção perante a vida, como possibilidade de perda de si mesmo, de loucura, de alienação, ou ainda como medo de não conseguir controlar os impulsos sexuais e agressivos que se intensificam na adolescência. É importante, aqui, observar que a agressividade para Winnicott (1939/1999) não diz respeito a algo de ruim que deve ser contido, mas é mostra de vida e subentende a descoberta, a apropriação, e o emprego das potencialidades pessoais inerentes ao ser humano. No entanto, parece que, para esses jovens, a elaboração imaginativa das funções corporais, que acompanham o desabrochar da sexualidade e dessa agressividade em forma de potencial criativo, remete a fantasias assustadoras, a algo que embora muito desejado pode, até mesmo, ser sentido como catastrófico. O que tanto faz vibrar pode ser perigoso, sair do controle, ou mesmo causar a morte do objeto amado.

Retomando esse medo em relação ao que pode acontecer ao se soltar, imagino se personagens como o olheiro que observava os colegas fingindo fumar baseado, a juíza, e as damas finas que não se misturavam com as

prostitutas no puteiro não personificam um olhar controlador e crítico que esses jovens experimentam em relação a si próprios. Em geral, notei que alguns desses adolescentes, que desempenharam papéis de agentes sociais que fiscalizam e controlam, apresentavam dificuldade para participar mais livremente das atividades, mostravam-se contidos, embora, em muitos momentos, fosse possível perceber um desejo de se libertar.

De acordo com Winnicott (1967/1999) os adolescentes precisam ser capazes de cavalgar os instintos, ao invés de ser levados por eles. Penso que essas peças nos trazem um questionamento a respeito de como lidar com a sexualidade sem ser avassalado por ela, como exercitá-la sem destruir, prostituir-se, ser prisioneiro dela, ou matá-la de vez. Tenho a impressão de que os jovens, ao se imaginarem no papel de adultos sexualizados, observam e se comparam com o que já existe à volta deles, perguntando-se como será o futuro deles.

Em um dos encontros em que poucos jovens estavam presentes, uma adolescente contou de sua preocupação em engravidar aos 16 anos. Na época, a menina estava com 15 anos, e, segundo ela, sua mãe, sua avó, suas duas irmãs e tias tinham engravidado aos 16 anos. Como sair desse padrão recorrente em sua família quando ao mesmo tempo ela sente no corpo o apelo sexual? Entendo que cabe aqui pensar a adolescência no contexto do mundo contemporâneo, lembrando que os temas abordados pelos jovens em nossos encontros não remetem apenas à história pessoal dos adolescentes, mas pertencem à nossa época, referem-se a problemáticas do nosso tempo, da nossa cultura, que atravessam a vida de todos nós. Aparentemente, essa jovem, preocupada com uma eventual gravidez na adolescência e reedição da história de sua família, reapresenta, de modo singular, essa questão, própria de nosso tempo e que aflige muitas jovens adolescentes, na expectativa de um encontro que possibilite uma experiência que a ajude a encontrar um caminho diverso do trilhado pelas suas antepassadas. Em função da história de sua

família, parece que essa moça tem dúvidas quanto a poder encontrar em seu ambiente familiar o respaldo e os elementos necessários para lidar com esse despontar da sexualidade, do desejo, e com a possibilidade de uma gravidez precoce.

Este tema da gravidez na adolescência também apareceu em outras dramatizações. Em “A hora do beijo”, uma jovem circulava pela sala exibindo sua barriga crescida. Ela afirmava que o noivo a havia abandonado e que seu filho já estava por nascer. Mais adiante, na mesma encenação, as irmãs Clementinas, assassinas do noivo, explicaram o porquê do ato delas. Elas dizem que o noivo era muito covarde, um safado, cafajeste, que tinha abandonado uma menina grávida. Vale aqui observar o nome dessas jovens que sugere que elas sejam mulheres caridosas e que o assassinato que elas cometeram tenha sido um ato de bondade. No casamento dos gays é a sogra que reclama do noivo. Ela o acusa de ter engravidado sua filha e ainda ameaça tomar providências caso o noivo “enrole” demais para casar.

“Sofrimento e desamparo” também traz uma cerimônia de casamento. No entanto, essa celebração acontece como parte de uma dramatização mais longa que relata a vida de um casal, desde a juventude quando eram caipiras passando pelo casamento, os filhos, a separação, até o noivo tornar-se “rockeiro” e drogado, e a noiva dançarina e depois santa. Chama a atenção a variedade de situações retratadas e de personagens representadas. Talvez a brincadeira fosse mesmo experimentar todos esses papéis, imaginar-se vivendo outra pessoa, diferente de si mesmo, em diversos momentos da vida. À primeira vista, parece que esses jovens estão experimentando novas maneiras de ser e existir no mundo adulto, na busca e expectativa de escolha de um caminho para si. Penso também que durante as dramatizações era mais fácil livrar-se, de brincadeira, das limitações pessoais, tornando possível relacionar-se com outras formas humanas de ser. Contudo, considerando novamente o contexto sócio-econômico em que estão inseridos esses jovens, pergunto-me

se eles têm de fato à frente tantas possibilidades de escolha como as representadas nas peças. Dou uma olhada na peça seguinte, o “Casamento da perua”, e fico pensando nessa personagem glamurosa, poderosa, endinheirada, sexualizada, quem sabe, invejada. Penso em artistas de televisão, pessoas de destaque na sociedade. Fico com a impressão de que essas peças, no fundo, apresentam concretamente uma tomada de consciência mais ampla das inúmeras possibilidades humanas, sem, no entanto, implicar a esperança de se ter muitos caminhos diante de si. Aparentemente, as dramatizações possibilitam que os jovens se aventurem encarnando diferentes personagens e encenando situações diversas, não implicando necessariamente que acreditem que algo de semelhante ao dramatizado venha a acontecer em suas vidas. O teatro da espontaneidade parece, portanto, surgir como uma oportunidade valiosa de experimentação lúdica potencialmente capaz de favorecer a articulação simbólica dessas diversas experiências encenadas, já que o fenômeno unitário da conduta, conforme assinala Bleger (1989), se expressa concomitantemente nas três áreas; a simbólica, a corporal e a de ação no mundo externo.

Observo que as peças retratam uma gama muito ampla de personagens; mendigo, mascarado, padre, santa, noivo, noiva, pais, madrinha, padrinhos, afegãos, policiais, camelô, grávida, prostituta, drogados, desde homens comuns a artistas e super-heróis. Era muito divertido ver desfilarem na sala esses adolescentes, com óculos, seios, perucas, bijuterias, chapéus, véus, objetos de todo tipo para caracterizar os papéis criados no grupo. No meio disso tudo, era interessante observar o prazer dos jovens nessa atividade. Novamente, sou levada a crer que, mais do que as personagens ou as cenas representadas, o divertido era mesmo brincar de se fantasiar, de representar, não importando o quê. Imagino que essa brincadeira deve ir ao encontro de uma necessidade

básica³³, fundamental, de todo ser humano. Penso que esse sentimento de plenitude, de satisfação, decorrente do brincar deve estar relacionado à possibilidade do verdadeiro *self* acontecer, desenvolver-se, ser reconhecido. Observa Winnicott (1971a/1975) que o brincar favorece a expressão criativa, o desenvolvimento das potencialidades, contribuindo na presentificação do verdadeiro *self*. Nesse sentido, a brincadeira de se fantasiar e de dramatizar apresenta-se como um meio, a meu ver, muito fecundo, de favorecer essa realização do *self* no mundo.

Volto à peça “Sofrimento e desamparo” e leio a fala do filho falecido durante seu próprio velório. Ele levanta-se do caixão e diz: “*Ai, vou sair daqui senão vocês me matam, me sufocam!*” De fato, o menino estava rodeado de mulheres chorosas debruçando-se sobre ele, mas me pergunto se essas palavras também não expressam uma vivência emocional adolescente, reafirmando que a possibilidade de vida, de ser adolescente, de acontecer no mundo, subentende não se sentir sufocado, seja pelos pais, ou pelas circunstâncias da vida que eventualmente obrigam a se casar, a seguir um caminho pouco desejado. Imagino também que, talvez, esse episódio esteja aludindo à morte na fantasia dos pais internalizados na infância. Observa Winnicott (1971a/1975, p. 196) que:

Se a criança tem que se tornar adulta, então essa transformação se faz sobre o cadáver de um adulto.

Um trecho da peça “A hora do beijo” parece ilustrar essa estreita ligação entre nascimento e morte, esta última inaugurando a possibilidade de vida, de crescimento. Enquanto que de um lado da sala, alguns jovens representavam o

³³ Winnicott (1956/2000) faz a distinção entre necessidade e desejo, observando que, num primeiro momento, existem necessidades a serem satisfeitas de modo a possibilitar a formação e estruturação do ego do indivíduo. Somente num momento posterior, quando já existe uma organização de ego, torna-se possível haver desejo. As exigências de satisfação do desejo podem então ser entendidas como parte do *self* e não decorrentes de fenômenos ambientais.

nascimento do filho, do outro, os meninos velavam o pai assassinado. Observo que são todos homens ao redor do pai falecido, que em vão debatia-se no caixão na tentativa de se reerguer. Essa cena me faz lembrar a idéia de parricídio, fenômeno que, como sabemos, é abordado inúmeras vezes por Freud (1990) e faz parte, desse modo, do imaginário dos psicanalistas. Tenho a impressão que esses jovens interpretam a experiência emocional adolescente do confronto com o rival, ocasionando a morte do pai na fantasia e, conseqüentemente, o triunfo do adolescente manifestado no seu desabrochar enquanto homem adulto.

Continuando minha reflexão sobre as narrativas das peças, observo que muita coisa se repete; os casamentos, as mortes, a alegria de se fantasiar, o divertimento de dramatizar, a sexualidade bastante evidente nos comentários dos jovens, nos elementos que eles trazem, como por exemplo, nas bananas e salsichas, na sensualidade reservada à bolsinha que guarda o seu batom, nos lábios da jovem moça ao receber tão cobiçado batom, no sorvete muito caro, nos dedos colocados nas alianças... Noto que muitas dessas imagens remetem à boca e à comida. Torno, então, a pensar nos amantes assassinados a tesouradas justamente no estômago que guarda o alimento, também me lembro do comilão no meio do puteiro. A proximidade entre temas relativos ao sexo e à comida levam-me a considerar se esses temas podem estar emocionalmente ligados no universo desses jovens, remetendo a uma sexualidade relacionada a uma satisfação principalmente oral.

No “Casamento da perua” não se dramatizou nenhuma morte em específico, mas percebo que também não foi possível a realização do casamento com a noiva de branco, imagino virgem. Esta foi trocada violentamente pela perua, prostituta, experiente, rica, vestida de preto. O noivo que antes chorava no altar passou a sorrir. Pergunto-me que tristeza é essa, tão profunda e sentida. Estava evidente que o noivo preferia a colega no papel de perua, mas, mesmo assim, ainda me pareceu que o encontro do jovem noivo

com a virgem inexperiente causava um certo desconforto no grupo. Penso na insegurança dos jovens no momento do primeiro encontro sexual, quando se sentem solicitados a corresponder diante de seus parceiros como homem ou como mulher. Aparentemente, essa incerteza em relação a si mesmo, assusta, amedronta, gera sofrimento.

Noto que, embora em diversos momentos nas dramatizações emergisse uma sexualidade exacerbada, como, por exemplo, no “Casamento das prostitutas”, os jovens apresentavam-se, às vezes, um pouco envergonhados e encabulados quando representando uma cena de maior intimidade entre os noivos. Em diversas ocasiões, no casamento das prostitutas, em “A hora do beijo”, no casamento do mendigo, dos gays, repetiu-se a cena do noivo beijando a noiva na bochecha para selar o casamento celebrado. Em geral, o noivo ficava muito sem graça e a noiva chegava até a enrubescer. Tanta exibição, empolgação, insinuação, para na hora do beijo deixarem transparecer quão inseguros e assustados estavam perante a possibilidade de intimidade que pode acontecer a um jovem casal. Percebo que, embora se possa aprender muito sobre sexo através de revistas, da mídia, de cartazes publicitários, é muito diferente ver um beijo acontecendo na televisão do que viver de fato uma situação que remete à própria sexualidade.

Essa timidez face à cenas de intimidade, leva-me a pensar no “Casamento do mendigo”, no jovem que acabou representando a personagem de televisão Nelson da Capetinga, que tem uma esposa muito bonita, cobiçada por todos os homens. Esse marido ingênuo nunca percebe o que acontece à sua volta, as tramóias dos outros homens interessados em conquistar sua atraente e sensual esposa. Volto a pensar também no comilão que apareceu à minha frente com um guardanapo em torno do pescoço, no meio do puteiro, parecendo muito ingênuo ao propor sua fantasia no contexto encenado. Ao mesmo tempo em que observo cenas muito carregadas de elementos sexualizados, também sinto o desconforto que elas causam na turma.

Pergunto-me por que personagens como o Nelson da Capetinga e o comilão não são capazes de ter uma boa percepção das coisas, por que os jovens ficam tão encabulados ao trocar um beijinho. Refletindo um pouco mais imagino que, também, justamente por terem essa percepção do que acontece à volta deles, preferem assumir esta condição de ingenuidade ou deixam transparecer a emoção que os invade. Winnicott (1963/1983, p. 173) assinala que:

Na adolescência, quando o indivíduo está sofrendo as mudanças puberais e não está ainda pronto para se tornar um membro da comunidade de adultos, há um fortalecimento das defesas contra o fato de ser descoberto, isto é, ser encontrado antes de estar lá para ser encontrado.

Talvez, esse desconforto observado acerca da sexualidade esteja justamente relacionado ao sentimento de, eventualmente, não se perceber pronto, preparado, para ser descoberto, encontrado, como membro da comunidade adulta. Nesses casos, o isolamento, o retraimento, pode ser uma forma de tentar proteger-se de uma invasão porventura sentida, (Winnicott, 1963/1983).

Em contrapartida, penso também no pai da noiva assanhado no puteiro. Esse jovem, ao contrário do Nelson da Capetinga, do comilão, dos jovens encabulados, mostrou-se extremamente empolgado diante da possibilidade de agarrar as meninas, beijar, representar um homem emancipado do ponto de vista sexual. Notei, entretanto, que essa personagem ocasionou uma certa irritação na turma, levando alguns a pedirem a ele que sossegasse um pouco, pois estava dificultando a realização dos casamentos. No “Casamento das prostitutas” mais especificamente, a ansiedade pareceu muito intensa a ponto de quase inviabilizar a dramatização, o brincar. Vejo como o tema abordado pode influir muito na possibilidade e na qualidade do brincar, do representar, independentemente do quanto esse brincar possa ser importante e salutar. Os jovens que apresentaram o “Casamento das prostitutas” eram todos mais novos

de uma classe de sexta série. Penso que talvez a idade dos participantes, todos entre 12 e 15 anos, e o tema abordado, tenham contribuído no estabelecimento desse clima de tensão e ansiedade sentido nessa peça.

Existem, de fato, jovens mais bem informados do que outros, embora eu não acredite que seja esse o caso do pai assanhado no prostíbulo, talvez até podendo ser o contrário; um jovem mais novo e sem saber muito bem como agir face à situação encenada. Há também que se considerar que a maturidade sexual vai sendo alcançada pelos jovens em momentos diferentes, alguns são mais precoces enquanto outros se desenvolvem mais tardiamente. Contudo, observando essa diferença de tempo de maturação de cada um, e considerando o momento atual em que se tem acesso a tanta informação sobre sexo, camisinha, aids, aborto etc., fico perguntando-me como é isto de representar casamentos e cenas de beijos. Aparentemente, há uma permissão maior para se abordar esses temas levando a turma, inclusive, a exhibir cenas como a da transa na Igreja no “Casamento das prostitutas”. Entretanto, se por um lado há essa tendência a uma veiculação mais livre de imagens sexualizadas no meio adolescente, por outro imagino que pode haver uma certa cobrança velada em termos de ter que se saber de tudo a respeito de sexo, transa, etc. Acredito que essa eventual cobrança pode acabar alimentando um sentimento de inadequação, e estimulando os jovens mais desinformados, quem sabe ainda mais novos, ou com interesses mais voltados para outros temas que não apenas o sexo, a assumirem personagens, que sejam muito exuberantes e supostamente experientes, como o pai assanhado, ou mais ingênuos e distraídos como o comilão. Também observo que o fato de, eventualmente, alguns adolescentes “saberem tudo” a respeito de sexo, camisinha, etc., não dispensou a necessidade de se discutir a respeito desses temas e de se dramatizar casamentos, não eliminou a vivência enquanto forma de apropriação de conhecimento, de experiência.

Lembro-me de um moço muito exuberante, apresentando-se como se fosse muito experiente no relacionamento com meninas, que na brincadeira das “perguntas indiscretas” acabou soltando-se e formulando diversas perguntas, evidenciando sua falta de conhecimento e de vivência sexual. Através dessa brincadeira entendo que foi possível para esse jovem um maior contato consigo mesmo. Percebo que, assim como foi possível, nessa brincadeira, a expressão mais verdadeira desse jovem, de modo semelhante, nas dramatizações, surge a oportunidade de cada participante presentificar o seu estilo, o seu modo particular de ser, ainda que encenando. Entendo que, paradoxalmente, na brincadeira, e especificamente no teatro da espontaneidade como uma modalidade refinada do brincar, posso não ser eu de verdade, posso viver uma situação qualquer, uma personagem imaginária, enquanto, ao mesmo tempo, revelo-me, aproximo-me um pouco do que há de mais profundo e genuíno em meu ser, permitindo que esse “núcleo sagrado” apareça. O brincar, a ficção, assim como a experiência cultural, pode ser o meio de presentificação do *self* verdadeiro, esse núcleo central do ser que merece ser preservado e que permanece silencioso, desconhecido, nunca encontrado (Winnicott, 1963/1983). Entendo que quando oferecemos, através de uma atividade lúdica como o teatro da espontaneidade, a possibilidade de uma comunicação verdadeira, envolvendo esse núcleo sagrado, que podemos chamar de verdadeiro *self*, surge a oportunidade do indivíduo sentir-se real, vivendo de acordo com o que existe de mais profundo em seu ser.

Continuo, então, essa minha leitura das peças com “O casamento do mendigo”. Observo que, logo de início, nessa dramatização, os jovens, além de experimentarem diversos trajes e sugerirem variadas personagens, apresentam-se uns aos outros, a cada momento, com nomes diferentes: Nelson da Capetinga, José Alberto, Robertino, etc. Fiquei até um pouco confusa diante dessa troca incessante de nomes, sem saber ao certo quem era quem e de que modo queriam ser chamados. Os adolescentes pareciam encantados com essa brincadeira de troca de nomes, como se, de repente, também em função da

fantasia adotada e da possibilidade de dramatização, pudessem sentir-se à vontade para trocar, temporariamente, de personagem podendo, então, experimentar estar na pele de uma outra pessoa, sem se sentirem comprometidos, implicados.

Nelson da Capetinga acabou virando mendigo e também noivo. Sinto, nessa dramatização, uma preocupação em relação ao futuro, quanto a poder se casar, ter uma esposa, ou, eventualmente, virar um mendigo na rua chutado por transeuntes. Noto que o jovem mendigo e noivo, insistentemente, exhibe seu brinco e pede para filmá-lo, para registrar o que ele possui de tão valioso, o que ele tem a oferecer, talvez prova de sua virilidade, ou, quem sabe, de sua ambigüidade. Além da preocupação de um dia eventualmente vir a se tornar mendigo, um excluído social, essa peça apresenta as dificuldades concretas da vida, a dureza das condições enfrentadas no dia-a-dia por grande parte da população jovem. O casamento do mendigo acontece sem o brilho que a noiva gostaria, nem cantam para a entrada dos noivos, nada parece corresponder ao sonho de criança da noiva. Há um incômodo geral, os noivos ficam sem graça, mal se casam e já querem se separar, a situação é angustiante, ronda a preocupação do casamento tornar-se um suplício devido às difíceis condições encontradas no cotidiano.

Aparentemente, há um questionamento a respeito do que se tem a oferecer, se será possível bancar um casamento, realizar suas aspirações, constituir família, manter uma casa... Acompanhando esse questionamento dos adolescentes, parece que também subjaz um sentimento de exclusão social vivido em função das difíceis condições sócio-econômicas enfrentadas concretamente no dia a dia. Pergunto-me que efeitos podem ter esse sentimento e essa vivência de exclusão na experiência emocional adolescente. Imagino que devam afetar profundamente as perspectivas de vida dos jovens com quem trabalhei, o sentido de devir enquanto possibilidade de realização de sonhos, de inserção no mundo adulto. Volto a pensar no conformismo do noivo

que chorava no altar em face à suas possibilidades restritas de futuro. Também me lembro de que em “A hora do beijo” estava difícil de arranjar um candidato para o papel de noivo, visto que já estava previamente predestinado a morrer logo após a cerimônia religiosa. Aparentemente, existe uma relutância em entrar numa relação mais séria e não conseguir arcar com as despesas, as conseqüências que a acompanham, como por exemplo, uma gravidez antes do esperado. Paralelamente a isto, penso que há também uma preocupação em perder o brilho, morrer, penetrar e ser engolido, envolvido por uma situação que pode levar à loucura, ao conformismo, à perda de si mesmo. Quanto custa mesmo para se ter uma namorada, para crescer, entrar no mundo dos adultos? Talvez esse custo esteja relacionado a uma possível perda de liberdade pessoal e inibição da possibilidade de um viver criativo em função das difíceis condições vividas no cotidiano. Observa Winnicott (1967/1999) que os jovens estão essencialmente preocupados com o ser, com se sentirem reais. No entanto, para que isto aconteça, é preciso encontrar um equilíbrio atendendo, ao mesmo tempo, aos impulsos pessoais e às expectativas do mundo externo, sem sucumbir a nenhum deles. Tenho a impressão de que o tema do ser que aparece de forma mais nítida nesse “Casamento do mendigo”, acompanha todas as demais dramatizações encenadas na escola trazendo em pauta a questão de poder acontecer no mundo apesar das dificuldades experimentadas no cotidiano. Não se trata apenas do que se tem para oferecer, mas parece que os jovens estão também se perguntando quem são. Transparece a angústia de se perceberem pobres mendigos. Afinal, o que é mesmo necessário ter e/ou ser para crescer, casar-se, ter uma mulher, tornar-se um adulto? Não apenas a sexualidade, mas também o ser aparece em xeque levando o noivo mendigo a, insistentemente, precisar mostrar que tem um brinco. Acompanha a decepção de não conseguirem vir a realizar os tantos planos que vislumbraram para si e que parecem pouco prováveis, ou, até mesmo, impossíveis de acontecer. Entendo que o ser, nessas peças, parece relacionado à possibilidade do jovem poder integrar esse borbulhar da vida e da morte acontecendo ao mesmo tempo e conseguir conciliar suas aspirações e as dificuldades sócio-

econômicas sofridas, sem perder a dignidade, o brilho, sem se prostituir, sendo autêntico.

Este tema do ser que acompanha todas essas dramatizações, a meu ver, remete à questão de se conseguir encontrar um novo posicionamento pessoal, colocando em prática o potencial inerente a todo ser humano, eventualmente ainda não vivido, mas prestes a se tornar presente. Quando, porventura, em função de difíceis condições enfrentadas ao longo da vida ou da falta de oportunidades, esse potencial criativo não encontra um espaço para acontecer, não encontra respaldo no ambiente de modo a poder ser criado/encontrado, ele permanece não usado em forma de sofrimento. De acordo com Winnicott (1971a/1975), quando o viver criativo fica comprometido, permanece a insatisfação em função do que está oculto, do que carece do enriquecimento propiciado pela experiência do viver.

Assim sendo, considero importante procurar oferecer aos jovens oportunidades de crescimento que os ajudem a criar/encontrar suas capacidades, a desenvolver esse lado pouco explorado e, às vezes, assustador, do devir, esse potencial por acontecer, que quando se realiza permite ao indivíduo sentir-se real e vivendo sua própria vida. Acredito, portanto, que os encontros na escola ofereceram vivências que favoreceram essa presentificação de si mesmo e o desenvolvimento de capacidades pessoais, eventualmente, até então não realizadas, e à espera de poder acontecer. Lembro-me de Cinderela, uma moça de 15 anos, que, no início de nossos encontros, tinha muita dificuldade em participar das atividades. Com o tempo essa menina tornou-se uma das adolescentes mais atuantes nas dramatizações, participando, inclusive, de forma notória, de uma peça que a turma apresentou no final do ano para a escola. Assim como Cinderela, outros também chamaram a atenção pelo que puderam realizar, ampliando assim suas percepções acerca de suas possibilidades de ser, facilitando um devir que existe enquanto potencial a ser criado e encontrado.

Certamente, muitos outros temas poderiam ser explorados nessas peças. Sei que minha leitura das dramatizações não consegue dar conta da riqueza que esse material oferece, da mesma forma que o meu relato das peças também captou apenas uma visão particular de um universo dinâmico que acontecia à minha frente. Contudo, é preciso fazer escolhas, deixar de lado algumas coisas e focalizar outras para se poder caminhar. Da mesma forma, na adolescência, escolhas precisam ser feitas, é necessário viver a morte, quebrar um mundo, para poder seguir em frente.

REVISITANDO O TEATRO DE ESPONTANEIDADE

COMO POSSIBILIDADE DE PRESENTIFICAÇÃO

DO SELF

Entendo que a proposta de oficinas de teatro de espontaneidade como um enquadre diferenciado no atendimento psicoprofilático de adolescentes surge como uma possibilidade de favorecer uma aproximação no plano imaginativo dos medos e das dificuldades sentidas pelos jovens nessa fase de crescimento, bem como a aproximação e exploração do outro sexo e da própria sexualidade, deste “outro”, si mesmo, que desponta na adolescência. Nas dramatizações, os adolescentes trouxeram essas mortes e casamentos, sentimentos que, acredito, estão relacionados à possibilidade de acontecer, às dificuldades sofridas no dia-a-dia, ao que dá muito prazer ou desprazer, ao que assusta, é pouco familiar e ao mesmo tempo desejado, favorecendo uma elaboração, e eventual integração, de sentimentos contraditórios próprios da idade e de nosso mundo contemporâneo.

No teatro espontâneo, o que é vivido nas dramatizações surge do acaso, do encontro, na forma mais criativa e espontânea possível naquele momento, para cada um dos participantes. Durante a cena representada, que acontece no plano do “faz de conta”, os jovens podem se sentir à vontade para experimentar como seria viver uma determinada situação, imaginando-se no papel de uma outra pessoa, sem ter que assumir a responsabilidade de serem eles próprios, sem se assustarem com aspectos poucos conhecidos ou aceitos que possam surgir no encontro. Nesse ambiente lúdico, que promove uma distância suficiente do que é representado para se poder brincar de ser adulto, de escolher um parceiro, de ser prostituta, ter um bebê, casar, separar, etc., torna-

se mais fácil viver o que é difícil falar, expressar, o que, na verdade, nem se conhece ao certo.

Observo que essa proposta de trabalho com adolescentes, fazendo uso do teatro de espontaneidade como procedimento “apresentativo-expressivo”, permite o estabelecimento de um ambiente lúdico que estimula os jovens à dramatização, tornando possível representar, tanto em cena quanto no plano imaginativo, diversos papéis e sentimentos, loucuras, esquisitices que remetem aos sonhos e pesadelos adolescentes. Aquilo que é intolerável, fora da lei, proibido, trágico, preconceituoso, etc., pode, então, ganhar forma, transformando-se em algo de tolerável, prazeroso, permitido, adquirindo um novo significado na vida dos jovens.

Brincando, esses jovens trazem sofrimentos, dúvidas e inseguranças, de cada um e ao mesmo tempo de todos, para um mundo humanizado, com contornos limitados, para o mundo da dramatização na presença do psicanalista. Assim, o mistério que é o viver, o erotismo, a morte, o crescer, parece tornar-se menos assustador, pois pode ser abordado em companhia, pode ser compartilhado com outros que, eventualmente até, encontram-se em situação semelhante. Quando nos localizamos no mundo humano e não no abismo das agonias impensáveis, onde se cai eternamente num espaço sem limites, adquire-se uma capacidade de conviver com o desconhecido, com o misterioso, sem perder a continuidade de ser, ainda que continuemos convivendo com o mistério da nossa vida.

Num enquadre diferenciado como o que proponho aqui, fazendo uso do teatro da espontaneidade como procedimento “apresentativo-expressivo”, torna-se, portanto, possível abordar temas mais delicados, que geram dúvidas e sofrimento, sem perder essa continuidade de ser, sem cair num abismo sem limites. Nesse ambiente seguro, capaz de assegurar essa continuidade de ser e de proporcionar uma aproximação de temas que causam desconforto, surge,

então, a possibilidade do indivíduo vir a ser criativo e encontrar o seu caminho. Nessa base segura, abre-se espaço para que o potencial criativo inerente a todo ser humano possa vir a acontecer.

Essa continuidade de ser é garantida pelo ambiente de *holding* oferecido nos encontros e capaz de sustentar o acontecer adolescente, facilitando a entrada dos jovens no mundo do “faz de conta”, da dramatização. Ao sustentar um acontecer, nos moldes do *holding* proposto por Winnicott (1960/1983), os adolescentes podem brincar de ir a esse mundo do “faz de conta” e vir dele, ou, quando isso ainda não é possível, podem desenvolver suas capacidades de brincar livremente. Considero importante observar que só brinca de “faz de conta” aquele que sabe que vai voltar da brincadeira, só é possível experimentar estar na pele de outro se já estivemos na nossa própria. Para que um jovem se disponha a viver diferentes papéis, ele tem que ter a garantia, oferecida pelo *setting* clínico, quando ainda não internalizada, de poder ir a esse mundo do “faz de conta”, experimentar ser gay, padre, drogado, etc., e depois voltar a ser ele mesmo. Essa segurança, que é proporcionada através da sustentação de um ambiente lúdico, acolhedor, e confiável, por parte do terapeuta, permite essa liberdade de movimentação dentro do *setting*, levando os jovens a se surpreenderem com o que deles sai, com suas produções, suas personagens, com o modo como se expressam nas vivências, com suas próprias ações frente às cenas criadas no grupo.

Assim como liro, paciente de Winnicott, citado nas “Consultas Terapêuticas”, que se surpreendeu ao reconhecer nos seus desenhos com Winnicott a sua própria mão representada, não raro, durante uma dramatização, os jovens experimentavam um sentimento de surpresa frente às personagens criadas, frente ao próprio drama encenado, ao desenrolar da situação vivida em grupo. De modo semelhante à mãe, que se surpreende ao dar à luz uma criança que há muito tempo habitava seus sonhos, antes mesmo que o dia de seu nascimento chegasse, geralmente, após uma dramatização ficava o

encantamento pelo que havia sido criado no grupo, a satisfação de se perceber capaz de se expressar e de circunscrever o drama trazido sob o gesto criativo, conferindo-lhe um novo destino. Nesses momentos mágicos de criação e de oportunidade de expressão do verdadeiro *self*, a surpresa é capaz de acalmar, eventualmente até, de aplacar o sofrimento por hora vivido.

Observei ao longo das dramatizações, que em alguns momentos, o conteúdo apresentado nas peças parecia não importar tanto quanto o simples fato de poder se fantasiar e brincar de representar. Esse prazer em brincar, presente em todos os encontros, e que considero fundamental para que a comunicação aconteça, acredito está relacionado a esse fator surpresa mencionado há pouco, à possibilidade do gesto criativo acontecer, evidenciando um potencial que existe enquanto possibilidade de ser criado/encontrado, à espera de um ambiente propício à sua realização. Nesse sentido, acredito que o valor do teatro espontâneo está principalmente em poder proporcionar o encontro inter-humano capaz de favorecer as condições propícias à presentificação de si mesmo, à realização do gesto espontâneo, do que em revelar conteúdos latentes a respeito desse momento adolescente. Aparentemente, qualquer que seja o procedimento adotado, seja ele o teatro de espontaneidade, o jogo de rabiscos, arranjos florais, etc., o mais importante é que possa surgir a oportunidade de movimento para além da situação apresentada, um movimento de vida que somente acontece na presença de um outro, numa relação inter-humana, não invasiva, capaz de proporcionar a continuidade de ser necessária à expressão criativa e genuína do verdadeiro *self*. Não se trata, portanto, nesse ambiente não invasivo, sensível às necessidades dos jovens, e acolhedor da expressão adolescente, de interpretar ou mesmo de tentar mostrar um caminho para os jovens, mas de buscar favorecer que os adolescentes sejam eles mesmos e encontrem seus próprios caminhos, sem se sentirem ameaçados, proporcionando-lhes uma experiência também capaz de contribuir no sentido de restaurar os adolescentes de invasões porventura sentidas ao longo de suas vidas.

Conforme fui retomando essas peças e refletindo sobre esses atendimentos, foi ficando cada vez mais claro o modo como é possível se estar com os adolescentes em oficinas de teatro espontâneo, da maneira como proponho aqui. Uma das tarefas do psicanalista presente nos encontros é de acolher os sentimentos que aparecem no grupo, do modo como o grupo é capaz de apresentá-los, às vezes mesmo não podendo nomeá-los, ou representá-los nas peças. Lembro-me dos jovens que não podiam falar, dramatizar, ou mesmo se fantasiar, de tão preocupados que estavam quanto ao que poderia acontecer caso se soltassem. Entendo que, nesses momentos, surge a oportunidade para o psicanalista presente de, eventualmente, se oferecer para o papel talvez ainda difícil de ser representado. Durante as dramatizações, ao perceber os sentimentos evocados no grupo, como por exemplo, os sentimentos relacionados à fragilidade do mendigo, à precariedade da condição humana, ao abandono, ao estabelecimento de novos vínculos amorosos, a episódios que revelam coragem, astúcia, medos, torna-se possível observar dúvidas, conflitos, questões atuais, que preocupam, e que aparecem no dia a dia dos jovens. Nesse contexto, sentindo, então, a necessidade do grupo, penso que cabe oferecer-se para viver o papel solicitado no grupo. Nas peças encenadas na escola, aconteceu de, transferencialmente, a demanda do encontro, dos jovens, ser que eu me transformasse numa mulher assassinada, numa namorada na praça, num padre... Entendo que o psicanalista contribui de modo sensível com o seu próprio rabisco, com a sua participação na dramatização, entrando em cena, assumindo papéis que julga adequados à situação apresentada, e oferecendo suporte para que os adolescentes façam seus movimentos, seus rabiscos, na dramatização, no contexto vivido ali em grupo.

O teatro da espontaneidade, do modo como pratiquei na escola, pareceu-me muito adequado à população jovem, sem com isso desconsiderar seu valor no trabalho com outros grupos de outras idades. Notei que o teatro

espontâneo, entendido como uma brincadeira pelos adolescentes, acabou sendo também percebido por eles como criação deles, de nossos encontros, evidenciando essa adequação do enquadre proposto às necessidades adolescentes. De modo geral, entendo que o teatro de espontaneidade como procedimento “apresentativo-expressivo” mostrou ser uma ferramenta poderosa e rica no trabalho com os jovens, ajudando-os a criarem/encontrarem suas capacidades, a desenvolverem o potencial que têm enquanto possibilidade de devir, enriquecendo seus modos de ser, favorecendo a presentificação do verdadeiro *self*.

Vaisberg (2002) aponta a importância de se desenvolverem práticas clínicas diferenciadas, comprometidas em favorecer um ambiente de continuidade de ser capaz de acalmar sofrimentos mais comumente experimentados em nosso mundo contemporâneo, relacionados ao sentimento de irreidade e de exclusão do mundo humano. Entendo que propostas clínicas como a que apresento neste trabalho, baseadas no oferecimento de um ambiente de *holding* favorável à presentificação do *self*, contribuem para resgatar o sentimento de realidade, de estar vivo e vivendo de fato a sua própria vida. Nesse sentido, e considerando as difíceis condições de vida enfrentadas por grande parcela da população jovem, acredito que intervenções como essa que realizei na instituição escola podem contribuir muito no sentido de tornar a trajetória do jovem rumo ao mundo adulto, à independência, menos sofrida, ajudando-os a acontecer no mundo, a se sentirem reais e fazedores da própria vida, estimulando-os a encontrar um viver criativo, baseado no próprio ser.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, H. H.; ANDERSON, G. L. **Técnicas projetivas do diagnóstico psicológico**. Tradução de Elza Bennett. São Paulo: Mestre Jou, 1967. 701 p.
- ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000. 180 p.
- BARUS-MICHEL, J.; GIUST-DESPRAIRIES, F. Por uma epistemologia da psicologia social clínica. **Psychê**, São Paulo, Ano V, n. 7, p. 135-148, 2001. Tradução de Christiane Isabelle Couve de Murville Camps.
- BLEGER, J. **Psico-higiene e psicologia institucional**. Tradução de Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. 138 p.
- _____. **Psicoanálisis y dialéctica materialista**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988. 242 p.
- _____. **Psicologia da conduta**. Tradução de Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 244 p.
- BUSTOS, D. M. **O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática**. Tradução de Lúcia Neves. São Paulo: Summus, 1982. 230 p.
- CARVALHO, V. L. C. M. **Atitude terapêutica: a pessoa real do analista na relação clínica**. 2001. 135 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2001.
- FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de José Luís Meurer. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 24 v.
- GRANATO, T. M. M. **Encontros terapêuticos com gestantes à luz da preocupação materna primária**. 2000. 106 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.
- LEVINZON, G. K. Dirigindo a cena: a dupla analítica no palco das emoções. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 977-988, 2001.
- KHAN, M. M. R. Une certaine intimité. In: WINNICOTT, D. W. **La consultation thérapeutique et l'enfant**. Tradução de Claude Monod. Hérissé à Évreux: Gallimard, 1971. p. ix-xliv.
- MONTEIRO, R. F. **Jogos dramáticos**. 4. ed. São Paulo: Ágora, 1994. 110 p.
- MORENO, J. L. **Psicodrama**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975. 492 p.
- _____. **O teatro da espontaneidade**. Tradução de Maria Silvia Mourão Neto. São Paulo: Summus, 1984. 150 p.
- NAFFAH NETO, A. **Psicodramatizar**. 2. ed. São Paulo: Ágora, 1990. 104 p.
- ROUSSILLON, R. Atualité de Winnicott. In: CLANCIER, A.; KALMANOVITCH, J. **Le paradoxe de Winnicott: de la naissance à la création**. [S.l.]: Inpress, 1999. p. 9-26.
- SAFRA, G. **A face estética do self: teoria e clínica**. São Paulo: Unimarco, 1999a. 168 p.

_____. **Momentos mutativos em Psicanálise: uma visão winnicottiana.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. 213 p.

_____. Sacralidade e fenômenos transicionais: visão winnicottiana. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Orgs.). **Diante do mistério.** São Paulo: Loyola, 1999b. p. 173-181.

TOFOLO, T.M.J.A. Representações sociais de portadores de deficiências e do papel profissional. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. XLIV, n. 100/101, p. 55-60, 1994.

TSU, T. M. J. A. **Busca de internação em hospital psiquiátrico: análise do discurso dos acompanhantes.** 1986. 246 f. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1986.

TUBERT, S. **A morte e o imaginário na adolescência.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 184 p.

VAISBERG, T. M. J. A. **Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia.** 1999. 197 f. Tese de Livre Docência – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.

_____. Investigação de representações sociais. In: TRINCA, W. (Org.). **Formas de investigação em psicologia: procedimento de desenho-estórias: procedimento de família com estórias.** São Paulo: Vetor, 1997. p. 255-287.

_____. Sofrimento humano e práticas clínicas diferenciadas. In: VAISBERG, T. A.; AMBROSIO, F. F. (Orgs.). **Trajetos do sofrimento: desenraizamento e exclusão.** São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002. p. 06-14.

_____. O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: projeção e transicionalidade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 103-127, 1995.

VAISBERG, T. M. J. A.; CAMPS, C. I. C. M. Representações sociais de professores sobre o adolescente problema. **Revista de ciências humanas**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 353-362, 2002.

VAISBERG, T. M. J. A.; CORRÊA, Y. B.; AMBRÓSIO, F. F. Encontros brincantes: o uso de procedimentos apresentativo-expressivos na pesquisa e na clínica winnicottiana. In: IX ENCONTRO LATINO AMERICANO SOBRE O PENSAMENTO DE D. W. WINNICOTT, 2000, Rio de Janeiro. **Anais.** Rio de Janeiro: [S.ed.], 2000. p. 331-341.

VAISBERG, T. M. J. A.; MACHADO, M. C. L. Psicoprofilaxia grupal na clínica winnicottiana: aproximando teoria e prática. In: CATAFESTA, I. F. M. (Org). **A Clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott e a universidade.** São Paulo: Lemos, 1997. p. 129-135.

_____.; _____. Transicionalidade e ensino de psicopatologia: pensando “aulas práticas” com Winnicott. In: CATAFESTA, I. F. M. (Org). **D. W. Winnicott na universidade de São Paulo: o verdadeiro e o falso: a tradição independente na Psicanálise contemporânea.** São Paulo: Lemos, 1996. p. 239-252.

WINNICOTT, D. W. (1939). Agressão e suas raízes. In: _____. **Privação e delinquência.** Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, Martins Fontes, 1999. p. 93-110.

_____. (1971a). **O brincar e a realidade.** Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 203 p.

_____. (1963). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 163-174.

_____. (1967). O conceito de indivíduo saudável. In: _____. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 3-22.

_____. (1968a). Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In: _____. **Brincar e realidade**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 187-202.

_____. **La consultation thérapeutique et l'enfant**. Tradução de Claude Monod. Hérissé à Évreux : Gallimard, 1971b. 411 p.

_____. (1971a). A criatividade e suas origens. In: _____. **Brincar e realidade**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 95-120.

_____. (1968b). A imaturidade do adolescente. In: _____. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 145-163.

_____. (1968c). O jogo de rabiscos. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**. Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 230-243.

_____. (1949). A mente e sua relação com o psique-soma. In: _____. **Da pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 332-346.

_____. **Natureza humana**. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 222 p.

_____. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: _____. **Da pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 316-331.

_____. (1941). A observação de bebês em uma situação estabelecida. In: _____. **Da pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 112-132.

_____. (1956). A Preocupação materna primária. In: _____. **Da pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 399-405.

_____. (1952). Psicoses e cuidados maternos. In: _____. **Da pediatria à Psicanálise**. Tradução de Davi Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 305-315.

_____. (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 38-54.

_____. (1961). Tipos de psicoterapia. In: _____. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 93-103.

_____. (1969). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: _____. **Brincar e realidade**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 121-131.

_____. (1965). O valor da consulta terapêutica. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Orgs.). **Explorações psicanalíticas**. Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 244-248.

_____. (1970). Vivendo de modo criativo. In: _____. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 23-39.